

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**A EXPERIÊNCIA DE PSICÓLOGOS
QUE EXERCEM SUA AÇÃO CLÍNICA NUMA PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL**

MARIA DANIELLY DA SILVA CABRAL

RECIFE
2009

MARIA DANIELLY DA SILVA CABRAL

A EXPERIÊNCIA DE PSICÓLOGOS
QUE EXERCEM SUA AÇÃO CLÍNICA NUMA PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Dissertação de mestrado apresentada à
Universidade Católica de Pernambuco,
como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Mestre em
Psicologia Clínica, Linha de Pesquisa
Práticas Psicológicas em Instituições.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas

Recife
2009

C117e

Cabral, Maria Danielly da Silva

A experiência de psicólogos que exercem sua ação clínica numa perspectiva fenomenológica existencial / Maria Danielly da Silva da Cabral ; orientador Marcus Túlio Caldas, 2009.

104 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP. Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, 2009.

1. Psicologia clínica. 2. Psicologia fenomenológica. 3. Psicanálise. Existencialismo. I. Título.

CDU 159.9.019.24

MARIA DANIELLY DA SILVA CABRAL

**A EXPERIÊNCIA DE PSICÓLOGOS
QUE EXERCEM SUA AÇÃO CLÍNICA NUMA PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL**

Dissertação de mestrado apresentada à
Universidade Católica de Pernambuco, como
parte dos requisitos para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Clínica.

Aprovada em

___ / ___ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Profa. Dra. Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Profa. Dra. Fernanda Wanderley Correia de Andrade

Faculdade Frassinetti do Recife - FAFIRE

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, a minha querida mãe - sem ela este sonho não teria se concretizado - ao meu pai (in memoriam), aos meus familiares pelo apoio e afeto e aos amigos que construí nesta caminhada.

Aos meus queridos e eternos mestres. Apesar do alto nível intelectual são pessoas humildes e amigas. Também agradeço a todo o corpo docente do Mestrado em Psicologia Clínica da UNICAP. Em especial, ao Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas, Profa. Dra. Ana Lúcia Francisco, Profa. Dra. Carmem Lúcia Barreto, Profa. Dra. Fernanda Wanderley Correia de Andrade e ao Prof. Dr. Karl-Heinz. Sem vocês, seria impossível construir este trabalho desafiador e ao mesmo tempo enriquecedor.

Aos sujeitos colaboradores, pela disponibilidade e aprendizado. Sem vocês, o nosso trabalho não teria atingido como essa prática se efetiva.

A todos que, de alguma forma, auxiliaram-me no cumprimento desta jornada.

As amarras das instituições,
o aprisionamento aos conceitos,
o compromisso com um determinado
modo de pensar.
De tudo isto, clamo por me libertar,
falta-me ainda coragem de ousar.
A angústia, no entanto, inquieta-me
para que eu possa pelo menos tentar.
(FEIJOO, 2000, p.15)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender a experiência de psicólogos que adotam a perspectiva fenomenológica existencial em sua ação clínica, e tem como objetivos específicos: descrever como se deu o percurso acadêmico - profissional até a escolha da linha fenomenológica existencial; apreender os pressupostos fenomenológicos existenciais que norteiam a ação clínica desses psicólogos e compreender como os psicólogos que adotam essa perspectiva percebem suas possibilidades e limites. A metodologia tem um enfoque qualitativo numa perspectiva clínico interventiva. O instrumento será o depoimento (com pergunta disparadora) dos psicólogos (sujeitos colaboradores). As narrativas consequentes, fundamentadas como possibilidade de elaboração da experiência vivida, a partir de Benjamin e Schmidt, serão submetidas posteriormente à analítica do sentido proposta por Critelli, como procedimento de investigação e análise fenomenológica. Os resultados apontaram que todos os entrevistados partiram de uma insatisfação do que lhes era oferecido, para, de maneira tranquila ou mais intensa, lenta ou subitamente, sentirem-se profundamente tomados pela perspectiva que escolheram. A sensação de um encontro vivido com profunda emoção marcou a cada um dos narradores, que, apesar da passagem do tempo, traziam com muita jovialidade e frescor esse momento de suas vidas. Vidas, existências que se sentiram em harmonia, integridade, coerência, comumente comentando a união de seus pontos de vista, visão de homem, como frisaram insistentemente com a perspectiva de ação clínica da fenomenologia existencial. A todos movia a exigência de uma escolha profissional profundamente entrelaçada com a historicidade de cada um. Em nossa região, a concepção fenomenológica existencial foi introduzida pelas psicologias contemporâneas que incorporam o ideário humanista existencial. Entre nossos entrevistados todos se identificam com essa perspectiva. Temáticas muito caras a esse movimento foram frequentemente citadas como fundamentais à ação clínica de nossos sujeitos colaboradores: liberdade-responsabilidade, singularidade-multiplicidade, escuta clínica-empática, sentido, significado, abertura ao novo, angústia e morte. Entretanto, exceto em um de nossos entrevistados, que se sente em transição, e em função desse momento particular, expõe criticamente as concepções dos diversos autores e movimentos que transitam no campo, os demais associam livremente conceitos do humanismo existencial, com analítica da existência. A certeza da escolha correta, a satisfação no trabalho clínico matizou o grupo de entrevistados. Certamente é com esse estado de humor que avaliaram os limites de sua própria ação clínica. De maneira unânime, acreditam que as dificuldades estão relacionadas a insuficiências dos próprios profissionais, sejam ligadas a sua própria história, ao exame de si mesmo ou de apreenderem com mais profundidade as concepções que a fenomenologia existencial propõe.

Palavras-Chave: Ação clínica. Narrativa. Analítica do sentido. Fenomenologia Existencial.

ABSTRACT

This research intends to comprehend the experience of psychologists who develop the existential phenomenological perspective in their clinical activity and holds up specific objectives as describing the trajectory of the academic and professional process until the choice of existential phenomenological approach. It also tries apprehend the existential phenomenological assumptions that lead the clinical activity of these psychologists and understand how psychologists who take this view realize their possibilities and limits. The methodology is focused on a clinical intervention with a qualitative approach. The instrument of the research will be held through psychologists' testimonials (collaborators characters). The narratives, based on Benjamin and Schmidt as a possibility of life experience, are undergone subject to further to analytical sense proposed by Critelli as a procedure investigation and phenomenological analysis. The results showed that all interviewed based on a dissatisfaction of what was offered to them, in a quiet or more intense way, slowly or suddenly, they felt themselves more deeply taken by the prospect of their choice. The sensation of a meeting, lived through great emotion, marked each one of the narrators that despite the passage of time brought with great liveliness and freshness the lived moment from their lives. Lives, existences that have felt in harmony, integrity, coherency, speaking about their points of views, man's view, as they strongly emphasized at the prospect of clinical activity of existential phenomenology. The requirement for a professional choice is deeply intertwined with the history of each one, that was really the fact of their motivation. In our region, the existential phenomenological conception was introduced by contemporary psychologies that promoted existential humanist ideals. All of the interviewed identified themselves with this perspective. Themes to this movement were often cited as essential during the action of our collaborators characters: freedom-responsibility, singularity, multiplicity, clinical and empathy listening, sense, meaning, openness to new, anguish and death. However, except for one of our interviewed, who considering himself into the transition process, and due this particular moment, shows critically the conceptions of several authors and movements of the highlighted field. The other ones openly associate existential concepts of humanism with the analytical existence. The certainly of the correct choice, and the satisfaction with the clinical effort offered different ways to the interviewed group. Certainly, it is through this mood that they assessed the limits of their own clinical activity. So, in a general way, they believe that the difficulties are related to inadequacy of the professionals, that is, the difficulties may be linked to their own history, to the examination of themselves or to the deep learning of the concepts proposed by existential phenomenology.

Key words: Clinical activity. Narrative. Analytical sense. Existential Phenomenology.

SUMÁRIO

1. APRESENTANDO O CAMINHO A SER PERCORRIDO	8
2. BREVE PERCURSO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA	11
3. PSICOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS QUE FAZEM PARTE DO MOVIMENTO HUMANISTA EXISTENCIALISTA	26
4. AS CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA E DA ANALÍTICA EXISTENCIAL NA CONSTRUÇÃO DA CLÍNICA PSICOLÓGICA	37
4.1. A Fenomenologia	37
4.2. Analítica Existencial de Heidegger	47
5. PSICOLOGIA CLÍNICA NUMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL	50
6. OBJETIVOS	60
6.1. Objetivo Geral	60
6.2. Objetivos Específicos	60
7. METODOLOGIA	61
8. RESULTADOS E DISCUSSÕES	68
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	100

1. APRESENTANDO O CAMINHO A SER PERCORRIDO

O primeiro momento que consideramos determinante na nossa escolha pela linha de pesquisa, sobre Fenomenologia Existencial aconteceu no curso de Especialização em Intervenções Clínicas da UNICAP, no decurso da disciplina: Clínica Fenomenológica Existencial, com a professora Carmem Barreto. Entre outras reflexões, a distinção entre a Abordagem Centrada na Pessoa e a Perspectiva Fenomenológica Existencial foi profundamente esclarecedora.

A construção da monografia com o título: Adolescência e drogas: uma perspectiva fenomenológica existencial, orientada pelo professor Marcus Túlio Caldas, permitiu um maior conhecimento dessa proposta, que deu início de um longo caminho de aprendizagem.

Envolvida com essa temática, em 2007 iniciamos o mestrado na linha de pesquisa Práticas Psicológicas em Instituições. Durante o curso, percebemos que ainda há certo desconhecimento sobre as temáticas desenvolvidas, principalmente com relação à Fenomenologia Existencial, que se encontra em fase de consolidação no Nordeste.

Tal constatação se apresentou como preocupação e desafio. Preocupação porque a Fenomenologia Existencial tem, entre suas propostas, a crítica à postura da ciência moderna, que, a partir de seu conhecimento e controle sobre o mundo transformaram o homem em coisa objetiva, afastando-se cada vez mais de qualquer atitude que busque uma compreensão do sentido da vida. Esse modo de olhar se estende à pesquisa, onde observamos a produção de conhecimento segundo um determinado padrão que repete, mecanicamente, certos procedimentos teórico-metodológicos.

Acredita a Fenomenologia que tal modo de proceder objetiva superar a insegurança do ser, mesmo que haja risco de uma desvalorização ética do homem, em favor de uma atenção direcionada aos equipamentos e modelos de controle do mundo. Portanto, considera a possibilidade de construção do conhecimento científico a partir de outra compreensão do que seja rigor e autenticidade. O espírito crítico dessa perspectiva e a sua busca incansável de penetrar no mais humano do homem têm provocado a atenção de importantes pesquisadores e clínicos no campo da psicologia. Logo, dada sua importância na construção de uma psicologia mais próxima da existência do homem, fica a pergunta: por que o desconhecimento de suas temáticas? Não deveriam estar entre os debates que ocorrem atualmente no seio da psicologia? Continuamos a nos indagar sobre o que poderia responder a essas questões e percebemos que as respostas às mesmas não são simples, tampouco se esgotam nas

dificuldades que, inevitavelmente, ocorrem no encontro entre a Filosofia e a Psicologia, tão caro à Perspectiva Fenomenológica Existencial, considerada, inclusive, em sua ação clínica.

Como comentamos acima, tais preocupações, a nos instigar, transformaram-se em desafio. Desafio que, por sua vez, se apresentou como necessidade de contribuir para uma mudança no cenário descrito no início deste capítulo. Que estratégia poderia seguir para responder as nossas preocupações? Tratava-se de um desafio possível de ser respondido? Que contribuições trariam?

Tomando a experiência tal como é compreendida pela Fenomenologia Existencial, ou seja, como possibilidade de expressão do ser em seu ser-lançado-no-mundo, e a linguagem que se dá em liberdade, a que possibilita a revelação do ser, por que não dar voz aos psicólogos, que, como nós, apesar das dificuldades, escolhemos exercer nossa ação clínica nessa perspectiva? Assim, intitulamos nosso trabalho: “A experiência de psicólogos que exercem sua ação clínica numa Perspectiva Fenomenológica Existencial”, e formulamos as seguintes questões: Qual o percurso acadêmico-profissional até a escolha da linha Fenomenológica Existencial? Quais os pressupostos Fenomenológicos Existenciais presentes na ação clínica? Quais as possibilidades e limites encontrados na ação clínica? Estes questionamentos permitiram traçar os objetivos geral e específicos.

Visando responder a esses objetivos, iniciamos nosso trabalho fazendo um breve percurso pela história da Psicologia. A constituição da Psicologia, como ciência independente, é nosso ponto de partida para a reflexão sobre as importantes relações que esta estabelece com a Filosofia e com as Ciências Naturais, aspectos fundamentais em seu percurso atual.

Seguindo nosso percurso, pela importância para todas as reflexões que se seguem, debruçamo-nos sobre a Fenomenologia de Husserl e a Analítica Existencial de Heidegger que propõe uma Fenomenologia Hermenêutica que difere da formulada por Husserl.

O próximo capítulo: Psicologias contemporâneas que fazem parte do movimento Existencialista Humanista, comenta sobre um grupo heterogêneo de perspectivas teórico-práticas que marcou profundamente a ação clínica nas últimas décadas. Dentre estas, podemos citar a Psicologia Humanista, a Abordagem Centrada na Pessoa e a Gestalt-terapia, mais próximas à reflexão de Husserl e à Psicologia Existencial, que Penna considera fortemente influenciada pela Analítica Existencial de Heidegger.

Dessa forma, guiados pelos escritos de Boss, Pompéia, Sá e Sapienza, seguimos finalmente a construção da Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial, fortemente devedora da obra de Heidegger e de sua Analítica da Existência. Pela complexidade de sua

tarefa, a Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial está em franco processo de desenvolvimento, gerando polêmicas, conflitos e questionamentos extremamente enriquecedores para psicólogos e sua ação clínica. Estamos então, no capítulo de número cinco.

Quanto às narrativas, estas foram trabalhadas a partir da metodologia proposta por Dulce Critelli “Analítica do Sentido”, como procedimento de investigação e análise fenomenológica. Tal procedimento busca uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica existencial, o que favorece a construção de outro paradigma acerca do homem e de seus modos de ser, como também outra possibilidade de compreender a ação clínica, que pode ser acompanhada nos Resultados, Discussões e Comentários Finais desta pesquisa.

2. BREVE PERCURSO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

O objetivo deste capítulo é percorrer, de maneira breve, o projeto de constituição da Psicologia como disciplina científica e como ciência independente, assim como as contradições em que ela se encontra na sua busca de fundamentação.

A condição da Psicologia como ciência independente deu-se a partir do século XIX, onde na sua segunda metade, surgiram estudiosos dessa questão, os quais julgaram necessário propor uma área específica dedicada aos estudos psicológicos. Alcançado esse espaço, surgiu o psicólogo e, conseqüentemente, instituições de ensino universitário e de pesquisa acerca desta especialidade (FIGUEIREDO; SANTI, 2008).

É sabido que, para que uma ciência possa se estabelecer com independência de outras áreas do saber, é necessário que tenha um objeto próprio, assim como métodos adequados ao estudo desse objeto. Segundo acima citados, a Psicologia, no que diz respeito ao seu objeto e a sua independência, traz complicações, pois filósofos da antiguidade já tratavam acerca de questões que a Psicologia científica trata como “comportamento”, o “espírito” ou a “alma” do homem. Igualmente, na Idade Moderna, médicos, físicos, anatomistas e fisiólogos estudaram os diversos aspectos dos comportamentos involuntários e voluntários do homem. A se considerar também nesse conjunto as ciências da sociedade (como a História, a Antropologia, a Sociologia) que começavam a se constituir nesse período. Estas ciências tratavam das ações humanas e de suas obras, especificamente do comportamento contextualizado na condição histórica de uma determinada comunidade.

Nascida a partir desta realidade, a Psicologia encontra-se dispersa entre essas diversas ordens de conhecimento. Esta dispersão auxiliou na ocorrência de duas precondições socioculturais para que a Psicologia surgisse como ciência no século XIX, são estas: a) uma experiência muito clara da subjetividade privatizada; b) a experiência da crise dessa subjetividade. A experiência de sermos sujeitos capazes de decisões, sentimentos e emoções privados, tão cara atualmente, nem sempre foi uma experiência universal. Estudiosos da história, antropólogos e sociólogos têm mostrado que tal situação, conhecida como experiência subjetiva privatizada, desponta em situações de crise social. Em tais momentos, é exigido dos homens que procurem soluções além do que é oferecido pela tradição, o que os obriga a uma busca dentro de si mesmos. Obviamente, no início de nossa história, essa experiência estava ao alcance de poucos. Entretanto, nos dias de hoje, confunde-se com a noção de democracia e de sociedade de consumo. Mais importante ainda, a modernidade e

suas exigências por uma busca de conhecimento seguro, confiável, entendido como verdade universal e absoluta, construída a partir da subjetividade, é o que caracteriza o nosso tempo (FIGUEIREDO; SANTI, 2008).

Como comentamos acima, nem sempre foi assim. No período Medieval, o homem não se perguntava pelo seu destino, por acreditar que estava nas mãos de Deus. Entretanto, surge o Renascimento com sua profusão e multiplicidade de pensamentos e expressões artísticas, lançando a humanidade em incerteza e desamparo. Assim, com o novo lugar que o homem ocupa nos últimos três séculos, construtor a partir de sua subjetividade, da verdade que tranqüiliza e ilumina o mundo, mecanicamente entendido, aproximamos-nos do conceito de ciência moderna, que dita ter o homem o poder e o direito de utilizar a natureza em seu benefício. Destarte, correlacionando com a experiência subjetiva individualizada, o homem se sente livre para agir de acordo com seus princípios, elaborando suas crenças e avaliando-as com base em suas experiências pessoais, sem nada para limitá-lo, inclusive as restrições impostas pela tradição.

Em contrapartida, os procedimentos exigidos para a construção do conhecimento preconizam que os pesquisadores sejam capazes de objetividade, em outras palavras, que evitem sentimentos e desejos para alcançar a verdade. A metodologia científica visa disciplinar o espírito para melhor obedecer às leis da natureza.

O que percebemos é que, já no início, os estudos psicológicos tinham caminhos díspares: de um lado, a ciência moderna priorizando sujeitos livres e diferenciados com poder sobre a natureza, igualmente com a obrigação de conhecer e dominar sua própria subjetividade, visando amenizar ou eliminar as diferenças individuais, cujo intuito final é o de preservar a objetividade e o conhecimento da verdade. Em oposição, muitos psicólogos ignoram esta meta e defendem a proposta de se apropriar dos aspectos profundos do “eu” possibilitando que eles ganhem força e apareçam deixando-os mais fortes e livres (FIGUEIREDO; SANTI, 2008). Tal postura está de acordo com o Romantismo, importante movimento nascido no final do século XVIII, que, pondo em questão a primazia da razão Iluminista, propõe uma valorização da individualidade e da intimidade, trazendo ainda a inquietante proposta de que o homem é um desconhecido para si mesmo, mormente em seus aspectos mais profundos (GONDRA, 1997).

Dessa forma, o projeto filosófico científico da modernidade: universalidade e objetividade não foram amplamente contempladas na nova ciência. Alguns de seus seguidores

tomaram outras perspectivas, o que terminou por gerar uma multiplicidade de abordagens que se imbricam nesse campo.

Podemos, portanto, afirmar que a constituição da Psicologia como ciência independente originou-se de um projeto contraditório composto de dois grandes agrupamentos de matrizes do pensamento psicológico, são elas as matrizes científicas, românticas e pós-românticas. As matrizes científicas não visam à vida subjetiva e à singularidade, seguem os modelos de práticas vigentes nas ciências naturais, firmando-se como disciplina biológica. Já as matrizes românticas e pós-românticas se detêm aos atos e vivências do sujeito, em outras palavras, do valor e do significado de suas experiências. Todavia, estas duas últimas escolas não seguem a vertente científica buscando novos padrões de construção do conhecimento que confirmem seus objetivos (FIGUEIREDO, 1991).

As matrizes científicas, por sua vez, subdividem-se em: matriz nomotética e quantificadora, matriz atomista e mecanicista, matriz funcionalista e organicista. A matriz nomotética orienta o pesquisador para a busca da ordem natural dos fenômenos psicológicos e comportamentais na forma de classificações e leis gerais com caráter preditivo. Através de operações legítimas, ou seja, da construção de hipóteses formais (acerca de relações empíricas ou de mecanismos subjacentes), será possível a dedução exata das conseqüências destas hipóteses, na forma de previsões (cálculo) e teste (mensuração). Em resumo, são três operações fundamentais – hipotetização, cálculo e mensuração que comportam a lógica experimental (FIGUEIREDO, 1991).

A matriz atomista e mecanicista conduz o pesquisador a encontrar as relações determinísticas ou probabilísticas, com base numa compreensão linear e unidirecional de casualidade. O que está por trás do procedimento analítico é a concepção atomística da realidade: “o real são os elementos que, em combinações diferentes, mecanicamente ‘causam’ os fenômenos complexos, de natureza derivada” (FIGUEIREDO, 1991, p.28).

Por sua vez, a matriz funcionalista e organicista consiste numa noção de causalidade funcional. Os fenômenos vitais devem ser explicados em termos de sua funcionalidade e dos seus propostos objetivos. Esse esquema funcional de explicação levará a divisão em submatrizes: a submatriz ambientalista e a submatriz nativista. A primeira enfoca o controle do desenvolvimento da função pelas suas conseqüências adaptativas imediatas; a segunda se detém na natureza biologicamente herdada das funções adaptativas – o controle pelas conseqüências ambientais é mediado pela reprodução.

Portanto, o que predomina na produção de conhecimento psicológico, a partir das matrizes científicas, é a noção de utilidade. Todavia, ela destaca que não devemos só visar à utilidade por meio da avaliação da eficácia das técnicas, pois a psicologia do século XX tinha como meta a tarefa de fornecer mais que técnicas, legitimações. Essa legitimação remete ao caráter de ciência aplicada que ela deve adquirir. Portanto, “uma tecnologia psicológica é possível e não há mal nenhum em usá-la – a ciência garante” (FIGUEIREDO, 1991 p.31).

No outro espectro da construção do conhecimento em Psicologia encontramos as matrizes românticas e pós-românticas que se subdividem em: vitalista e naturalista. Elas procuram resgatar tudo o que foi excluído pelas matrizes científicas. O “qualitativo”, o “indeterminado”, o “criativo” e o “espiritual”. Trocam-se os sinais, porém continua a divisão entre razão e “vida”. O conhecimento passa a ser construído a partir da vida pela vida e do espírito pelo espírito, quer dizer, o indivíduo passa a se apropriar da sua vivência e da sua experiência espiritual. Ao invés do interesse tecnológico reina o estético, contemplativo e apaixonado, extinguindo-se as oposições tanto entre sujeito e objeto, como também entre ser e conhecer. Dentre as abordagens que abarcam este pensamento podemos citar a bioenergética, a terapia gestáltica e outras técnicas corporais que se compõe em diversos níveis dessa matriz (FIGUEIREDO, 1991).

Na mesma direção de sistematização do conhecimento em Psicologia, o referido autor propõe as matrizes compreensivas, que uma vez mais se apresentam em três grandes linhas - o historicismo idiográfico, o estruturalismo e a fenomenologia. A primeira é uma matriz romântica. Os estruturalismos partem de uma postura antirromântica de natureza científica, e a fenomenologia é uma das concretizações da tradição filosófica racionalista, iluminista, sendo assim, é também antirromântica. Entretanto, todas se situam no contexto da questão fundada pelo romantismo: a problemática da expressão. Apesar da diversidade de procedimentos, elas se agrupam por considerar a experiência humana agregada ao universo cultural, estruturada e definida por ele, expressa simbolicamente. O historicismo idiográfico visa à apreensão da experiência de acordo com a vivência imediata do sujeito, com sua estrutura *sui generis* de significados e valores, impossíveis de serem limitados a categorias formais e generalizantes. A partir daí, podemos concluir que a construção de conhecimento, a partir do historicismo, vai criar grandes dificuldades de método. No início, essa possibilidade era entendida como revivência e simpatia. Porém, como a revivência integral não é possível, optou pela reconstrução do sentido. Assim, constata-se a importância de decifrar e interpretar

as manifestações vitais, culturais e psicológicas. Concluindo esse movimento, terminou por ser tarefa das ciências do espírito, a hermenêutica (FIGUEIREDO, 1991).

Portanto, para a concretização dessa tarefa é necessário que a interpretação atinja o significado da mensagem. Para isso, é necessário que “o esclarecimento do sentido seja simultâneo à elaboração do instrumental (regras e conceitos de interpretação); ao mesmo tempo deve-se decifrar e construir o código da decifração” (ibid, p.34). Assim, fica proibido fazer qualquer interpretação sem um esboço de código, que consiste na operacionalização de uma antecipação de compreensão.

A partir daí, os estruturalistas, propõem a elaboração de métodos e técnicas de interpretação que obtenham o mesmo grau de segurança e objetividade alcançado pelas ciências naturais. Apesar de visarem à compreensão da vivência na experiência irrefletida e imersa nos horizontes da cultura, se apoiam numa longa mediação metodológica e técnica, cujo intuito é neutralizar a subjetividade do pesquisador e a consciência imediata do sujeito, promovendo o encontro dos dois no terreno objetivo das estruturas inconscientes (FIGUEIREDO, 1991).

Já a fenomenologia é uma tentativa de ultrapassar, tanto o cientificismo como o historicismo. Essa tentativa tem como intuito a fundamentação do conhecimento. O fundamento deve ser construído agregado à consciência pura, ao sujeito transcendental que estabelece as condições de existência para a consciência de todos os objetos da vida espiritual. Trata-se de efetuar a descrição das estruturas apriorísticas da consciência. Os objetos, nesta disciplina, são os fenômenos, aquilo que se dá a consciência, ou seja, é visado por ela como pura essência. Assim, a consciência para a fenomenologia é pura intencionalidade, ou seja, é sempre consciência de algo. A fenomenologia (ciência eidética) visa descrever a essência de algo captado pela consciência (investigação noemática), assim como a essência das estruturas gerais e dos modos específicos desta direcionar seus objetos (investigação noética que esclarece a essência da percepção, da recordação, da imaginação, do juízo etc.), nas diversas dimensões das relações intencionais - experiência religiosa, experiência afetiva interpessoal, experiência científica. A fenomenologia se apresenta como preliminar a toda ciência compreensiva, enfatiza as especificidades dos eventos psíquicos e constata a importância de uma ciência das essências. Esta ciência daria a sustentação e serviria de orientação às ciências compreensivas empíricas.

Em suma, as matrizes românticas e pós-românticas defendem o culto da experiência única, irredutível, intransferível e incomunicável, uma convicção na liberdade de escolha e no

indeterminismo. Todas essas convicções são oriundas de ideologias parareligiosas que se opõem às ideologias científicas.

Essa diversidade de perspectivas impossibilita a unificação dessa área de saber, sendo esta uma condição que Wundt e Jaspers já reconheciam. Jaspers, psiquiatra e filósofo, tentou uma sistematização do campo, distribuindo os fenômenos psicológicos entre uma ciência da natureza que tem como meta explicá-los e uma ciência do espírito que visa a descrevê-los e compreendê-los (FIGUEIREDO, 1991).

Figueiredo (2004) conclui ser a Psicologia um espaço de dispersão teórica e prática que, ao mesmo tempo em que mantém alguma unidade, conserva no seu bojo uma pluralidade de sistemas psicológicos, muitas vezes, antagônicos. Essa condição da Psicologia acarretou a constituição do próprio espaço psicológico como área de diversos saberes e atividades. Este espaço, já na segunda metade do século XIX, se constituiu como lugares que vieram a ser ocupados pelas diversas teorias, sistemas e modelos de atuação disponíveis (FIGUEIREDO, 2004).

Ainda refletindo sobre essa questão, Penna (1997, p.58) comenta: “é impossível à unificação, todavia, esse quadro em que a Psicologia se encontra não interfere na sua condição de conhecimento *no singular*”. É bastante conhecida a filiação de parte do espaço psicológico ao modelo positivista, porém acreditamos que tal sistema, mais do que respostas, favorece lacunas, tal como reafirma Kolakowski:

A Psicologia fundamentada no positivismo representa um ato de fuga, pois se descarta das grandes questões existenciais que atormentam o ser humano, tais como o sofrimento, a morte, as lutas ideológicas, os antagonismos sociais, os conflitos de valores, etc. Na verdade, acerca dessas questões que, efetivamente, atinge a vida humana de modo muito severo, propõe o positivismo que guardemos silêncio, desde que nenhuma delas se presta a enunciados empiricamente verificáveis (KOLAKOWSKI IN PENNA, 1997, P.65).

A partir dessa compreensão do espaço psicológico surge a necessidade de se concentrar na dimensão ética das práticas e dos discursos psicológicos, conforme comentaremos a seguir. A etimologia da palavra “ethos” quer dizer, costumes e hábitos (como morada). É o que vem destacar Figueiredo:

O homem é arremessado num mundo, que ele não escolheu, e aí ele é como abertura ao que deste mundo lhe vem ao encontro, ou seja, ele existe no sentido preciso de ser fora de si mesmo, de “ser o seu fora”, vale dizer, de *ser-no-mundo*. Nessa expressão, *no mundo* como o próprio modo de ser do

homem. Por sua vez, o mundo deve ser pensado antes de mais nada como o que se abre e dá a ver para este ser-o humano-que se define exatamente pela e como abertura e incompletude (FIGUEIREDO, 2004, p.68).

Certamente contribuíram para um espaço psicológico tão diversificado um contexto cultural que se apresentava da seguinte maneira: um universo extremamente diversificado e diferenciado, uma propagação de perspectivas existenciais, uma abertura enorme de possibilidades, o surgimento de conflitos, ameaças, indecisões, misturas, desamparo e desentendimento gerando uma perda considerável de confiança nas crenças e costumes oriundos da tradição.

Apesar desse contexto, podemos afirmar que a psicologia segue duas grandes correntes, são elas: uma, mais filosófica, com base nos modelos explicativos hermenêuticos ou interpretativos; outra, propriamente científica, quer dizer, de acordo com os modelos das ciências naturais, por exemplo, o behaviorismo (JAPIASSÚ, 2000).

A Psicologia como ciência objetiva visa - única e exclusivamente - fazer uma análise dos “fatos observáveis”, ao passo que a filosofia procura sempre chegar à natureza das coisas ou suas essências, como também, tratar de questões renegadas pela Psicologia científica, como por exemplo, a liberdade. Problema esse que só poderá ser estudado pelos métodos reflexivos, especulativos e intuitivos. Entretanto, esses não são condizentes ao estatuto de cientificidade seguido pelas ciências naturais. Tentando dar um encaminhamento a essas questões, Japiassú (2000, p.41) ressalta que: “o objeto a ser estudado é que deve comandar a escolha do método”. Sendo assim, métodos diferentes podem justificar-se. Assim, a Psicologia pode se valer da construção de “modelos”, pois é capaz de se utilizar tanto de métodos matemáticos como hermenêuticos que visam à compreensão dos fenômenos.

Levando em conta essas observações, iremos destacar quatro direções metodológicas e epistemológicas que consolidam as principais teorias psicológicas do ponto de vista do referido autor: a psicologia experimental, o behaviorismo, a fenomenologia e a psicanálise.

A Psicologia experimental é o ponto de partida para a teoria behaviorista. Seu objeto é a atividade dos organismos, ou seja, o fato psicológico é entendido como a recepção de um estímulo seguido necessariamente de uma resposta. E o método (o primeiro com pretensões científicas) visava melhorar o conjunto de meios planejadamente dispostos com vistas a um determinado fim, favorecendo que o espaço do experimento fosse regido por fatores controláveis e mensuráveis pelo experimentador (JAPIASSÚ, 2000).

A Psicologia experimental surgiu no século XIX (segunda metade), em um momento em que a cultura se apresentava impregnada pela idéia do determinismo universal. Os

cientistas da época enfatizavam a matéria e repudiavam as especulações racionais. Sua meta era apenas a análise dos fatos e das suas regularidades por meio da experiência positiva. A preocupação era com a questão da medida articulada a certas experiências. Em Psicologia, tal questão se remetia ao estudo da percepção. O nascimento da psicofísica demonstra a passagem dessas preocupações para o plano da psicologia como ciência. Os cientistas estavam, entretanto, em um impasse, porque não iriam fazer experimentação apenas com a matéria ou a vida, mas com o espírito do homem. Dessa forma, apesar do impasse nunca se ter resolvido, a vertente fisiológica com os cientistas que a ela aderiram, lançaram um duro golpe naquilo que, até então, era o objeto específico da Psicologia: a subjetividade privatizada tal como definida no início deste capítulo.

Wundt (1832-1920) surge nesse contexto como o primeiro psicólogo na história da Psicologia. Antes dele havia psicologias, mas não psicólogos (JAPIASSÚ, 2000). No auge da constituição da Psicologia experimental como disciplina independente ele percebe, todavia, as relações que esta estabelece com as ciências biológicas, a antropologia, a filologia, os estudos da linguagem e da religião (GONDRA, 1997).

O objetivo de Wundt foi organizar uma Psicologia que só admitisse “fatos”, portanto apoiou-se na experimentação e na medida. Entretanto, reconheceu a limitação do campo criado pelas pesquisas experimentais. Diante disso, enfatizou a necessidade de outros meios de investigação para crianças, doentes, filologia, história e etnografia. Escreveu volumosas obras, destacando-se a: *Psicologia dos Povos*. Reconheceu dois tipos de leis que organizavam o conhecimento: as leis associativas e as perspectivas. As últimas eram as que manifestavam a atividade livre do pensamento (JAPIASSÚ, 2000).

A condição da Psicologia ser ambas as coisas, ao mesmo tempo, é apropriada ao seu “objeto” de estudo, pois ela está inserida tanto nas ciências biológicas como nas ciências da cultura. Todavia, uma visa à explicação e a outra à interpretação, o que dificulta a conciliação. Wundt, a partir de suas reflexões sobre essa condição, lançou as bases para duas psicologias - a experimental e a social. Porém, foi somente após a psicanálise, que foi possível fazer uma ponte e estabelecer-se entre os dois grandes domínios - natureza e sociedade ou seja, no “entre”. Assim,

a Psicologia adquiriu uma independência relativa e conquistada no “entre” e sempre se remete a essas duas ordens: a ordem dos fenômenos vitais e de suas leis e a ordem dos fenômenos expressivos e dos seus sentidos. Creio que não há como dar conta do humano, da constituição e da dinâmica das subjetividades senão batalhando pela construção deste lugar tão precário (FIGUEIREDO, 2004, p. 110-111).

Entretanto, o mesmo autor destaca que é necessário à Psicologia “não perder de vista o caráter interdisciplinar, ou seja, não se deve fechar o diálogo com os outros saberes, deixando de ser atravessado por eles, para enfrentá-los e, de alguma forma incorporá-los” (FIGUEIREDO, 2004, p.111-112). Assim, uma ciência interdisciplinar precisa, para manter-se viva e crescer, abrir-se para um pensamento e uma prática de pesquisa transdisciplinar, em outras palavras, um pensamento capaz de circular, afetando e sendo afetado por outros saberes (ibid).

Tal maneira de pensar não era estranha a Ribot (1839-1916), que propõe uma nova psicologia experimental, almejando um estatuto de cientificidade no que se refere à relação entre a filosofia e a fisiologia. Apesar de privilegiar a fisiologia em processos puramente orgânicos, por exemplo, quando tentou reduzir a memória a um hábito arraigado, concluiu que a subjetividade, condicionando todos os métodos de pesquisa, termina por determinar as experiências de laboratório, quebrando assim, a ilusão de uma certeza absoluta que determinado método permitiria (JAPIASSÚ, 2000).

Bergson (1889), por sua vez, sistematizou uma *teoria introspectiva*, ou seja, métodos que trabalhem com intuições inverificáveis e subjetivas. Watson (1849- 1936), em outro sentido, propôs a reflexologia, o conhecido reflexo condicionado que, primeiramente, foi observado no estudo do comportamento animal. Para ele, a consciência não é um conceito definido, tampouco inteligível, podendo ser comparada aos velhos tempos da superstição e da magia. Em seguida, surge Pavlov (1849-1939), sua doutrina nasceu da observação e da experimentação que executou a princípio com cães. Ele favoreceu o surgimento de processos de inibição e de excitação, que podiam complicar-se, resultando em comportamentos neuróticos obtidos experimentalmente em animais (JAPIASSÚ, 2000).

Posteriormente surge Binet (1894), situado num período entre o programa positivista de Comte e o manifesto behaviorista de Watson. “Define a introspecção como o ato pelo qual percebemos diretamente aquilo que se passa em nós: nossos pensamentos, nossas emoções...” (ibid, p.61). Assim, a introspecção, de acordo com Cabral e Nick (1997), é o que leva a distinção entre a Psicologia e a fisiologia do sistema nervoso. Em função da sua sistematização estar fundada na escola estruturalista, que propõe compreender a estrutura da mente, resultado das influências teóricas acima descritas. Investigar “o quê”, “o como” e o “por quê” da experiência ou consciência será seu objetivo. “O quê” trata dos resultados da análise introspectiva, ou seja, do conteúdo de sua experiência e do problema de sua análise. “O como” significa a maneira como os vários processos mentais estão relacionados entre si,

em suma, o problema da síntese. E o “por quê” refere-se às relações de causa e efeito entre os processos mentais e a experiência subjacente nos processos fisiológicos do sistema nervoso. “Este método aplicado à psicoterapia, procura induzir o paciente a observar seus próprios sentimentos e idéias com o fim de aperceber-se das causas subjacentes de seus conflitos, e assim, levá-lo a alterar, significativa e conscientemente, seus padrões de comportamento pessoal e social” (CABRAL; NICK, 1997, p.197).

Todas essas perspectivas se agrupam no que podemos chamar de comportamentalismo, porque trazem como seu objeto o próprio comportamento e suas interações com o ambiente. Como exemplo, observamos a doutrina do paralelismo psicofísico que retira a especificidade e a importância da vida mental. O psíquico e o físico, apesar da possibilidade de aproximação, não apresentam nenhuma interação. Titchener (1867-1927) acredita que o psíquico seria explicado pelo físico. Esta posição já era defendida pelos psicólogos funcionais, que propunham a utilização de métodos objetivos no estudo psicológico (FIGUEIREDO; SANTI, 2008).

De acordo com os autores que seguem essa perspectiva, a Psicologia científica precisa dar outros passos, neles excluindo a auto-observação. Só assim, poderia se deter no estudo do comportamento, isto é nos movimentos do corpo e de suas relações com o ambiente. Com o comportamentalismo, pela primeira vez, os estudos psicológicos expurgaram a experiência imediata. Portanto, tudo que faz parte da experiência subjetiva individualizada, nesse momento, temporariamente perde seu lugar na ciência, ou porque se tornou sem importância ou porque não é condizente com os métodos objetivos dessa proposta de construção do conhecimento.

Os referidos autores acreditam que o “sujeito” do comportamento não é um indivíduo que sente, pensa, decide, deseja e é responsável por seus atos: é apenas um organismo. Sendo assim, é uma espécie animal, o que leva a psicologia científica a trabalhar com seres não humanos. Apesar desses seres não falarem, não havia prejuízo nas pesquisas, como exemplo, Watson, pois seu objetivo era o comportamento observável, com o intuito apenas de prevê-lo e controlá-lo de forma eficaz. Essa proposta da Psicologia está situada dentro da filosofia do funcionalismo, com forte foco em uma visão pragmática, quer dizer, a obtenção de um conhecimento útil, cujo lema poderia ser assim enunciado: comportar-se é interagir adaptativamente com o meio.

O comportamentalismo tem como meta científica, como comentamos acima, superar a experiência tal como se apresenta. Toda a rica experiência subjetiva dos indivíduos é excluída

da ciência do comportamento, como também as convicções de sermos livres, autoconscientes, responsáveis e únicos (FIGUEIREDO; SANTI, 2008). Assim, para Watson, somos apenas organismos regidos pelas leis gerais do comportamento na sua interação com o ambiente.

O comportamentalismo promove o descrédito na experiência imediata, porém não consegue explicá-la nem desvalorizá-la. Esse fracasso, e a impossibilidade de negar a experiência imediata, levam a crises e dúvidas que conduzem psicólogos e filósofos, contemporâneos de Wundt, Titchener e de Watson a defender a importância de priorizar o estudo da experiência imediata, sem deformá-la. Ao fim e ao cabo, tal fato levou ao reconhecimento da Psicologia como o estudo da subjetividade individualizada e de sua experiência imediata (FIGUEIREDO; SANTI, 2008).

Os mesmos autores comentam que, no contexto da crise da experiência da subjetividade individualizada ocorre uma cisão entre a vivência e o comportamento. Dessa forma, criam-se espaços opostos. De um lado, o comportamentalismo, que exclui a vivência para se deter na identificação das forças biológicas e ambientais que controlam o comportamento. De outro, as psicologias humanistas visam entender as vivências na sua intimidade.

Nesse mesmo tempo, surgiram dois fatos novos, de ordem epistemológica, exercendo profunda repercussão na história da psicologia. O primeiro foi a iniciação filosófica de Husserl, o que o levou a fundar a *fenomenologia* (tomada de posse do fato da consciência pela própria consciência) como uma disciplina científica. O segundo foi o começo da *psicanálise* freudiana. A *Interpretação dos Sonhos* de Freud aparece no ano de 1900. E as *Ideias para uma fenomenologia*, de Husserl, publicado em 1913 (JAPIASSÚ, 2000).

Algum tempo antes, em 1874, Franz Brentano, com a sua *Psicologia de um ponto de vista empirista* separa-se da Psicologia analítica e dos associacionismos e se direciona para um estudo do ato mental e da noção de intenção. A Psicologia de Brentano foi fundamental para os trabalhos de Husserl (1859- 1938) que, através da noção de intencionalidade, empreendeu um resgate da Psicologia pela filosofia. *As investigações lógicas* aparecem em 1900, e a primeira parte de suas *Ideias diretrizes para uma fenomenologia* em 1913. A consciência, renegada, readquiriu seus direitos de cidadania, movimento que permitiu, na mesma época, o surgimento da psicologia da forma (JAPIASSÚ, 2000).

Apesar da fenomenologia ter se apoiado na idéia de alguns psicólogos filósofos, no caso Brentano, ela não pretende ser uma Psicologia. O que aspira é ser uma técnica que abarque uma doutrina, permitindo um conhecimento imediato, porém seguro da atualidade da

consciência por si mesma. “A fenomenologia tem o intuito de ser um recomeço radical na ordem do saber. Ela segue a linha de pensamento adotado por Bérqson, sendo assim, visa fazer uma crítica objetiva no que se refere a só reconhecer válida uma psicologia positiva, objetiva e...” (JAPIASSÚ, 2000, p.74).

A fenomenologia não tem como tarefa transcender o domínio das experiências, e sim, o de revelar ou desvelar seu sentido. É o que Husserl contesta no que se refere ao naturalismo psicológico, que reduz o comportamento humano a uma correlação de causas e efeitos, como também o idealismo, na medida em que resume o homem a um conjunto conceitual organizado. Ao colocar-se no meio dessas duas teorias, a fenomenologia abre espaço para o “existencialismo” moderno. A fenomenologia husserliana tem o intuito de “estudar o ser tal como se apresenta no próprio fenômeno. Fenômeno é tudo aquilo de que podemos ter consciência, de qualquer modo que seja” (HUSSERL, 1996, p.16-17).

O existencialismo - importante movimento filosófico e literário - que tinha como princípios básicos: “a existência do homem, sua situação no mundo, sua liberdade de escolha de objetivos e projetos, e o significado de sua vida” (CABRAL; NICK, 1997, p.132), se encontra com a fenomenologia. Esse encontro ocorre porque o interesse teórico que ambas sustentam se concentra no universo da subjetividade. A ciência do mundo da vida é a ciência da subjetividade, a ciência do universal como da preexistência do mundo como fundamento de toda e qualquer objetividade. Assim, contemplar o mundo a partir da nossa atitude fenomenológica consiste em percebê-lo puro, ou seja, no modo como adquire sentido e validade existencial em nossa vida de consciência e em configurações sempre novas (HUSSERL, 1996). É importante lembrar que a subjetividade aqui considerada não diz respeito à proposta cartesiana de *sub-iectum* e sim a uma subjetividade aberta ao mundo e a tudo o que ele significa.

Os comentários breves que realizamos acima, sobre a proposta de Husserl, mostram a importância da retomada da noção de consciência, aqui renovada como consciência intencional, com grandes repercussões para a Psicologia como comentaremos a seguir. A fenomenologia marcou tanto a Psicologia da Gestalt como a Psicopatologia (JAPIASSÚ, 2000).

Wertheimer, Koffka e Köhler (1912) mostraram a importância do todo, quer dizer, da organização configuracional no fenômeno da percepção, em oposição ao que o associacionismo pregava, a primazia das partes que se agregavam para permitir a apreensão da totalidade. Avançaram ainda mais ao demonstrar experimentalmente que alterando

quaisquer das partes, fatalmente se alteraria o todo, parecendo assim confirmar a noção de estrutura.

Sartre se mobilizou para uma fenomenologia do imaginário, bem como Merleau-Ponty ao elaborar uma fenomenologia da percepção, sendo esta uma proposta mais filosófica (ontologia fenomenológica) do que especificamente psicológica. Na atitude da fenomenologia, bem como em tudo o que dela deriva, há uma clara oposição à Psicologia do comportamento. Em outro sentido, o mesmo pode ser dito da Psicopatologia e da Psicanálise de Freud.

Outros importantes autores da fenomenologia foram Karl Jaspers e Martin Heidegger. A Psicologia, a psicopatologia e a psicoterapia foram intensamente marcadas por esses filósofos, o primeiro inicialmente psiquiatra. Em *Psicopatologia geral* (1913), Jaspers insiste na relação que o médico deve estabelecer com o doente, na necessidade de se levar em conta todos os elementos que este contato direto pode revelar, não se devendo tomar o conceito de doença como uma entidade. Insiste, ainda, na responsabilidade primordial do psiquiatra e de seu engajamento pessoal.

Esse conjunto de observações nos aproxima de maneira muito intensa das idéias de Freud e dos fundamentos da Psicanálise, autêntica revolução metodológica e epistemológica, como comentamos anteriormente.

Freud contribuiu com a Psicanálise, para a ciência do homem, utilizando duas ferramentas: o método de exploração do psiquismo humano, tido como o teatro de processos inconscientes desconhecidos pela Psicologia clássica; e, principalmente, para uma terapêutica do tratamento de certas neuroses. A Psicanálise invadiu todos os domínios da atividade e da cultura humana (JAPIASSÚ, 2000).

No momento do nascimento da Psicanálise, a Psicologia que ainda lutava para fazer-se reconhecer como disciplina científica, inevitavelmente percebeu algumas determinações da vida mental, como é o caso da observação íntima e “subjetiva” do indivíduo. Freud ([1900] 1972) reconheceu isso desde a explicação dos sonhos. A este respeito, a metodologia que empregou em sua interpretação dos sonhos é fundamental para o estabelecimento desse novo espaço “psicológico”.

Freud ([1900] 1972) mostrou-se seguro de ter adquirido cientificidade em seus estudos, ao comentar que o sonho pode ser explicado por parâmetros científicos. Assim, firma-se outra modalidade de objeto científico: a significação do sonho. Para acessá-lo só através da interpretação, pois é o único método capaz de “traduzir” os sentidos ocultos que se

manifestam nos sentidos aparentes do sonho. Logo, não há como negar que, através de Freud, instaurou-se uma nova ordem epistemológica.

Essa ordem é devido à significação do sonho ser interpretativa em seu sentido. A partir desse momento, nenhuma compreensão psicológica pode ser objetiva. Porque entender um comportamento ou uma observação, não se dá pelo simples fato de registrar expressões do outro, porém, principalmente, em perceber um sentido, por meio do qual o outro se mostra. A interpretação dos sonhos reivindica um novo tipo de objetividade que difere da utilizada pelos positivistas clássicos e pelos behavioristas modernos. Esta nova objetividade aponta para uma intersubjetividade particular. No caso do espaço psicoterapêutico é mediada pela linguagem, não como meio técnico a serviço da palavra (a língua), mas considerada como “*estrutura essencial* da presença do homem no mundo por seu *dizer*. É por isso que a psicologia, ciência dessa relação, não pode ser pensada fora dessa linguagem” (JAPIASSÚ, 2000, p.89).

Dessa maneira, a análise freudiana, que terá como intuito favorecer o indivíduo no processo de redescobrimto de sua palavra, palavra que lhe foi alienada e que lhe foge, visará à reestruturação de sua subjetividade. Em toda ação humana o homem se coloca, consciente ou inconscientemente, em direções de sentido. Em função disso, é importante a psicologia focar a questão da compreensão dos fenômenos psíquicos, destacando sua dimensão expressiva e significativa. A finalidade da relação psicoterápica é o aparecimento da verdade do paciente e da sua história pessoal. E é por meio da linguagem que o psicólogo pode acessá-la. Enfim “o campo do psicólogo é o *discurso*, pois é somente nele que o real se apresenta sob a forma simbólica do sentido, isto é, do possível” (ibid, p.90).

Portanto, a Psicanálise instaurou no campo epistemológico, um novo tipo de objetividade científica. Assim, interage com um “objeto” que não é mais uma coisa, mas um sentido. Esse sentido surgiu no interior da vida mental, concretizando-o tanto na normalidade como na existência patológica.

Diante dessas constatações, a cientificidade, no campo psicológico não deveria enveredar para certezas absolutas e definitivas. Porque iremos impedir esta ciência de encontrar os meios para apreender o homem como existente, isto é, para desvelá-lo em seu aparecer e em sua historicidade. Portanto,

a interrogação própria da psicologia se dirige às estruturas, ao sentido e ao fundamento da presença do homem, tal como esta presença se manifesta em cada um de seus atos, de suas situações e de seus comportamentos. Em suma, o homem é um ser histórico, em devir, de superação (JAPIASSÚ, 2000, p.102).

Assim, a Psicologia deveria evitar firmar sobre o ser humano, um saber científico que poderá facilmente se tornar dogmático. No entanto, há uma armadilha igualmente perigosa, o ecletismo, que se apresentando como oposto ao dogmatismo, pode representar uma fuga desastrada deste (FIGUEIREDO, 2004). No primeiro, o psicólogo fecha-se em suas convicções teóricas e metodológicas. No segundo, utiliza todas as crenças, métodos, técnicas e instrumentos acessíveis, julgando que assim estará melhor equipado para lidar com as demandas da prática.

O profissional eclético agrega todos os seus instrumentos e os utiliza sem rigor e sem compromisso, pois parte de um nível de compreensão que nunca é questionado: o do senso comum. Este posicionamento sugere uma unidade entre as teorias e sistemas, ou seja, que as técnicas e instrumentos se complementam. Essa ação é realizada tanto pelo dogmático como pelo eclético, pois ambos visam superar a angústia através da falsa unificação das teorias e métodos, perdendo a possibilidade de experimentar. E experimentar é fundamental para o encontro psicoterapêutico.

Portanto, a proposta de uma psicoterapia como modo de experienciar, diferente da tradicional, encontra no movimento humanista existencialista e nas psicologias contemporâneas uma nova base epistemológica.

3. PSICOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS QUE FAZEM PARTE DO MOVIMENTO HUMANISTA EXISTENCIALISTA

O humanismo é qualquer doutrina que, em seu conjunto, dignifica o homem. No Brasil, apresentou-se como enaltecimento do ser humano (LUCKESI, 1994). Este autor considera que não há humanismo, se o fenômeno da autonomia não ocorrer, pois é difícil caminhar em direção ao crescimento, à liberdade de criação e de vida, se a autonomia não se fizer presente. A autonomia estabelece as possibilidades de reciprocidade entre os seres humanos, individual ou grupalmente situados, no que diz respeito aos direitos e deveres, às condições do bem-estar e do bem-viver. Autonomia é entendida, nesse sentido humanista, como “o direito imediato de ser povo, pelo direito de ser gente, pelo direito de trabalhar e viver, pelo direito de ser igual e, portanto, ter condições de manter relações de reciprocidade” (ibid, p.271-272).

O movimento humanista, sendo a terceira revolução em contraposição ao Behaviorismo e a Psicanálise, foi articulado por Abraham Maslow ([1960]1976). Ele acreditava que, apesar das dificuldades teóricas, o existencialismo contribuía de maneira fundamental para a compreensão acerca da personalidade humana, a partir da ênfase radical no conceito de identidade e de experiência de identidade. Barreto (2006) comenta que os conceitos que marcaram a sua proposta de psicoterapia foram *autorrealização*, *experiência culminante* e *hierarquia de necessidades*. Este último, abarca os seguintes níveis: necessidades fisiológicas, de segurança, de pertença e amor, de estima e, por fim, de autorrealização. Já a *experiência culminante* consiste no pleno funcionamento do sujeito, quer dizer, o indivíduo sente-se seguro, em completo controle de si mesmo, escolhendo com mais rapidez e adequação, ou seja, tem um pensamento mais sólido em condições de defrontar-se com a oposição. Ele colocou como princípio norteador de seu pensamento a presença, na totalidade dos seres humanos, da existência de uma vontade ativa para a saúde, um impulso para o crescimento ou a atualização das potencialidades humanas (BARRETO, 2006).

Maslow (1982) também se preocupou com as razões do não-crescimento, da não-atualização das potencialidades de autorrealização ou da humanidade plena. Diante desses interesses, destacou a ação da cultura, que pode dificultar o desenvolvimento para a autorrealização do “Eu”, como também, do *complexo de Jonas* definindo-o como *medo à própria grandeza*, *evasão do próprio destino* ou *fuga de nossos melhores talentos*.

Para o mesmo autor, baixos níveis de aspiração interferem na integração entre humildade e orgulho, afetando o crescimento pessoal indispensável ao trabalho criativo. Para ele, criatividade significa saúde, autorrealização e plenitude humana agregada a características como: flexibilidade, espontaneidade, disposição de expor-se e cometer erros, generosidade e humildade (MASLOW, 1982).

Retomando as considerações sobre o humanismo, podemos pensar como Sartre (1978), nas duas acepções que essa palavra possui. A primeira faz referência a uma teoria que toma o homem como fim e valor supremo, enquanto a segunda considera o homem como constantemente fora de si, projetando-se e perdendo-se fora de si, fazendo-se assim existir.

Penna (2001) sintonizando com a última possibilidade, acredita que é na direção de fins transcendentais que o homem pode existir. É este vínculo de transcendência que incentiva o homem na superação de subjetividade radical, dando a ele habitar o universo humano, sendo, por isso, denominado humanismo existencialista.

Segundo o mesmo autor, o humanismo relembra ao homem que não existe outra pessoa que não o próprio, para decidir seu destino e se comprometer com suas ações. Essas ações ocorrem sempre no movimento para fora de si, jamais se realizando em uma possível volta para si. Essa procura para fora de si consiste em libertação e realização.

Barreto (2006) destaca que a associação de Psicologia Humanista descreve as características mais evidentes desse movimento, são elas:

- Ênfase na experiência como fenômeno primário;
- Priorização das qualidades específicas do humano como a capacidade de escolha, criatividade, avaliação e autorrealização;
- Valorização no que se refere à dignidade e ao valor do ser humano e do desenvolvimento do potencial inerente a cada um, destacando o fato de a pessoa descobrir a si mesma.

Charlotte Buhler (apud BARRETO, 2006) enfatizou que as vivências subjetivas têm o intuito de situar a experiência interna no cerne da Psicologia, priorizando a criatividade, a autorrealização e o potencial de desenvolvimento como as idéias principais da Psicologia humanista.

Assim como o humanismo, o existencialismo também se opõe às perspectivas do racionalismo, idealismo, kantismo, materialismo e positivismo. O termo “existencialismo” se refere a um marcante movimento filosófico, sendo uma nova e original tendência. É o

reencontro do homem como pessoa, como realidade espiritual autônoma, com toda a riqueza de sua estrutura ontológica (RIBEIRO JÚNIOR, 2003).

Os precedentes históricos próximos do existencialismo são a fenomenologia de Husserl e a filosofia de Kierkegaard. Da fenomenologia de Husserl, ele utilizou certa concepção *ontológica*, ou seja, a de que um mundo se revela ao homem segundo estruturas que constituem os modos de ser do próprio homem. E, da filosofia de Kierkegaard apoiou-se na categoria fundamental de que se serve na análise da existência, ou seja, da *possibilidade*, compreendida no seu caráter ameaçador e paralisante, decorrente da relação problemática do homem com o mundo, excluindo de tal relação a garantia de um sucesso infalível (RIBEIRO JÚNIOR, 2003).

O existencialismo, como já vimos, tem como centro a existência. Este movimento, esta terceira força conduziu à psicologia existencial. May ([1960]1976) destaca que o termo *existencial* tem importantes significados históricos que devem ser preservados, sendo sua ênfase na experiência imediata. Em função disso, em Psicologia e Psiquiatria, o existencialismo remete a uma atitude para com a terapia mais do que a um grupo ou a uma escola especial.

O método fenomenológico vem contribuir para os existencialistas favorecendo o acesso à existência tal como é experienciada pelo homem. Desse modo, o existencialismo pode ser entendido como uma reação contra todos os sistemas filosóficos anteriores que não priorizavam o homem no seu todo.

Diante da explanação acima, certamente sucinta, da fenomenologia e do existencialismo, constatamos o quanto foi decisivo para a construção da Psicologia humanista e existencial, o reconhecimento dos existencialistas da necessidade de reaver o conceito de existência na sua totalidade e em seu significado, via método fenomenológico (BARRETO, 2006).

Foi o que levou Linschoten (1968) a escrever um livro *No caminho para uma fenomenologia* com subtítulo *A psicologia de William James*. Na introdução, o autor cita o diário de Husserl, no qual se encontra o reconhecimento de uma dívida por parte do pai da fenomenologia européia, quanto aos escritos de William James sobre o seu próprio pensamento. William James já tinha voltado seu interesse para uma Psicologia objetivante dentro de uma estrutura de Psicologia descritiva (MAY, [1960]1976).

Paul Tillich (1944) afirma que William James era filósofo e psicólogo, favorecendo o encontro dessas duas disciplinas, como também indicando outro aspecto do ponto de vista

existencial: trabalhar com categorias psicológicas – experiência, ansiedade, vontade, entre outras, além de conhecer aspectos da vida do homem no nível mais profundo da realidade ontológica (MAY, [1960]1976).

A falta de sistematização do pensamento de William James era decorrente da unidade do homem e do mundo não como dependentes de um método racional, mas da unidade do “mundo pré-racional”, um mundo de experiência, a fonte original e integral das questões divergentes, que desencadeia diferentes ciências e psicologias (MAY, [1960] 1976, p.12).

A ontologia do humanismo e do existencialismo se refere a uma essência inerente ao homem. O que difere da ontologia fundamental de Heidegger, que não visa tal essência, sendo o ser do homem, um ser de possibilidades.

O que observamos é que tanto a psicologia humanista como a existencial não são movimentos retroativos à era primitiva da especulação, mas um esforço para compreender o homem como experienciador, ou seja, aquele a quem é dado acontecer e viver as experiências.

A pluralidade de psicologias que hoje conhecemos é decorrente tanto da dificuldade em definir seu objeto de estudo como de questões existenciais excluídas pelo positivismo, tais como: o sofrimento, a morte, as lutas ideológicas e os antagonismos sociais, os conflitos de valores, além de outras questões dessa ordem (PENNA, 1997). Todavia quem trabalha com seres humanos, num enfoque existencial, valoriza a imediata interação, ou seja, o que se apresenta naquele momento em psicoterapia.

Os psicólogos existencialistas utilizam a fenomenologia em função de que, esta é uma filosofia de rigor, permitindo, através da utilização de seu método, uma renovação na reflexão das grandes questões humanas. Como método, ela propõe um esforço disciplinado para tornar perceptível e suspender da mente as suposições que nos limitam a olhar o paciente através das teorias e dogmas em que se fundamentam os nossos próprios sistemas. Essa tentativa caracteriza o primeiro momento da psicoterapia existencial. Tem como intuito experienciar os fenômenos em sua inteira realidade, ou seja, como eles se apresentam a nossa consciência. O método fenomenológico está detalhadamente descrito na primeira parte do nosso trabalho.

May ([1960] 1976) comenta que essa psicoterapia não visa o “porquê” e o “como” de uma possível relação de causa e efeito do transtorno, mas a pessoa existente, pois o ser humano sob experiência é uma pessoa em transformação, um mundo em construção.

“O existencialismo é um interesse pela compreensão da estrutura do ser humano e sua experiência que deve sustentar todas as técnicas. Diante disso, todo psicoterapeuta é existencial” (MAY, [1960]1976, p.18).

Entretanto, esta proposta de atendimento clínico exige do terapeuta uma atitude de abertura associada a uma ampla capacidade de sintonizar-se afetivamente com o outro. Assim,

temos de ser capazes, tanto quanto possível, de perceber o que o paciente está comunicando em muitos níveis diferentes, não simplesmente as palavras que ele pronuncia, mas suas expressões faciais, seus gestos que ele terá e comunicará sutilmente como mensagens, mesmo que ele não as possa verbalizar diretamente (MAY, [1960]1976, p.25).

A técnica é entendida, nesse contexto, como auxílio a uma boa compreensão entre terapeuta e cliente, não podendo em circunstância alguma impedir o encontro verdadeiramente humano, essencial para um bom andamento da terapia. No mesmo sentido, é preciso estar atento aos nossos pressupostos teóricos, que também podem dificultar os esforços do terapeuta e do cliente em busca de um caminho comum. Caso essas pressuposições sejam deterministas podem favorecer uma falsa compreensão do processo em si mesmo.

Podemos afirmar que os princípios existencialistas colocaram no cerne da questão psicoterápica o encontro, como viemos comentando acima. Outro princípio fundamental é o de responsabilidade, que diz respeito a uma relação corajosa com a realidade, podendo, a partir daí, vivê-la com intensidade.

Sobre a relação entre o encontro e a psicoterapia May comenta:

no espaço psicoterápico, o encontro ocorre entre duas pessoas e se apresenta em diferentes níveis. Um nível é aquele de pessoas reais: alegro-me de ver meu paciente. Esse encontro suaviza a solidão física que faz parte da vida humana. Outro nível é aquele de amigos, pois acreditamos que o outro tem interesse em nos escutar e entender. Um terceiro nível é sentido como erótico quer dizer, é o debruçar para ouvir compreensivamente e utilizar este recurso dinâmico para mudança. O quarto nível é o da estima, a capacidade desenvolvida nas relações interpessoais levando a autotranscender-se devido ao bem-estar do outro (MAY, [1960]1976, p.19-20).

Dando prosseguimento a estes movimentos e à proposta de psicoterapia que foi construída a partir daí, comentaremos sobre Carl Rogers, o qual desenvolveu uma teoria que a princípio cognominou de Terapia Centrada no Cliente, sendo, posteriormente, substituída por Abordagem Centrada na Pessoa.

Esse autor aponta duas tendências marcantes e divergentes: a objetiva e a existencial. A tendência objetiva se refere às teorias reducionistas, a definições operacionais e procedimentos experimentais, que direcionam a entender a psicoterapia em termos apenas objetivos. Todavia, acredita que, apesar das contribuições dessa tendência, a psicoterapia tem como missão compreender o sofrimento psíquico numa dimensão subjetiva (ROGERS, [1960]1976).

O fundamental portanto é criar um “clima psicológico” onde fosse possível, o cliente explorar, analisar, compreender e tentar alçar novas alternativas para seus impasses existenciais. Para que isso aconteça, é necessário “ser você mesmo”. Pois, a psicoterapia é “um encontro de pessoas, onde psicoterapeuta se encontra aberto e livre para ser ele. Isto se torna claro quando ele consegue a receptividade para entrar no mundo da outra pessoa” (ibid, p.100).

A psicoterapia rogeriana é fundamentada na concepção de que “o ser humano tem uma tendência para exercer sua capacidade latente ou manifesta, de compreender-se a si mesmo e de resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar a satisfação e eficácia necessárias ao funcionamento adequado” (ibid, p.39).

Rogers (1977) afirma que esta capacidade de atingir um funcionamento adequado é oriunda da ordem natural, não sendo resultado do aprendizado individualizado. Em outras palavras, diz respeito ao potencial humano para resolução de seus problemas de maneira adequada, construtiva e satisfatória.

Ainda segundo o mesmo autor, este potencial se refere à “tendência à atualização” (elemento básico na Terapia Centrada no Cliente e do movimento humanista) sendo esta a característica mais fundamental do organismo, se tomado em sua totalidade. Esta tendência orienta para o exercício de todas as funções físicas e experienciais, cujo intuito é desenvolver as potencialidades do indivíduo para assegurar sua conservação e seu enriquecimento, considerando suas possibilidades e os limites do meio; trata-se do desenvolvimento da personalidade *Self*.

Rogers (1977) diz que a tendência à atualização e a noção de “Eu” (*Self*) dão o embasamento teórico do que seja a sua proposta de uma clínica psicoterápica. Assim, a primeira é a idéia mestra de sua teoria da terapia; e a segunda é o princípio norteador de sua teoria da personalidade.

A tendência à atualização do “Eu” atua permanentemente, responsabilizando-se pela conservação e enriquecimento do “Eu”. Em outras palavras, atualiza o organismo e o “Eu” (*Self*), como comentamos acima.

Para que a ação diretriz da noção de “Eu” possa exercer-se de maneira eficaz, é fundamental,

conduzir-se à satisfação subjetiva do indivíduo e à eficácia de seu comportamento, é necessário que esta noção seja realista. Para ser realista, ela deve estar fundamentada na experiência autêntica do indivíduo, isto é, naquilo que ele realmente experimenta. A condição essencial deste fundamento autêntico é a liberdade experiencial (ROGERS, [1960]1976, p.46).

O autor adverte que a noção de liberdade experiencial tem frequentemente uma compreensão errônea, acredita-se que o indivíduo, especificamente, a criança, deve ter o direito de manifestar todos os seus impulsos, em qualquer lugar e momento que desejar, e que nenhuma autoridade deve regular sua conduta.

Todavia a liberdade aqui é de outra ordem. “Consiste no fato de que o indivíduo se sente livre para reconhecer e elaborar suas experiências e sentimentos pessoais como ele o entende, ou seja, liberdade num sentido existencialista” (ibid, p.46).

A liberdade, assim compreendida como experiencial, acrescenta mais um fator que compõe a marcha positiva para o desenvolvimento. Em suma, “essa marcha positiva para o desenvolvimento é o produto da conjugação de forças internas, positivas em sua orientação, mas flexíveis, até mesmo instáveis, e de forças externas, favoráveis à atualização destas forças” (ROGERS, [1960]1976, p.55).

Outra importante perspectiva abrigada no movimento humanista e existencialista é conhecida por Gestalt-terapia. Vale ressaltar que, se para alguns teóricos da Gestalt, ela faz parte do movimento humanista, para outros está vinculada à Escola da Gestalt.

A Gestalt pode ser conceituada como

uma forma, uma configuração, o modo particular de organização das partes individuais que entram em sua composição. A premissa básica da Psicologia da Gestalt é que a natureza humana é organizada em partes ou todos, que é vivenciada pelo indivíduo nestes termos, e que só pode ser entendida como uma função das partes ou todos dos quais é feita (PERLS, 1988, p.19).

A Gestalt-terapia é também chamada Terapia Aqui e Agora. Ela solicita ao cliente que, durante a sessão, concentre-se no que está fazendo no momento. É uma terapia experiencial,

mais que verbal ou interpretativa. Assim, “a coisa essencial da terapia gestáltica é que o não verbal é sempre mais importante que o verbal” (PERLS, 1988, p.164).

O mesmo autor salienta, com senso de humor, que a terapia da gestáltica também poderia se chamar “filosofia do óbvio”. Quando analisamos o óbvio de perto, nos deparamos com preconceitos, fé distorcida, crenças. Portanto, para entendermos o óbvio, temos que, de início, nos deter nele, sendo este o maior desafio.

Perls chamou de “superficial, a aparência sensível que ‘chega’ até nós, sabendo que a realidade percebida se contrapõe ao fato porque o dado percebido não é idêntico à realidade captada pelos sentidos” (RIBEIRO, 2006, p.118-119), se aproximando assim do fenomenismo.

Esta psicoterapia visa

integrar todas as partes dispersadas, despossuídas e alienadas do si-mesmo e fazer a pessoa ficar inteira de novo. Assim, podemos dizer que uma pessoa integrada é aquela que funciona bem, pode repousar em seus próprios recursos, e pode reassumir seu crescimento, onde quer que o tenha paralisado (PERLS, 1988, p.185).

Essa função se correlaciona com o “ajustamento criativo”. O organismo ajusta-se em dois níveis de prevenção: primário e secundário. Só na prevenção terciária ocorreria adoecimento, tornando-se necessário as ajudas psicoterápica e medicamentosa. Sendo assim, podemos pensar o ser humano como um ser de relação, pois é na relação com o outro que o ajustamento se dá. Ajustamento criativo é “o processo pelo qual o corpo-pessoa, usando sua espontaneidade instintiva, encontra em si, no meio ambiente ou em ambos, soluções disponíveis, às vezes aparentemente não claras, de se auto-regular” (RIBEIRO, 2006, p.64).

Outro dispositivo é a frase enfatizada, tanto no início quanto no decorrer da sessão, não só na fala, mas no espírito, “agora percebo conscientemente”. A repetição da palavra “agora” contribuirá para que o paciente fique - do começo ao fim do processo psicoterápico - no presente, reconhecendo que uma experiência só acontece nessa temporalidade.

Consequentemente, “conscientizar-se”, ocorre no momento em que o paciente obtém a compreensão de suas próprias capacidades e habilidades, de seu equipamento sensorial, motor e intelectual. Assim, a conscientização dá, tanto ao paciente quanto ao terapeuta, as condições para a ação, ou seja, para o conhecimento, a escolha.

O “conscientizar-se” se dá na experiência atual. Conscientizamo-nos de memórias, de antecipações e de planos para o futuro, porém, isto ocorre aqui e agora, quer dizer, como uma parte do processo de conscientização (PERLS, 1988).

“A partir do processo de conscientizar-se, é possível descobrir meios e caminhos pelos quais se pode crescer e desenvolver seu potencial e resolver as dificuldades da vida” (PERLS, 1988, p.137).

O processo de conscientizar-se favorece o experimento, que não quer dizer, experimentar, mas o dar-se conta à oportunidade de criar pelo diferente. Todavia nem todos se sentem confortáveis para o inabitual, desse modo, temos que respeitar a singularidade de cada um (RIBEIRO, 2006).

Outra maneira de experimentar considerada igualmente importante e que vale a pena destacar se chama *awareness*. Consiste no “processo de estar em contato vigilante com o evento de maior importância no campo indivíduo/meio, com total suporte sensorio-motor, emocional, cognitivo e energético” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 42).

No experienciar, existe uma região do campo visual que não responde adequadamente aos estímulos externos, chama-se “ponto cego/escotoma”. Segundo Perls, esta situação é vivenciada no indivíduo neurótico, que diante de alguns problemas, expressa sensações físicas, porém totalmente inconsciente em relação à emoção correspondente. “Quando o ser demonstra incapacidade de viver a parte emocional da vida, fica cego para a totalidade, como tanto se preconiza na Gestalt-terapia” (D’ACRI; LIMA; ORGLER, 2007, p.174).

Mecanismo igualmente evitativo, a “deflexão” tem como finalidade o desvio do processo de conscientizar e experienciar. Deflexão é uma forma de evitar o calor do contato, ou, o que termina sendo o mesmo, o contato direto com o outro.

De acordo com o Dicionário de Gestalt-terapia, na prática clínica, a deflexão se apresenta através

da verborragia, ou silêncio excessivo, pela evitação do olhar, pela generalização em vez da especificidade do assunto e pelo uso da linguagem na terceira pessoa, entre outras. Cabe ao terapeuta facilitar o contato do cliente consigo mesmo, transformando, assim, a deflexão em expressão (D’ACRI; LIMA; ORGLER, 2007, p.149).

Outro conceito fundamental é “figura e fundo”, ambos formam uma relação de complementariedade de tal modo que, na relação parte e todo, um não pode ser entendido sem

o outro – apesar de ao olhar uma parte não “veja” a outra. Em outras palavras, “sujeito e realidade formam um só composto e se incluem reciprocamente” (RIBEIRO, 2006, P. 123).

Uma Gestalt é sempre diferenciada em “figura e fundo”, e a relação entre a figura e fundo é chamada “significado”. Isto quer dizer que, se você retira alguma coisa de seu contexto, ela perde ou distorce o seu significado (PERLS, 1988).

A relação psicoterapeuta e cliente na Gestalt-terapia abarca outro importante conceito, o de “campo”. Este é constituído de fatos interdependentes que estão acontecendo aqui-agora. Entretanto, “passado e futuro estão excluídos do campo, e é esse dado que conecta a ‘teoria do campo’ diretamente à fenomenologia, que se preocupa com o resgate da experiência imediata” (RIBEIRO, 2006, p.83-84).

Portanto, “o que estamos tentando fazer na psicoterapia gestáltica é compreender a palavra ‘agora’, o presente, o dar-se conta e ver o que acontece no agora. E conhecer o agora o levará para qualquer lugar, de quatro semanas a vinte anos” (PERLS, 1988, p.132).

Uma técnica que favorece o processo psicoterápico e foi muito utilizada por Frederick Perls é a da cadeira vazia. Esta técnica consiste em pedir ao paciente para se instalar em frente a uma cadeira vazia (que pode ser uma almofada colocada no lugar que fique de acordo com a posição do cliente). “É um potente instrumento terapêutico experiencial e pode se transformar num experimento que ajude o cliente a finalizar situações inacabadas antigas ou atuais” (D’ACRI; LIMA; ORGLER, 2007, p.35).

Esta abordagem clínica, como já destacamos, levanta questionamentos e expressa um outro modo de olhar e se posicionar diante do comportamento humano, ou melhor, da experiência subjetiva. No que diz respeito ao sintoma, este é visto a partir das observações de Freud. Para ele, o sintoma neurótico tem uma dupla natureza: é tanto uma expressão de vitalidade quanto uma “defesa” contra a mesma. Já a opinião geral dos psicoterapeutas é no sentido de usar os elementos saudáveis para combater a neurose. Entretanto, Perls, Hefferline e Goodman (1997, P.93) se perguntam: “mas se os elementos mais criativos e vitais forem precisamente os elementos ‘neuróticos’, a auto-regulação neurótica característica do paciente”? O sintoma tem um duplo aspecto: sua rigidez determina que os indivíduos neuróticos se assemelhem entre si, este é o efeito embotador da doença. Porém, o *self* criativo que também constitui o sintoma determina a singularidade de cada ser humano.

Para concluir esta perspectiva clínica, finalizamos com o conceito de “saúde” proposto por ela. Saúde é o equilíbrio apropriado, coordenado, de tudo aquilo que somos. Todavia

saúde não é o que temos, e sim o que somos, destacando sua manifestação em nossa totalidade existencial. Assim,

a saúde e a doença não são estados e sim processos que favorecem ou dificultam o desenvolvimento da pessoa (em Gestalt-terapia, desenvolvimento não como fases específicas) e sim, um processo de crescimento e transformação constante que ocorre ao longo de toda a vida da pessoa (D'ACRI; LIMA; ORGLER, 2007, p.71-72).

Após essa breve explanação das diversas propostas que compõem, com algumas ressalvas o movimento Existencialista Humanista, passaremos, no próximo capítulo, a examinar as fontes de inspiração filosófica que contribuem para a construção de uma psicologia clínica fortemente apoiada na perspectiva Fenomenológica Existencial.

4. AS CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA E DA ANALÍTICA EXISTENCIAL NA CONSTRUÇÃO DA CLÍNICA PSICOLÓGICA

4.1. A Fenomenologia

Husserl, criador do método fenomenológico, despontou em meio ao processo de revisão de verdades tidas como cientificamente incontestáveis. Introduz a fenomenologia como método de conhecimento, que consiste em deter-se na experiência imediata, o que indica a possibilidade de, através da *epoché* (suspensão ou cessação de juízo de valor, conceitos, etc.) se possa acessar ao imediatamente vivido, anterior a qualquer tipo de reflexão. A intencionalidade é o que dá suporte à fenomenologia, pois é a característica fundamental da consciência; sendo assim, por meio dela, aquilo que um objeto se mostra na consciência. A consciência é liberdade, atividade, quer dizer, é o que permite dar um sentido ao que nela se mostra (fenômeno).

Ou, na fórmula que Husserl celebrizou: toda consciência é consciência de alguma coisa. Quer dizer que os atos psíquicos, tudo que se passa em nossa mente, visa um objeto logo, não ocorre no vazio (PENHA, 1983, p.30).

Outra questão de fundamental importância é a fenomenologia resgatar o mundo da vida, ou o mundo pré-científico anterior e, ao mesmo tempo, fundamento esquecido do mundo das ciências. Segundo Husserl, a própria ciência surge de algo anterior a ela mesma, ou seja, de um *a priori* concreto. Assim, deve-se questioná-la no que se refere às suas condições apriorísticas, quer dizer, de possibilidades ao nível histórico e existencial (HUSSERL, 1996).

O mundo da vida, no sentido de mundo experimentado pelo homem, significa uma realidade rica, polivalente e complexa, que o próprio homem constrói. Mas, ao mesmo tempo, o mundo da vida é constituído pela história, linguagem, cultura, valores... (HUSSERL, 1996, p.45).

O mundo vivido, a presença no mundo é pré-reflexiva, no entanto, o vivido imediato está na origem de toda consciência. Vale destacar que, todas as ciências concebem este “mundo da vida” como seu solo originário, embora dele se separem para construir o mundo do conhecimento científico (SOKOLOWSKI, 2000).

Entretanto, deve ficar suficientemente claro que a experiência não pode ser reduzida à empiria sensível do mundo físico. A experiência é um ato da consciência agregado ao mundo da vida, o que nos remete à experiência da subjetividade. É o que Husserl vem propor: “recolocar a subjetividade transcendental no centro da reflexão para recuperar o mundo da vida, das experiências pré-científicas originárias sobre as quais historicamente são constituídas as próprias ciências” (HUSSERL, 1996, p. 44).

Husserl chega a identificar a fenomenologia com um idealismo transcendental, ou seja, todo objeto passível de conhecimento só pode ser conhecido enquanto objeto imanente a uma consciência. Como também, o conhecimento da constituição da consciência transcendental só é atingido a partir da correlação entre a consciência e o mundo formado por ela (ZITKOSKI, 1994).

Todavia, Husserl concluiu que o único meio de se obter uma ciência primeira e fundamentar rigorosamente o conhecimento filosófico é elaborar uma fenomenologia eidética. Pois, esta visa atingir as leis essenciais que constituem todo sentido possível de qualquer vivência egológica. Qualquer gênese egológica são possibilidades realizadas do *eidōs ego* (estrutura universal *a priori* de todo *ego* transcendental possível). Mas não é possível realizar as diversas formas de constituição egológica num mesmo *ego* transcendental. Há leis que interferem nas formas de constituição egológica.

A lei primordial que serve de fundamento a toda e qualquer gênese egológica é a lei da temporalidade, isto é, a lei do tempo como forma universal da gênese constitutiva. E as leis da compossibilidade (ordenação das etapas vividas na consciência e a impossibilidade de coexistirem todos os estados em uma mesma consciência), da sucessão, são leis de causalidade, ou melhor, de motivação, que explicam a constituição de objetividades na consciência e, correlativamente, a constituição da própria consciência (ZITKOSKI, 1994, p.88).

Diante dessa outra maneira de entender a consciência, vale salientar que para a fenomenologia, não existe mera aparência, só aparecimento. Os aparecimentos são reais; eles constituem o ser. Ela nos convoca a repensar as coisas que são ditas como psicológicas e que podem ser vistas como ontológicas, parte do ser das coisas. Retratos, palavras, símbolos, objetos vistos, estados de coisas, leis, convenções sociais são todos tidos como existentes, como compartilhando em ser e como capacidade de aparecer de acordo com seus específicos modos de ser (SOKOLOWSKI, 2000).

A fenomenologia husserliana afirma que toda vivência intelectual e toda a vivência em geral, ao ser levada a cabo, pode fazer-se objeto de um puro ver e captar e, neste ver, é um dado absoluto. Está dada como um ente, como um isto-aqui, de cuja existência não tem sentido algum duvidar (HUSSERL, 1996, p.25).

Assim, o modo como as coisas se manifestam está intrinsecamente relacionado a nossa condição de sermos verdadeiros, a nossa habilidade de deixar as coisas aparecerem. É importante ressaltar que as presentificações e as ausências estão igualmente imbricadas na manifestação dos fenômenos (SOKOLOWSKI, 2000).

O tema da presença e da ausência foi um assunto original em Husserl e na fenomenologia. Antes de refletirmos sobre ele, é importante comentarmos sobre as três formas estruturais que comportam as análises realizadas pela fenomenologia. As três formas são: (a) a estrutura de partes e todos, (b) a estrutura de identidade numa multiplicidade, e, por fim, como salientamos acima (c) a estrutura de presença e ausência. As três estão inter-relacionadas, porém não devem ser simplificadas umas às outras (SOKOLOWSKI, 2000).

As totalidades podem ser analisadas a partir de dois tipos diferentes de partes: pedaços e momentos. Pedaços são partes que podem subsistir e ser apresentadas até separadas do todo; eles podem ser destacados de seus todos. Pedaços também podem ser chamados partes *independentes*. Assim, podem vir a ser todos. Momentos são partes que não podem manter-se ou ser revelados individualmente. Eles precisam do todo ao qual pertencem, e não podem ser evidenciados. Os momentos, portanto, são partes não-independentes.

Quando desejamos expressar algo, podemos sempre diferenciar a expressão do que é expressado, o experienciado. O ponto é que o fato idêntico pode ser desvelado numa multiplicidade de modos, e o fato é outro para uma e todas as suas expressões. Em suma, o horizonte do potencial e do ausente abarca a real presença das coisas. A coisa sempre pode ser apresentada em mais modos do que os já conhecidos; a coisa sempre contém mais manifestações em relação ao que está sendo expresso. Assim, a fenomenologia impede o reducionismo apresentando o que condiz a cada tipo de ser, não só em sua existência independente, como também em sua força de apresentação (ibid).

Presença e ausência são correlatos objetivos para *intenções cheias e vazias*. Uma intenção vazia tem como alvo algo que não está aí, ou seja, não presente para quem o intenciona. Uma intenção cheia é a que tem como alvo algo que está aí, em sua presença física, ante quem o intenciona. É importante destacar que as intenções cheias e vazias estão dirigidas para um e mesmo objeto. As coisas são dadas numa mistura de presenças e

ausências, da mesma forma como são dadas numa multiplicidade de manifestações. Diante da importância de se considerar a multiplicidade de manifestações, a ausência deveria ter a atenção que merece na Filosofia e na Psicologia, pois ela é um fenômeno ao qual deve ser dado a devida atenção.

Ela circunda a condição humana em diferentes tipos, e é uma grande tarefa filosófica diferenciá-las e descrevê-las. Um dos insights mais originais de Husserl foi chamar nossa atenção para as intenções vazias, nosso modo de intencionar a ausência, e destacar sua importância na exploração filosófica do ser, da mente e da condição humana (SOKOLOWSKI, 2000, p.46).

Diante dessas três formas estruturais que comporta a análise fenomenológica, constatamos que a intencionalidade confirma a condição humana para reconhecer as multiplicidades da experiência, tratar com coisas que estão ausentes, assim como registrar as identidades dadas por meio de presença e ausência.

Sempre que desejarmos explorar um problema fenomenológico, deveremos perguntar: o que são as partes e os todos, as identidades nas multiplicidades e as misturas presenças e ausências que estão em funcionamento no assunto em questão (ibid, p.49).

De acordo com a contribuição das estruturas na experiência humana, e visando auxiliar nas descrições fenomenológicas, destacamos: a percepção, a memória e a imaginação. A percepção apresenta um objeto direcionado para nós, e esse objeto é sempre dado numa mistura de presenças e ausências. A imagem da memória está no mundo intramental. A memória manifesta o mesmo objeto, mas com uma camada noemática: como recordado, como passado. Nesse momento do nosso trabalho, creremos ser necessário, brevemente, conceituar os termos: *noema e noese*. “*Noese é o ato que conhece e a coisa conhecida é noema*” (ZITKOSKI, 1994, p.60).

A recordação, não consiste em olhar para um objeto e este remeter a outro. O que acontece é que visualizamos o objeto diretamente. Ela é mais como a percepção do que como formar imagem de algo. A recordação é um reviver percepções antigas, e recordar os objetos como foram dados naquele tempo, ou melhor dizendo, é uma revivificação de uma experiência. Há uma frase muito difundida no mundo: “Recordar é viver” (SOKOLOWSKI, 2000). Já a imaginação difere da recordação porque opera numa modalidade “dóxica” diferente daquela da percepção e da memória; ela é irreal, somente “como se”, por exemplo, é um tipo de imaginação, em que nos engajamos, quando estamos planejando algo. Quando

temos uma experiência antecipada ocorre um deslocamento do si-mesmo. Em outras palavras, imaginamo-nos em possíveis futuros e não em um. Essa possibilidade é decorrente da estrutura formal do deslocamento, quer dizer, seus diversos deslocamentos de consciência oriundos da percepção permitem, no momento atual, imaginarmos ou recordarmos a nós mesmos numa situação qualquer, em vários lugares e em outro tempo. Todavia, existem pessoas que não conseguem “aceitar” algumas experiências passadas ou o que são fantasias. Esse tipo de deslocamento interno confirma que vivemos no nosso mundo circundante, que é visivelmente dado para nós, mas vivemos também, no mundo do si-mesmo deslocado, o mundo recordado, imaginado e antecipado. Todas essas estruturas e ampliações ocorrem na atitude natural, mas podem ser reconhecidas e descritas através da atitude transcendental, fenomenológica. Pois, só esta atitude consegue apreender a sutileza e a fragilidade da presença e da ausência, podendo encontrar o termo adequado e a gramática para expressá-la. Ao contrário da atitude natural que procura encontrar algo substituto visando conceituá-lo.

A intencionalidade da consciência ganha contornos cada vez mais sofisticados quando pensamos em suas possibilidades, enquanto favorecedoras da amplitude das multiplicidades. Através delas, podemos identificar os objetos que encontramos, e mais multiplicidades ainda irão definir a nossa própria identidade como pessoas humanas.

As palavras ocupam um lugar específico na intencionalidade de nossa consciência. Elas despontam a partir de um tipo de intencionalidade que as tornam distintas, percebidas e, ao mesmo tempo, fazem-nos intencionar não somente os sinais que estão presentes, mas os que estão ausentes. O novo tipo de intenção é denominado de intenção significativa, pois dá sentido às coisas. É um tipo especial de intenção vazia. É uma intencionalidade descoberta, uma parte não-independente de um todo maior, devido a fundar-se na base perceptual que apresenta as características que lhe fizeram palavras. Portanto, as palavras auxiliam a intenção significativa, que difere das intenções vazias, pois ela é discreta e contínua. Define seu objetivo realizando movimentos rápidos, porém legíveis no intuito de abranger o todo. A presença de intenções significativas conduz a uma percepção de coisas de uma maneira humana. Assim, a intenção significativa é orientada pelas coisas em sua ausência, entretanto ela pode surgir também, na percepção ou na intuição. Podemos exemplificar: quando alguém nos diz uma informação e nós não nos conformamos e vamos até as coisas mesmas. A interação entre ausência e presença lingüística nos leva à identidade das coisas.

Contudo, sabemos que a nomeação e a articulação em palavras têm mais exatidão do que apenas imaginar ou antecipar. A nomeação e a articulação fazem parte da intenção

significativa. A introdução da intenção significativa compõe-se de três elementos: uma referência, uma palavra e uma compreensão ou sentido. Tanto a palavra como a referência não causam polêmica. Já o sentido é diferente. Por se encontrar entre a palavra e o objeto parece ser construído de repente, no ser, em resposta ao ato significativo. “Parece ser algum tipo de um ser mental, ‘uma intenção’ como foi chamado” (SOKOLOWSKI, 2000, p.92).

Já na formação de imagens, o objeto intencionado é trazido para nós, para nossa própria proximidade, ou seja, a presença do objeto é corporificada diante de nós. As intenções significativas apontam para a coisa, as intenções pictoriais trazem a coisa para perto. Elas são muito mais como uma visão ou audição das coisas, melhor dizendo, as intenções pictoriais são semelhantes ao modo como a coisa seria dada.

Na fenomenologia, sinais têm sido chamados de indicações, todavia podemos chamá-los de símbolos ou sinais. Eles remetem a um outro tipo de intencionalidade, a simbólica ou indicacional. Um símbolo, apenas indica o objeto e o traz à mente sem qualificação. Ao contrário da sintaxe, na linguagem, que favorece intencionarmos uma coisa de modos diferentes, porque temos a nossa gramática. A fenomenologia trabalha também com uma intencionalidade puramente racional, denominada de intencionalidade categorial. É um tipo de intenção que exprime o estado de coisas e proposições. Ela é de grande importância para o estudo do que é o ser humano e do que é um ser dativo de manifestação.

A realização intencional é a base reflexiva para a linguagem e a fala humana. Todavia possuímos a linguagem porque podemos pensar, porque temos a habilidade para efetivar intenções categoriais. Sendo assim, a habilidade da linguagem está baseada nos tipos de intencionalidade que desfrutamos no domínio categorial. Outro ponto igualmente importante é a identidade na percepção. A identidade foi realizada por meio da multiplicidade, agora comporta um novo sentido e uma outra dimensão. Portanto “temos identidade na consciência categorial, o tipo de identidade que é apresentado, preservado e transportado através da fala” (SOKOLOWSKI, 2000, p.103). Assim, esta consciência constitui um objeto específico que conceituamos como categorial. Na fenomenologia, a determinação de objetos categoriais é chamada de sua constituição. Para ela “constituir” significa trazê-lo à luz, manifestar-se, mostrar a sua verdade. Essa atividade categorial exprime o modo como as coisas são apresentadas para nós. Somos direcionados ao mundo tanto quando intencionamos coisas presentes como ausentes. Contudo, é fundamental destacar que os objetos categoriais são modos por meio dos quais as coisas desvelam-se, eles não são “coisas na mente” subjetivas, psicológicas. Um exemplo é quando “o estado de coisas ficou compreensível, de

repente, na situação, uma intuição categorial é alcançada, os todos e as partes são manifestados, a sintaxe é instalada no que experienciamos” (SOKOLOWSKI, 2000, p.106).

Portanto, as últimas reflexões nos permitem compreender que, para ocorrer uma mudança em relação ao estado de coisas, para tornar-se juízo, proposições, conceitos, sem interpretá-los como entidades mentais ou como intermediários entre a mente e as coisas, é necessário adotar uma nova atitude. Esta atitude chama-se atitude proposicional, e sua reflexão é também denominada de proposicional (ou judicamental). Também pode ser conceituada como reflexão apofântica, devido a se instituir e retornar ao juízo. O juízo, a proposição, o significado, o sentido emergem como uma manifestação, uma mudança no modo de revelação em função dessa nova atitude. A atitude proposicional destaca a diretividade ao mundo de toda intencionalidade; até quando remetemos a um juízo, estamos remetendo ao mundo, todavia ao mundo concebido por uma determinada pessoa.

De um lado, “a intencionalidade fenomenológica é visada de consciência e produção de um sentido que permite perceber os fenômenos humanos em seu teor vivido” (HUSSERL, 1996, p.28). Por outro lado, a intencionalidade categorial exalta uma maneira humana de verdade, a verdade abarca a fala e o raciocínio. Entretanto, se ela permite esse tipo de verdade, também favorece um excesso da verdade condizente ao ser humano, em outras palavras, se podemos “dar” ao outro um estado de coisas que ele não experienciou, é possível lhe atribuir uma interpretação falsa desse estado de coisas por meio da fala, ou relatamos sobre o outro um estado de coisas que nunca aconteceu.

Diante deste fato, destacamos o fenômeno da vaguidade, quer dizer, da incerteza. Este fenômeno é indispensável não só em relação às questões mais científicas da lógica, do significado e da verificação, mas também no que diz respeito ao uso ordinário da linguagem e ao estabelecimento de um falante responsável. A vaguidade se situa entre a ignorância e o erro. É um pensamento incipiente. A vaguidade é composta de inconsistência, porém é possível abarcar a incoerência. Inconsistência é quando uma parte que dizemos é incompatível com a estrutura lógica formal. Incoerência é quando o conteúdo como oposto a forma de nossos juízos não está coerentemente agrupado. Contrário da vaguidade, a intenção categorial, que consiste no domínio da razão, é quem institui seus objetos categoriais. Esses objetos são vistos tanto na dimensão ontológica das coisas (estados de coisas, coisas, atributos) como pelo viés apofântico (juízos, proposições, sentidos, sujeitos, predicados). Os estados de coisas e os juízos são submetidos à distinguibilidade antes de ocorrer à confirmação ou não e também

para serem compreendidos. Eles são colocados à distinguibilidade, e isentos do fenômeno da vaguidade, que é um tipo de base e fonte de categorialidade.

Assim, o domínio do categorial também envolve a emergência de um falante responsável. Solicita um si elevado, além do si formado na percepção, na memória e na imaginação. Esse si é o ego transcendental. É o “eu”, que é uma coisa material, orgânica e psicológica. Se considerarmos o si apenas como uma das coisas no mundo, chamaríamos de *ego empírico*. Desse modo, esse si pode ser colocado adversário do mundo: ele é o centro de manifestação para quem o mundo e tudo nele desvele a si mesmo. É o agente da verdade, o único responsável por juízos e verificações, o “dono” perceptual e cognitivo do mundo. Considerando desse modo, ele não é apenas uma parte do mundo; ele é o que denominamos de *ego transcendental*. Os egos empírico e transcendental são um, no entanto, têm dois modos de ser que o constitui. O ego como transcendental, o seu caráter intencional também, solicita que ele estabeleça uma relação mútua entre ele, as coisas e o mundo.

Contudo, quando o ego é considerado como tendo um mundo, ele não é uma parte dele, e sim correspondente com “o mundo como o dativo para o qual o mundo é *dado*” (SOKOLOWSKI, 2000, p.124). Ocorre uma forte tendência a reduzir o ego transcendental ao empírico, quer dizer, reduzir o conhecimento e outros acontecimentos racionais a estados físicos-cerebrais. Esse modo de atuação poderia ser chamado como *biologismo* ou reducionismo biológico. Outro tipo de reducionismo, mais elaborado, é o *psicologismo*. Ele consiste na afirmação de que coisas como lógica, verdade, verificação, evidência e raciocínio são apenas atividades empíricas de nossa mente. No psicologismo, a razão e a verdade são naturalizadas. O psicologismo tanto como o biologismo aborda o significado e a verdade como questões que não transcendem o empírico, ou seja, que não consideram a dimensão que pertence ao ser das coisas. O psicologismo é a mais comum e traiçoeira forma de reducionismo.

Já a abordagem fenomenológica vem destacar um outro tipo de explicação baseado nas coisas que aparecem. As coisas podem ser separadas em todos e partes em que é possível serem visualizadas e percebidas, que essências e acontecimentos podem ser discriminados, entre elas através do ato de manifestação apresentado para nós.

Logo, ao invés do outro tipo de explicação que se detém apenas à conexão cerebral e as nossas disposições psíquicas, devemos refletir que quando raciocinamos, atuamos como agentes da verdade e do significado. No entanto, exercemos atividades que não podem ser restritas apenas ao âmbito empírico. Os significados e os juízos pertencem ao que pode ser

chamado o “espaço” das razões, e nos encontramos nesse espaço quando realizamos atividades categoriais. “Assim, além de sermos seres biológicos, psicológicos e subjetivos, também entramos como agentes no espaço das razões, entramos no domínio do racional, e quando agimos assim ‘vamos além de’, transcendemos nossa subjetividade, agimos como egos transcendentais” (SOKOLOWSKI, 2000, p.127). O ego transcendental também, realiza a verdade na atitude natural, vamos dizer assim, de uma maneira superficial, todavia a filosofia teoriza a verdade de forma profunda. Essa postura da filosofia é no intuito de revelar a complexidade da verdade do conhecimento humano a partir do modelo de conhecimento científico seguido pelas ciências naturais.

“A filosofia é um esforço científico, ou seja, uma tentativa humana de descobrir o modo como às coisas são, e a habilidade humana de agir de acordo com a natureza das coisas” (ibid, p.167). Esse modo de direcionamento para com as coisas é decorrente da busca pelos significados. Os significados são apresentados por palavras. Através da linguagem é possível desvelar os modos como as coisas são e comunicá-los em qualquer tempo e lugar. Mas, por meio das palavras podemos dar outro sentido às coisas como também sermos fiéis à *verdade* das coisas. Verdade na fenomenologia é desvelamento ou, podemos dizer, doação de sentido. O que diverge de uma verdade única e universal defendido pelo método das ciências naturais.

Existem dois tipos de verdade que acontecem em nossa vida racional: a verdade da exatidão e a verdade da descoberta. A verdade da exatidão parte de uma proposição cujo intuito é verificar se é verdadeira ou falsa. A verdade da descoberta é a manifestação das coisas naturalmente. Tal acontecimento ocorre durante nossa experiência e nossa percepção normal. A verdade da exatidão depende da verdade da descoberta. Todavia, é necessário acrescentar outro termo, “a palavra *evidência*, para nomear as atividades subjetivas que realizam a verdade. Na fenomenologia evidência é a realização da verdade, o produzir de uma presença. Em outras palavras, é uma intencionalidade que descobre um objeto” (SOKOLOWSKI, 2000, p.171). A evidência conduz as coisas à sua manifestação, porém toda evidência surge da ausência e da vaguidade (incerteza), e o enfoque sobre um aspecto leva à obscuridade de outros aspectos. A obscuridade e a ausência não devem ser vistas como desacertos. No caso da obscuridade, ela não é só perda; ela também pode ser preservação e proteção. Sabemos que as coisas precisam de momentos certos para serem vistas.

As coisas têm suas essências que podem ser alcançadas através da intuição eidética, ou seja, a forma como caminho para se chegar à “essência”. A intuição eidética requer um enorme esforço da imaginação. Solicita que sejamos capazes de transcender o comum

significado das coisas. Portanto, colocar-se na disponibilidade de exercitar o eidético partindo do habitual e do empírico exige imaginação criativa. Por outro lado, a intuição eidética pode tornar-se variações imaginativas. Estas têm de ser habilmente elaboradas, “devemos ter a capacidade de saber o que a apresentação imaginativa irá arrumar. A imaginação dá-nos um vislumbre da necessidade. Essa intuição, que os gregos chamam de *nous*, é a recompensa que obtemos por nosso esforço imaginativo” (SOKOLOWSKI, 2000, p.192).

Contudo, os universais eidéticos vão além do empírico, mas se baseiam neles e não devem sobrepor-se. Pois, os universais empíricos nos apoiam no mundo real, e os universais eidéticos poderiam se fragmentar se os empíricos fossem anulados.

Diante da explanação das contribuições da fenomenologia, podemos finalizar este capítulo com uma citação de Husserl, em sua obra, *Meditações Cartesianas*:

A fenomenologia não encontra realidade nem conceitos de realidade mostrados como “acabados”, mas que os extrai na esfera original da constituição captada, ela mesma, em conceitos originais, já que, obrigada a elucidar todos os horizontes, domina todas as distinções de “alcance” e todas as relatividades abstratas; ela deve chegar por si mesma aos sistemas de conceitos que definem o sentido fundamental de todos os domínios científicos (HUSSERL, 2001, P. 168).

No próximo subtítulo, vamos comentar outro direcionamento dado à Fenomenologia construída a partir do pensamento de Heidegger, que terminou por ser conhecida por Analítica da Existência.

4.2. Analítica Existencial de Heidegger

Heidegger, a princípio, aderiu à Fenomenologia proposta por Husserl, rompendo, entretanto, a partir da noção proposta pelo segundo de ego transcendental, uma vez que considerava o tempo e a historicidade constitutivas da condição humana (SAFRANSKI, 2000).

Suas concepções de ser, verdade e mundo foram adquirindo uma originalidade que o coloca entre os grandes nomes da filosofia de todos os tempos.

Trata-se de uma obra de grande complexidade, que se espalha em mais de cem publicações deste sempre inquieto pensador (SAFRANSKI, 2000).

Nossa proposta é comentar brevemente os elementos que dizem respeito à construção de aspectos constitutivos do modo de ser humano num espaço que podemos chamar, à falta de outro nome, de ação clínica ou interventiva.

A partir da retomada do ser do homem, retirado do esquecimento a que filosofia ocidental o havia relegado desde a metafísica, esquecimento esse confirmado posteriormente pela técnica, o autor propõe uma ontologia fundamental, para que possa ser diferenciada de outras ontologias, onde verdade e ser finalmente se reencontram (MICHELAZZO, 1999).

Heidegger concebe o ser do homem, como *ser-lançado* que, ao contrário dos outros seres da natureza, animados ou inanimados, não encontra nesta um destino - que podemos chamar biológico ou natural - situando-se, portanto, em “não acolhimento”. Ao partir daí, colocado em angústia e liberdade com outros seres em comum condição, *ser-com-os-outros*, irá *destin-ar-se* em uma trama de sentido, mundo humano, onde finalmente irá habitar (CRITELLI, 2006).

Portanto, o ser do homem é *ser-no-mundo*, em *co-originalidade* com esse mesmo mundo que, a partir daí, será sempre pré- compreender na construção da verdade do ser.

Heidegger desconsidera todos os “a priori” que podem levar ao esquecimento do ser, tais como a concepção do homem como filho de Deus, a consciência e o sujeito como proposto por Descartes e seguidos pela filosofia e ciência posteriores, por estabelecerem uma distância entre o homem (sujeito) e a construção do conhecimento (objeto), que fatalmente irá levar à substituição da presença pelo conceito-representação (MICHELAZZO, 1999).

O conceito de sujeito transcendental kantiano ou as propostas do psicologismo serão igualmente postas em questionamento rigoroso. A partir de onde então pensaremos o *ser-do-homem*?

O *ser-do-homem* como *ser-no-mundo* será compreendido como *ec-sistência*, ou seja, existir para fora, na *existência* (INWOOD, 2002). A partir deste autor, a *existência* adquirirá um caráter tão marcante que a tarefa do homem será agora compreendida como *cuidar de existir*, cuidando de si, do outro (preocupação) e do “mundo” (ocupação), responsabilidade humana intransferível.

Como comentamos acima, Heidegger ao criticar a tradição filosófica que credita a construção do conhecimento à consciência/sujeito, configurando, a partir daí, um pensamento metafísico/técnico, propôs o *Dasein* como disposição afetiva, modo de ser da abertura do *ser-no-mundo*, pura *compreensão e interpretação*, que estarão desde sempre em ontológica verdade. Entretanto, compreendendo o *Dasein* em seu cotidiano, o autor propõe que, sendo *ser-com-os-outros* e *ser-de-possibilidades* buscará a medianidade, o impessoal, onde tenderá para o “encobrimento”, para a fuga de si, esquecendo seu “ser próprio” (INWOOD, 2000, p.37-39).

Essa possibilidade do ser, que para Heidegger é exatamente isso, não havendo nenhuma outra conotação, é chamada de inautenticidade, impessoalidade ou impropriedade (VATTIMO, 1996). Na fuga da inautenticidade o *Dasein*, esquecendo o seu ser próprio, encontrar-se-á se sobre o domínio do “eles”, do “se”, em um mundo de evidências, em que o falar e o escrever se farão descompromissadamente, “falatório” e “escritório”, em que a curiosidade, como forma despersonalizada e insaciável de lidar com o novo terá como fim preservar o conhecido (VATTIMO, 1996, p.42-46). Como outra possibilidade desse *ser-no-mundo* sem essência, ou seja, desse *ser-de-possibilidades* é o que o autor chamou de autenticidade, propriedade, pessoalidade.

Melhor definida na segunda parte de *Ser e Tempo*, a autenticidade passa a ser pensada a partir do *Dasein* em sua totalidade, ou seja, em sua finitude, possível pela compreensão - no horizonte de possibilidades - da morte como “possibilidade autêntica” e “autêntica possibilidade” (VATTIMO, 1996, P.52-53). Segundo o mesmo autor, essa “possibilidade da impossibilidade de toda a possibilidade” é responsável por, impedindo a rigidez do *Dasein*, permitir que este se projete na sua totalidade, nas suas possibilidades mais próprias, no mais autêntico de seu *ser-de-possibilidades* (ibid, p.52-54).

Tal movimento do *Dasein* em direção à morte, em seu *ser-para-morte*, o lançará fatalmente para o futuro, na sua temporalidade mais própria. Entretanto, a morte como possibilidade última, o fará recuar ao passado, onde se reencontrará como *ser-de-possibilidades*, presentificando-se então (INWOOD, 2002).

Como se pode compreender, a relação do Ser com o tempo não se pautará pela nossa experiência cronológica e ôntica deste, em que os instantes se sucedem ordenadamente (INWOOD, 2000).

Acreditamos que esta poesia vem ilustrar o que a analítica existencial de Heidegger vem propor:

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a natureza produziu.
(ALBERTO CAEIRO [Fernando Pessoa], 1952, P.66).

Apesar das polêmicas que sempre envolveram as tentativas de, a partir da Fenomenologia e da Analítica Existencial, construir novos modelos de atenção psicológica, as ricas contribuições que ambas apresentam continuam desafiando os autores contemporâneos, como veremos no próximo capítulo.

5. PSICOLOGIA CLÍNICA NUMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Husserl propõe uma nova Psicologia cientificamente fundada, ou seja, a Psicologia fenomenológica. Como já foi explanado no início da dissertação, no capítulo sobre fenomenologia, Husserl, ao propor a intencionalidade da consciência, inaugurou novas possibilidades de se pensar a Psicologia e a clínica.

Sá (2006) ressalta que a fenomenologia tem a finalidade de descrever as estruturas gerais da consciência, não do sujeito empírico estudado pela Psicologia, mas do sujeito transcendental, que é a condição ontológica de possibilidade das experiências humanas concretas nos diversos níveis e regiões de realização da existência. Afirma, também, que o existencialismo nunca se constituiu como um sistema filosófico estruturado. Assim, o existencialismo é o próprio filosofar enquanto atitude permanente de estranhamento e interrogação do sentido. Ambos, fenomenologia e existencialismo, acredita, agregam um novo direcionamento à clínica.

Heidegger, entretanto, vai além, elaborando uma compreensão ontológica do existir humano em geral, quer dizer, uma interpretação das estruturas que constituem o ser do homem enquanto existente. A questão que motivou Heidegger foi o sentido do ser (SÁ, 2006).

Heidegger faz uma nova reflexão: a partir da fenomenologia de Husserl caminhando em direção a ontologia - hermenêutica. Assim,

a intencionalidade para Heidegger não vai ser como foi para Husserl, a propriedade fundamental da consciência, mas a direção para o ser compreendido, quer dizer, para o ser pré-descoberto, de que a consciência é o ponto de abertura. Nesta proposta, a fenomenologia é ontologia, ou melhor, é uma hermenêutica, porque a descritividade fenomenológica tem o alcance de um trabalho de interpretação aplicado ao Dasein, de dentro para fora, uma vez que parte do Dasein e é pelo Dasein mesmo conduzida (NUNES, 2004, p.11-12).

Medard Boss, logo que concluiu sua formação médica, engajou-se em uma rica formação psicanalítica. Após a análise didática com Freud, teve oportunidade de se associar a Ernest Jones, Karen Horney, Fenichel, Schulz-Henkel, Wilhelm Reich e, por dez anos, a Jung na Universidade de Zurique. Sua proposta psicoterápica, a *Daseinsanalyse*, inicialmente sugerida por Binswanger, apresenta elementos de ordem psicodinâmica assim como da analítica da existência. Seguem abaixo trechos do pensamento do autor, e de como procura articular a tradição psicanalítica com a nova proposta fenomenológica existencial.

Podemos considerar Boss como o autor que realizou o esforço mais fecundo no sentido de, a partir da ontologia fundamental de Heidegger, enriquecer a própria clínica psicoterápica. Médico - com formação em Psicanálise - começou a questionar a prática clínica a partir de seus fundamentos filosóficos, que, baseados em modelos teóricos das ciências da natureza, se referiam a uma hipotética *natureza humana* (BOSS, 1977).

Assim, Boss, a partir do pensamento heideggeriano, conseguiu ampliar uma nova concepção no que se refere ao existir do homem. Partindo deste lugar, Boss - como grande psicoterapeuta - e por amor ao ser humano, se dedicou ao enfrentamento de seus problemas fundamentais, procurando livrar os homens atuais das amarras do pensamento materialista e tecnocrata, até então vigente, e que pretende explicar cientificamente os fenômenos humanos em vez de procurar compreendê-los (ibid, p.5). Desse modo, “o psicoterapeuta irá olhar o ser humano na condição de existir como ‘Dasein’, ou seja, segundo os modos de ser do *ser-no-mundo* junto com os outros num mundo compartilhado” (CARDINALLI, 2004, p.78).

É mister frisar que os modos de ser do *ser-no-mundo* são reconhecidos a partir do modo de ver e conhecer fenomenológico. Este modo de posicionamento conduz para uma prática psicoterápica que diz respeito

ao fato dela mesma ser livre e de permitir aos homens tornarem-se livres dentro dela. Como psicoterapeutas queremos, no fundo, libertar todos os nossos pacientes para si mesmo [...] Com a libertação psicoterápica queremos levar nossos pacientes “apenas” a aceitar suas possibilidades de vida como próprias e dispor delas livremente e com responsabilidade. Isso quer dizer também, que nós queremos que eles criem coragem de levar a termo suas possibilidades de relacionamento co – humanos e sociais de acordo com a sua consciência e não como pseudo-consciência imposta por qualquer um (BOSS, 1977, P. 61).

Tal proposta psicoterápica foi amadurecida nos chamados Seminários de Zollikon (2001), onde a convite de Boss, Heidegger, desenvolveu uma série de atividades, desde seminários sobre sua obra, particularmente *Ser e Tempo*, à análise de casos a partir de sua perspectiva.

Os encontros duraram cerca de 10 anos, de 1959 a 1969, onde um grupo de psiquiatras coordenados por Boss tiveram a oportunidade de debater amplamente aspectos fundamentais da obra de Heidegger, que permitiram uma melhor compreensão do “mundo” de seus clientes. É importante que possamos destacar brevemente alguns elementos constituintes da ontologia de Martin Heidegger, que alicerçaram a nova proposta de psicoterapia sugerida por Boss.

O primeiro elemento, não só hierarquicamente, também pela importância da disposição afetiva como abertura, a afinação como um existencial nos remete ao ôntico das emoções (POMPÉIA, 2004).

Assim, segundo o mesmo autor, “afinação é a luz que vigora nessa clareira e que, de certa forma, ilumina todos os entes, todos os acontecimentos que nessa clareira se apresentam” (ibid, p.7).

Tal disposição afetiva, exposto originalmente em todas as situações que se apresentam ao *Dasein*, é experimentada como modificada constantemente.

A afinação nos conduz a outro existencial, a compreensão. “Toda compreensão que o *Dasein* tem de si, dos outros e do mundo é sempre afinada de um certo modo” (POMPÉIA, 2004, p.7). Visto dessa forma, a compreensão estará sempre relacionada à gama de possibilidades que o *Dasein* experimenta quanto ao seu ambiente como um todo e de seu próprio lugar nele, compreensão, portanto carregada de significações (INWOOD, 2000).

Este constante voltar-se do homem para alguma coisa forma a tessitura compreensiva, que lhe permite destacar itens específicos em seu ambiente. Tomado no sentido de “existir”, a interpretação torna explícita as relações do ente com as outras coisas do seu ambiente, assim como de suas possibilidades em relação a este.

Inwood (2000) comenta que, sendo a interpretação antecedida pela compreensão, aquela será sempre um “ante-ter”, um “ante-ver” e um “ante-conceber”. Tais formulações foram destacadas por Pompéia (2004), por acreditar que as concepções heideggerianas de verdade, liberdade e familiaridade trazem contribuições inestimáveis à clínica. A verdade para Heidegger se aproxima da palavra *alétheia* (o não esquecido ou o recordado), compreendida no sentido de desvelamento.

Daí que a liberdade tomada como essência da verdade, aquela consistindo em deixar que os *entes* sejam, permitindo em consequência liberdade de movimento ao homem, vão desempenhar um papel fundamental na formação do mundo no sentido mais profundo de familiaridade com este (INWOOD, 2000).

A experiência de liberdade - verdade é permeada de um envolvimento afetivo do sentir-se na proximidade e na familiaridade com o que se apresenta. “E essa plenitude do desvelamento, a plenitude que torna íntimos, que torna próximos os entes que se manifestam na clareira do ser, que é o *Dasein*” (POMPÉIA, 2004, p.8).

De acordo com o referido autor, o *Dasein* se apresenta no modo da presença no mundo. A mundanidade do mundo se apresenta para o *Dasein* sempre de um modo afinado, o que resulta na abertura do mundo. O *Dasein* é sempre aberto de um certo modo.

Estes modos de ser se referem também aos problemas psicológicos de caráter patológico. Estes estão correlacionados a uma afinação em que a manifestação da verdade se dá em seu modo privativo. “Este é um sofrimento oriundo de uma afinação que imprime um colorido hostil àquilo que poderia ser vivido, na forma plena da verdade como familiaridade e proximidade” (POMPÉIA, 2004, p.9).

A psicoterapia, portanto, se dá, de início, nas afinações de *estar-lançado* e do desabrigo. No início do processo, o psicoterapeuta está se lançando, pois sente que não caiu, mas pode cair. Fica na expectativa de que a psicoterapia evolua. No caso do paciente, já está lançado, carrega o desabrigo de alguém que sente que caiu.

A angústia e a culpa originárias são freqüentemente experimentadas onticamente na situação de psicoterapia. Os sentimentos de culpa nas neuroses obsessivo-compulsivas, as autoacusações incessantemente declaradas nas indisposições melancólicas e depressivas, são conhecidas de longa data, de maneira que Boss (1997) declarou que o indivíduo é impotente diante da obsessão do seu sentimento de culpa. Sentimento este que o autor correlacionou à neurose de tédio também chamando-a de neurose do vazio, sendo estas, acreditava, as formas de neurose do futuro imediato. O autor comenta:

o tédio que reina na existência dos atuais neuróticos, freqüentemente, encobre seu próprio sentimento utilizando-se do ruído dominante das atividades ininterruptas, diurnas e noturnas, ou do embotamento das mais diversas drogas e tranquilizantes (BOSS,1997, p. 17).

A angústia, vista numa dimensão ontológica, quer dizer constitutiva, acompanhará o ser humano até a sua morte. Igualmente a culpa, entendida como a essência do ficar-a-dever e da culpabilidade existencial do ser humano, assim como a angústia, também o acompanhará durante toda a sua vida.

“Cada angústia humana tem um *de que*, do qual ela tem ‘medo’, e um *pelo que*, pelo qual ela teme. Cada culpa tem um *o que* que ela ‘deve’, e um *credor* ao qual ela está devendo” (ibid, p.26).

Não há, conseqüentemente, nenhum fenômeno da consciência humana que não deva e não possa ser entendido no fundo como um chamado de advertência para cumprir a missão humana de guardião, e pastor de tudo aquilo que tem que aparecer, que ser, e que quer se desdobrar na luz de uma determinada existência humana (BOSS, 1977, p.39).

Tanto o homem como os animais, experimentam o medo mais catastrófico, quando se ameaça seriamente, a segurança daquilo que julgam ser o seu ambiente protetor. Desse modo, “se o abrigo e a segurança vital de um lactente humano não estão assegurados, por estar rodeado de indiferença e até de rejeição em vez de amoroso cuidado maternal, também ele morre, pelo menos psíquica e afetivamente, já petrificado de medo, quando mal começa a viver” (ibid, p.27).

A angústia interna instintiva é constitutiva em todo lactente. Por mais amparado que tenha sido, em breve começará a experimentar a angústia (visto que esta faz parte do humano), mesmo que em proporções diferentes da situação extrema comentada acima (ibid).

O mesmo autor destaca as manifestações ônticas da angústia na vida adulta: nos medos de destruição de sua vida bem harmonizada, segura e convenientemente adaptada, de seu modo estruturado, nas fobias patológicas (presentes nos atuais transtornos, como o pânico e outras fobias específicas e mesmo nas patologias em geral).

Estas angústias internas das crianças e dos adultos fóbicos são sempre medos da destruição e do não-poder-mais-ser próprio do homem. Sendo assim,

é principalmente diante da impossibilidade de qualquer possibilidade – a morte – que o Dasein procura refúgio na superficialidade do cotidiano, buscando, assim, escapar da angústia diante da finitude que o paralisa, apesar de ser por meio dela que apreende o sentido da sua singularidade” (BARRETO, 2006, p.202).

Pompéia (2004) destaca que, para Boss, ao contrário da Psicologia do século XIX e começo do século XX, nem toda a angústia é patológica. Para a *Daseinsanalyse*, há uma angústia existencial, que é sempre anterior à angústia patológica. A angústia existencial consiste no desamparo que o *Dasein* vive quando se aproxima de si mesmo, isto é, quando se percebe, com maior ou menor clareza, aberto e lançado na indeterminação dos fatos do futuro e dos significados dos fatos passados. O vivido pode mudar radicalmente, à medida que as coisas vão acontecendo. Isso é aflitivo e assustador. Portanto, estar lançado nessa indeterminação é angustiante.

O *Dasein* pode dissimular a indeterminação do futuro acompanhando o ponto de vista de “todo mundo”, do antecipado pelas estruturas da cultura, ficando ameaçado pelo acontecer de coisas que não pertencem a essa previsão. Desse modo, ele se defende sabendo do caráter artificial e instável dessa defesa. Boss chama de angústia patológica e subjetivista esse modo defensivo do *Dasein* lidar com a incerteza, acrescentando que é o afeto que vai aparecer na psicopatologia e Psicanálise com o termo angústia, que passa, nessas perspectivas, a representar um estado patológico.

Pompéia (2004) destaca que, para Boss, a superação da angústia patológica se dá basicamente pela abertura da angústia existencial. Para que a abertura seja efetivada plenamente e possa acolher tudo que vem ao encontro, é necessário que outra afinação esteja presente, a confiança. A confiança é um sentimento fundamental para que possa ocorrer a entrega ao processo psicoterápico.

Cardinalli (2004), entretanto, comenta que o objetivo desta proposta de psicoterapia visa resgatar a singularidade. Assim, devemos exercer a psicoterapia como arte, quer dizer, prestar cuidadosa atenção ao “o que” o paciente visualiza e ao “como” ele se relaciona com isso. A mesma autora ressalta ainda as possibilidades investigativas que a nova proposta autoriza.

O método de investigação *daseinsanalítico* permite que os fenômenos sadio e patológico do existir humano se mostrem mais diretamente como são experienciados pelo cliente, ou seja, esclarecidos de acordo com os significados e os contextos de referência que pertencem a este modo de existir (CARDINALLI, 2004).

Assim, deve ser enfatizado que, como modo de investigação tem o intuito de se deter nos fenômenos que estão diretamente visíveis, não tendo outro propósito além de articular a significatividade e os contextos de referência que os próprios fenômenos revelam.

Nesse momento de sua obra, Boss assume em sua totalidade a caracterização heideggeriana, passando a compreender o existir humano como *Dasein* – isto é, como abertura, *ser-no-mundo*, *ser-com-o-outro*, espacialidade, temporalidade, corporiedade – e o existir concreto de um *Dasein* específico, segundo seus modos de ser. Assim, percebe cada fenômeno humano como a efetivação das possibilidades ou poder-ser de um homem, não se esgotando, entretanto neste modo de ser (CARDINALLI, 2004).

Partindo dessa perspectiva, o existir humano ocorre sempre já no mundo, e o entendimento humano, igualmente, desde sempre está junto do mundo.

Assim, o existir humano é sempre conforme sua natureza mais profunda, um “ek-stase” no sentido próprio do termo e pode enquanto abertura iluminadora estar tanto aqui como ali e se encontrar numa livre relação com aquilo que se oferece a ele na abertura iluminadora de seu mundo (BOSS; CONDRAU, 1997, p.27)

A condição de abertura do *Dasein* ao espaço do mundo está também correlacionada à disponibilidade do tempo, ou o *ter-tempo-para* se coloca como dimensão fundamental da temporalidade no existir humano. As três dimensões: passado, presente e futuro estão profundamente imbricadas (BOSS, 1997).

O futuro vai se descortinando a medida em que o passado vai surgindo juntamente às experiências e descobertas de “ter sido”, quando também vão surgindo as lembranças, os aprendizados e a descoberta de ter que esperar. “Ter paciência e poder prever” são possibilidades que serão descobertas com a experiência da espera, isto é, de um futuro mais vigoroso (CYTRYNOWICZ, 2000, p.70).

Outra questão fundamental a ser considerada está na segunda parte da analítica de Heidegger *Ser e Tempo*, onde ele aborda a questão do *ser-para-a-morte* e o *poder-ser* em sentido próprio.

Ser-para-a-morte remete a possibilidade mais própria, irremissível e insuperável do homem enquanto projeto. Podemos dizer que toda angústia é, em último recurso, angústia da morte. Todavia é somente experienciando essa angústia diante do nada que o *Dasein* pode escolher a si mesmo, encontrar o que tem de mais próprio e singular para além das estruturas do mundo público e impessoal (SÁ, 2006, p.329).

Frequentemente se observa imprecisões quanto à compreensão de morte, morrer e *ser-para-a-morte*.

Pompéia e Sapienza (2004), refletindo sobre essa questão salientam que:

para o homem, a morte pode não ser apenas a submissão a uma determinação em sua estrutura genética ou a uma contingência. Ele pode fazer da morte um gesto de apropriação. Ao fazer isso, ele gesta ao mesmo tempo a história, a vida e o sentido. Sentido do qual ele precisa para viver e para morrer (ibid, p.73).

Dessa forma, com simplicidade, os autores não nos deixam esquecer a importância de nos apropriarmos dessa questão:

A morte e o morrer humanos nos acordam desse sono da banalidade das coisas. Cada momento da vida é a oportunidade que nos é dada para realizarmos aquelas coisas cuja importância só será nitidamente revelada quando estivermos na iminência da perda ou diante da própria perda (POMPÉIA; SAPIENZA, 2004, p.85).

A *Daseinsanalyse* - como proposta psicoterápica - visa compartilhar a interpretação da facticidade da existência que vem ao nosso encontro. Interpretar nesta perspectiva é, a partir do que é trazido, tendo como horizontes, ao mesmo tempo, os existenciais e aquela história particular, coabitar em confiança. Esta perspectiva de interpretação não só visa à explicitação do sentido do que aparece como na ampliação desse sentido, na procura do que pode estar encoberto – “pois o que é se dá e se oculta – propiciando assim que o paciente possa alargar e aprofundar a compreensão de como está sendo seu modo de existir” (SAPIENZA, 2007, p.47).

Essa proposta de psicoterapia ressalta a possibilidade de surpresas que está sempre ali. Pois, podem mudar tanto a percepção que o paciente tem das coisas como a percepção que ele tem de si mesmo e, também, acontecimentos na sua vida podem modificar tudo. Sendo assim, a cada dia o terapeuta sabe quem vem para a terapia, mas não sabe como vem (ibid).

A psicoterapia passa num certo momento, num certo espaço, de um certo modo. O que desvela/revela nela mesma, é o acontecer da vida, pois a vida é maior que esse momento. A psicoterapia é parte da vida, o momento em que se cuida do seu sentido, em que se cuida do acontecer de tudo o que afeta aquela existência; mesmo o paciente vivendo fora da realidade dos outros, ali está o acontecer da sua vida (SAPIENZA, 2007).

Essa perspectiva deixa claro a importância do pensamento heideggeriano para a clínica, pois acrescenta um novo olhar, ou melhor, outro posicionamento para com o sofrimento humano. Sendo assim, propomos tanto um acolhimento (abertura para a escuta do excluído) como uma intervenção clínica cujo intuito é encontrar, junto com o cliente, um significado/sentido para sua vida. Porém este significado não é uma resposta (causa e efeito), mas é uma descoberta e esta é contínua.

Portanto, Pompéia e Sapienza (2004) definem a psicoterapia existencial como espaço de acolhimento e compreensão. É uma relação que não deve ser estabelecida no plano de uma intersubjetividade, isto é, como um encontro de sujeitos isolados, interioridades definidas a partir de si mesmas. Mas numa compreensão de *ser-com*, ou seja, numa dimensão ontológica constitutiva do *Dasein* enquanto tal. Cada *Dasein* já é sempre *no-mundo-com-o-outro*, e o

modo mais próprio de ser *si-mesmo* não exclui, contudo implica obrigatoriamente algum modo específico de *ser-com*.

Essa proposta clínica sugere também um outro entendimento de verdade, que não corresponde às teorias, metodologias e técnicas, mas à verdade a partir das experiências e da existência, que se encontra sempre em movimento, pois faz parte do ser do homem.

Em resumo, a *Daseinsanalyse* defende que,

enquanto existimos, estamos destinados ao próprio desenvolvimento, habitando o sentido ao qual nos dedicamos na efetivação da nossa liberdade, radicada na verdade que liberta e que nós procuramos. Às vezes, perdemos esse sentido e então temos, na terapia, pela via da poiesis, uma forma de reencontrá-lo (POMPÉIA; SAPIENZA, 2004, p.169).

Sá (2002, p.348) comenta sobre a importância da “atitude fenomenológica” proposta por Husserl, posteriormente trabalhada por Heidegger como afinação/ disposição, apesar de o último não estabelecer tal relação como propiciadora de um possível correlacionar entre atitude psicoterápica “como exercício de consentimento, suspensão e desconstrução das identificações restritas da existência humana” e “recuperação do mundo enquanto abertura de possibilidades de sentido”, ao fenomenologicamente suspender a naturalidade do mundo e de si mesmo.

Considera o mesmo autor a atenção psicoterápica, quando adequadamente realizada, a responsável por mudanças nas relações de sentido consigo mesmo e com o mundo, independente da matriz teórico/prática do psicoterapeuta.

Entretanto, considerando a serenidade tal como proposta por Heidegger como “deixar-ser” fenomenológico, a ontologia permitirá uma abertura a clínica como compreensão hermenêutica, que implicando a todos os participantes, recoloca a questão técnico-científico como secundária à essencialidade ontológica da existência humana.

Neste sentido destaca ser fundamental:

a pré-compreensão do psicoterapeuta, isto é, o modo de abertura que orienta tacitamente sua postura clínica, implica a totalidade do seu *ser-no-mundo*, é de natureza pré-reflexiva e está conectado ao afeto (SÁ, 2002, P.359).

A partir daí, compreende a psicoterapia como processo essencialmente dialógico, não passível de ser reduzido por nenhum dos participantes a sua própria vontade, tampouco ser considerado a partir das intersubjetividades em jogo.

Sá (2002) conclui, propondo uma clínica em que os horizontes de compreensão tenham seus limites ampliados, onde o sentido encontre um espaço em que possa ser tematizado, desnaturalizando o que previamente foi dado. Tal clínica permitirá que, rompendo com o caráter cientificista de verdade, a vida se expresse a partir de si mesma, nas possibilidades de sentido abertas pelo diálogo clínico.

Em suma, esta proposta de psicoterapia vem nos apontar para a importância do desprendimento dos preconceitos. Assim, devemos nos entregar ao encontro na sua total inteireza, ou seja, estar no mundo e se deixar relacionar com as coisas e as pessoas como elas se apresentam. Fernando Pessoa, com sua poesia, nos ajuda nessa compreensão.

Vive, dizes, no presente;
Vive só no presente.
Mas eu não quero o presente, quero a realidade;
Quero as coisas que existem, não o tempo que as mede.
O que é o presente?
É uma coisa relativa ao passado e ao futuro.
É uma coisa que existe em virtude de outras coisas existirem.
Eu quero só a realidade, as coisas sem presente.
Não quero incluir o tempo no meu esquema.
Não quero pensar nas coisas como presentes; quero pensar nelas como coisas.
Não quero separá-las de si-próprias, tratando-as por presentes.
Eu nem por reais as devia tratar.
Eu não as devia tratar por nada.
Eu devia vê-las, apenas vê-las;
Vê-las até não poder pensar nelas,
Vê-las sem tempo, nem espaço,
Ver podendo dispensar tudo menos o que se vê.
É esta a ciência de ver, que não é nenhuma.
(ALBERTO CAEIRO [Fernando Pessoa], 1952, p.97).

6. OBJETIVOS

6. 1. Objetivo Geral:

Compreender a experiência de psicólogos que adotam a perspectiva fenomenológica existencial em sua ação clínica.

6. 2. Objetivos Específicos:

Descrever como se deu o percurso acadêmico-profissional até a escolha da linha fenomenológica existencial;

Apreender os pressupostos fenomenológicos existenciais que norteiam a ação clínica desses psicólogos;

Compreender como os psicólogos que adotam a perspectiva fenomenológica existencial percebem suas possibilidades e limites.

7. METODOLOGIA

Este trabalho de dissertação aponta como possibilidade metodológica um enfoque qualitativo, numa perspectiva clínico interventiva, como estratégia para o acesso e registro da experiência clínica de psicólogos no âmbito de sua ação.

Tal posicionamento demanda, do pesquisador, um deslocamento descentrado, supondo uma *démarche*, da parte do psicoterapeuta, interventor ou pesquisador, “caminhando às cegas, nesse ‘espaço’, que ele conhece pouco ou nada, e esforçando-se para escutar aqueles que tenta compreender, especialmente em seus esforços para dar sentido às suas condutas e aos acontecimentos que tecem sua história” (LÉVY, 2001, p.20).

Ao destacar o caráter interventivo, próprio do agir clínico, é importante considerar que, quando se abre espaço para que alguém conte uma experiência, enfoque o seu trabalho cotidiano, aí mesmo ocorre a oportunidade para a elaboração em torno deste fazer. Outra questão de grande relevância para pesquisa em ciências humanas é a pessoa investigada ser colocada no lugar de sujeito (ser expressivo e falante) e não de objeto, o que implica “compreendê-la como possuidora de uma voz reveladora da capacidade de construir um conhecimento sobre sua realidade que a torna co-participante do processo de pesquisa” (BAKHTIN, 1992, p.29).

Qualquer que seja o método escolhido para a busca do conhecimento, duas questões: o ser e a verdade, necessariamente se imporão como primeiras e originárias (CRITELLI, 2006).

Contraopondo-se ao pensamento dado por assentado no Ocidente, conhecido como científico, que acredita ser a verdade única, estável e absoluta, devendo, portanto sempre ser encontrada pelo mesmo método, a fenomenologia propõe uma outra perspectiva.

Considerando o conhecimento, em seu caráter de provisoriedade, mutabilidade e relatividade, reconhecendo assim os limites de cada uma das várias perspectivas epistêmicas, a fenomenologia instaura no centro do saber a instabilidade do ser e, conseqüentemente, da verdade.

Como método de conhecimento e interpretação do real fundamenta-se na “Analítica do Sentido”, proposto por Critelli (2006). Tal método, inspirado na fenomenologia existencial, implica um fazer e refletir em ação, criando sentido não como significação, mas como destinar-se, ou seja, rumo, direção do existir. O destinar-se do ser é o que podemos nomear como o sentido de ser, ou seja, o ser se apresenta ao homem como sentido de seu

próprio *ser-no-mundo*, porém, faz parte deste sentido ocultar-se, levando o homem a desocultá-lo, todavia, considerando seu próprio circuito de mostrar-se e esconder-se.

A analítica do sentido deve poder apreender, distinguir, expressar aquilo que busca compreender, para além de sua tradicional face objéctica, e compreendê-lo em sua face fenomênica. Deve poder interrogar o ente sem retirá-lo de seu movimento fenomênico (CRITELLI, 2006, p.53).

Para compreender esse movimento fenomênico do ente é preciso reconhecer a possibilidade de ser através de si mesmo em três dimensões:

como sua propriedade – leva seu nome, não cuidar de ser é deixar de ser homem, como facticidade - ele é lançado, não escolhe inclusive, sua condição de humanidade, como projeção - ser é *vir-a-ser* e o seu fim é dado pelo horizonte do morrer. Portanto, ser é uma possibilidade existencial, antes de ser definido. Ser está imbricado com as condições de existir, ou seja, ser só aparece no homem do tempo, da vida, nesse intervalo entre o nascer e o morrer. Por isso mesmo, o ser jamais pode ser reduzido a qualquer esquema estável, imutável e controlável (CRITELLI, 2006, p.52-53).

Os sujeitos colaboradores, considerados como interlocutores, foram escolhidos por uma técnica não-probabilística (amostra intencional) que significa selecionar os participantes visando apenas àquelas pessoas que nos interessam, ou seja, que vão responder ao objetivo proposto. Nesta pesquisa, os escolhidos foram: psicólogos que adotam a perspectiva fenomenológica existencial em sua ação clínica, todavia, o universo destes é impossível determinar.

O Conselho Regional de Psicologia registra apenas a grande área de psicologia clínica, sem fazer referência à especialidade. Não existem instituições de classe em que esses profissionais se reúnam, facilitando assim, o trabalho de conhecê-los. Optamos então por entrevistar os profissionais dessa linha que estão envolvidos com o ensino universitário, desde que estejam implicados com a ação clínica.

A cidade do Recife conta, atualmente, com cinco faculdades de psicologia. Os profissionais que atuam nesses locais e se consideram adeptos dessa linha se distribuem, na seguinte proporção: Faculdade Boa Viagem 2 (dois), Faculdade Santa Paula Frassinett 5 (cinco), Universidade Católica de Pernambuco 5 (cinco), Faculdade de Ciências Humanas ESUDA 5 (cinco), Faculdade Integrada do Recife 3 (três), totalizando 20 (vinte) psicólogos. Como dois destes profissionais fazem parte de duas instituições, temos ao todo 18 (dezoito) psicólogos. A faixa etária dos sujeitos colaboradores estava situada entre 25 (vinte e cinco) e

50 (cinquenta) anos. A abordagem inicial aos sujeitos colaboradores foi feita em seu local de trabalho, individualmente, onde falamos da pesquisa pormenorizadamente. Em horário conveniente - que não prejudicou as atividades dos sujeitos colaboradores - em seu consultório, ou local de trabalho, individualmente, foram colocados a par de todos os detalhes da pesquisa, o caráter voluntário de participação na investigação, os possíveis riscos e a maneira como se procurou neutralizá-los.

As fitas cassetes gravadas foram destruídas imediatamente após a transcrição, literalização e aprovação pelos sujeitos colaboradores. Foram realizadas 2 (duas) entrevistas por sujeito colaborador com duração de 60 (sessenta) minutos. Houve ainda encontro devolutivo com o resultado das entrevistas para correção e aprovação pelos entrevistados, com duração de 45 (quarenta e cinco) minutos. Não houve quaisquer despesas para os sujeitos colaboradores enquanto participantes da pesquisa. O contato com os pesquisadores pode ser interrompido a qualquer momento, se assim o desejou o sujeito colaborador ou se houve incômodo, desconforto, cansaço, constrangimento ou inconveniência. Mesmo com a conclusão de todas as fases da pesquisa, ainda assim o sujeito colaborador pode solicitar a sua exclusão dos resultados finais, sem quaisquer compromissos ou prejuízos. Os resultados foram apresentados de maneira que não foi possível identificar os sujeitos colaboradores (resultados por aglomeração). O instrumento foi a entrevista narrativa com pergunta disparadora. As perguntas disparadoras foram: Que percurso você seguiu até chegar à perspectiva fenomenológica existencial? Quais pressupostos da perspectiva fenomenológica existencial estão mais presentes na sua ação clínica? Que comentários você faria a respeito dos êxitos e dificuldades que encontra em sua prática clínica?

Foram entrevistados quatro sujeitos colaboradores, os primeiros que responderam positivamente ao convite em participar da pesquisa. Deve-se ressaltar que o número de participantes não é importante na pesquisa qualitativa Fenomenológica Existencial, uma vez que se busca a experiência singular de caráter não universalizante.

Para as Ciências Sociais, narrativa “significa o relato de algo que o informante efetivamente presenciou, experimentou, ou de alguma forma conheceu, podendo assim certificar” (DUTRA, 2002, p.377). Entre as características da narrativa, a que nos interessa é a de ocorrer em uma situação de encontro. O narrador, ao trazer uma parte de sua história de vida, o relato de sua experiência, revela e transmite dimensões existenciais que, mostradas ao pesquisador naquele momento, assumem configurações próprias, *afetando* a todos os presentes. “Embora seja a história de algo que lhe aconteceu, naquele momento a experiência

ganha um novo formato e se revela de acordo com o total da estrutura existencial das pessoas envolvidas” (DUTRA, 2002, p.377).

Assim considerada, a entrevista narrativa se impõe também como alternativa as outras formas de entrevista, inclusive a semiestruturada que, embora flexível, não consegue obter do narrador a mesma intensidade na expressão de sua experiência (FLICK, 2009).

Segundo Schmidt (1990), o narrador, como perseguidor (orientado pela ética do perseguidor), ou seja, numa postura de constante busca do outro visando ao compromisso com a invenção da linguagem que comunique o encontro, mas também os desencontros, os naufrágios e os impasses. Dessa maneira, o pesquisador caminhará contra a linearidade convencional dos modelos de pesquisa e as articulações que deem conta de seu trajeto labiríntico em torno do fenômeno que estuda.

Assim, partindo da concepção de “encontro” e “presença” nos conduz ao entendimento de uma relação de comunhão, troca (aprendizado) e emoção. Podemos agregar essas duas palavras, tão marcantes nesta perspectiva com outra que tem a mesma importância, experiência. Esta é o objeto de nossa pesquisa como também, o conteúdo de uma busca semelhante a do narrador que, movido pelo impulso do desejo de encontro, se abre à pluralidade de sentidos e se depara sempre com o indizível, no não analisável, no que não se entrega (SCHMIDT, 1990).

Segundo essa autora, nesse modelo de pesquisa convém ao pesquisador colocar-se mais como um recolhedor da experiência, movido pela vontade de compreender, do que como um analisador à cata de explicações.

A fenomenologia do *ser-aí* é hermenêutica. O significado originário da palavra hermenêutica é interpretação. E a hermenêutica como interpretação do *ser-aí* tem uma ligação com a analítica da existência. Assim, “para Heidegger a fenomenologia se torna uma ontologia e uma hermenêutica” (SAPIENZA, 2007, P.25).

A hermenêutica como interpretação visa à facticidade da existência. “A hermenêutica da facticidade encontra-se diante do enigma de o *ser-aí* jogado no *aí* interpretar a si mesmo, de ele projetar a si mesmo em vista de possibilidades, em vista do que advém e do que vem ao seu encontro” (GADAMER, 2007, p.98). Ao que acrescenta Critelli (2006, p.61), “a fenomenologia é o olhar que acompanha o ente em seu mostrar-se/ocultar-se. Por isso, para ela o ente é fenômeno”.

A partir da Fenomenologia e, principalmente, da fenomenologia existencial, a mesma autora propôs um método de investigação e análise a que chamou *Análítica do Sentido*,

assumindo, como ela própria comenta, os riscos que tal atitude considera. Antes de esclarecermos a proposta de Critelli, é importante, para que fique claro em que se fundamenta, mesmo correndo o risco de repetir comentários realizados em outras partes desse trabalho, que retomemos alguns dos elementos que estruturam seu pensamento.

A partir da ontologia heideggeriana considera que o olhar humano, estruturador do surgir fenomênico do que se dá a conhecer, é ele mesmo constituído por condições ontológicas que fundamentam toda possibilidade de compreender, de conhecer, de referir-se ao que quer que seja, inclusive do *si-mesmo*. O *ser-no-mundo-com-os-outros* em sua forma de coexistência ou pluralidade antecede toda e qualquer possibilidade de conhecer, dando, portanto fundamentação para todo o movimento dos entes, inclusive em seu mostrar-se/ocultar-se. A partir daí, ocorrem todas as possibilidades de construção do que chamamos realidade.

Finalmente, para que os entes sejam percebidos, é necessário que ocorra um movimento de realização, cujo fundamento e desdobramento depende do ser, do tempo e da existência, antes de algum procedimento metodológico específico.

É sempre necessário lembrar que, quando falamos em compreensão em fenomenologia existencial estamos nos referindo ao ontológico *pré-compreender*, assim como ao *ante-ter*, *ante-ver* e *ante-conceber* da interpretação, abertos a partir da disposição afetiva do *Dasein*.

Para que o que há chegue a sua plena existência, torne-se, portanto real, Critelli propõe as seguintes etapas, que não são obrigatoriamente lineares, porém ao contrário, se apresentem necessariamente simultâneas.

O movimento de realização segundo Critelli (2006): Desvelamento, Revelação, Testemunho, Veracização e Autenticação. O Desvelamento diz respeito ao desocultamento de algo, que obrigatoriamente é realizado por “alguém”. Antes de serem desocultadas as coisas ocupam o reino do nada, zona escura do nada, do velado, lugar de onde os elementos ocultos apelam para serem desvelados pelos homens, e para onde retornam após o desvelamento. Sendo, portanto, um modo do mostrar-se dos entes; essa “região” está entre as coisas e nelas mesmas, constituindo-as e não por trás delas como se poderia pensar.

As formas de ocultamento podem ser as mais variadas, pode ser o que do ente é ignorado ou esquecido. Em outras situações, o desentendimento, algo que uma vez compreendido voltou a ser desentendido, a distração, a desatenção, a falta de sentido da coisa (sua insignificância).

A reserva na memória, o parecer ser, a aparência e a mera aparência, a própria palavra que, apresentando os entes, necessariamente oculta suas outras faces, são outras formas de desvelamento. Como está ficando claro pelo comentado acima, o ir mostrando-se e ocultando-se dos entes está estritamente relacionado com os acontecimentos da existência. Igualmente deve ser ressaltado que, uma vez desvelado, o ente se mostra totalmente em uma de suas possibilidades, permanecendo as demais em ocultamento.

O desvelamento implica não só na exposição do ente, como também em sua expressão lingüística, no que a seu respeito se diz.

A revelação se manifesta pela linguagem. Tem como função confirmar e conservar o que aparece, uma vez que os gestos humanos e a fala são parte do mesmo ato criativo. Entretanto não basta apenas falar, a linguagem só realizará sua função de conservação quando for, simultaneamente, comunicação.

O significado e o ser das coisas são trazidos à realidade, ao âmbito de existência humana pela linguagem, o que contribui para que os homens tornem-se comuns em sua humanidade. A partir da função comunicativa da linguagem vai se estabelecer a próxima etapa do movimento de realização, o testemunho.

O testemunho está diretamente relacionado com o existencial *ser-com* e diz respeito à necessidade de que aquilo a que alguém se refere seja visto e ouvido por outros. A coexistência nos leva a desvelar e revelar juntos, o que algo é. A ontológica pluralidade do homem é assim desvelada, pois, sempre que algo é trazido à luz, ou seja, compreendido, simultaneamente emerge aquele que o compreendeu, entrelaçados na mesma realidade.

Os outros se envolvem na mesma trama de sentido através do testemunho, vindo a ser também aberto, nascido por aquilo que lhes foi aberto. Portanto *estar-no-mundo* é partilhamento, é jogo de olhares em que o singular e o plural estão sempre em jogo no ser. A possibilidade dos homens se relacionarem entre si assim, como de possibilitar consistência ao vivido depende do desvelado/revelado/testemunhado, garantindo lastro contra a insensatez e o desvario. Não fosse o *ser-no-mundo* para a pluralidade, o indivíduo só teria a possibilidade de experimentar o irreal, a loucura. Enfim, o testemunho do desvelado/revelado constitui um advento, ao trazer à luz o mundo em sua manifestação e identidade.

A Veracização diz respeito a uma referência, a um critério, que vindo de fora e autoriza as coisas a serem o que são e como são. Uma vez que nada é verdadeiro em si mesmo, haverá entre os homens um jogo incessante de convencimento mútuo da verdade atribuída às coisas. Portanto, para que algo seja referendado como verdadeiro é necessário que

seja publicamente relevante, daí que verdade e realidade caminha de braços dados. Como já comentado, ganha novamente importância a coexistência (pluralidade) suporte ontológico, critério existencial de veracização intrinsecamente correlacionado ao *ser-no-mundo* e ao tempo.

O ver e o ouvir estão fortemente marcados pelo movimento de veracização, a tal ponto que aquilo que foi não veracizado, portanto expulso do espaço público, não será visto nem ouvido, ou seja, o que é trazido à luz da coexistência é um sentido de ser (verdade).

Na autenticação passa a ser fundamental o indivíduo que, em sua singularidade, vai solidificar a realidade como trama comum, finalizando o processo de construção do conhecimento. É importante salientar que se trata de uma experiência afetiva, dispensando o raciocínio ou o entendimento intelectual, portanto com a marca do singular sem possibilidade do universalizante.

Dado o caráter interventivo da pesquisa, o pesquisador é também participante, sendo coadjuvante do desvelar, testemunhando e veracizando o que é revelado. Segundo Alves (1991, p.59), considerando-se que a abordagem qualitativa é essencialmente hermenêutica e que procura captar os significados atribuídos aos eventos pelos participantes, torna-se necessário checar se as interpretações construídas pelo pesquisador fazem sentido para aqueles que forneceram os dados. Isso é feito de modo completo no final da pesquisa, “apresentando-se aos participantes os resultados e conclusões (...) pedindo-lhes que avaliem quanto à precisão e relevância. Com base nas reações obtidas é então elaborado o relatório final”.

8. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este é o momento em que iremos nos debruçar nas narrativas dos sujeitos colaboradores (psicólogos que exercem sua ação clínica e a docência, a partir da perspectiva fenomenológica existencial), com o objetivo de buscar o que há de específico nesse modo de intervenção clínica.

Os quatro sujeitos colaboradores foram nomeados como: Rosa, Orquídea, Lírio e Hortênsia. Escolhemos esses nomes não só para evitar a exposição desnecessária como também, para demonstrar o que cada relato representou para nós, um desabrochar de um modo de ser único e a pluralidade dos modos de fazer clínica, o que faz parte da própria perspectiva e da Psicologia. Vale salientar que, para uma experiência acontecer, é fundamental estarmos abertos afetivamente a fim de que o encontro nos faça outro, transforme-nos. A experiência é fonte rica de sensações e sentimentos que se apresentam na narrativa dos que se dispõem a contar sua história (PEREIRA, 2006).

Assim, ao narrar sua experiência, o indivíduo está exercendo sua compreensibilidade, agregando consigo tudo que faz parte de sua condição de *ser-no-mundo* por intermédio da linguagem. Dessa maneira, o método de interpretação proposto por Critelli, a partir de Heidegger, direciona-se para o sentido metodológico da descrição fenomenológica: a interpretação. E como interpretação, torna-se uma fenomenologia da presença, ou seja, hermenêutica, pois tem como intuito desvendar o sentido de ser e as estruturas fundamentais da presença em geral. Destarte, a hermenêutica da presença dá subsídios para a elaboração das condições de possibilidade de toda investigação ontológica. Com base nesse método de conhecimento damos início à compreensão das entrevistas.

O primeiro sujeito colaborador foi Rosa (psicóloga clínica, dezessete anos de formada e supervisora de Estágio Curricular em Psicologia Clínica na Abordagem da Gestalt) que nos deixou à vontade, por seu modo de ser. Como já comentamos anteriormente, iniciamos nosso encontro pela seguinte pergunta disparadora: qual o seu percurso acadêmico-profissional até a escolha da linha fenomenológica existencial? Ao iniciar sua narrativa, Rosa revela o sentimento de estranheza que a acompanhou durante o curso de psicologia, o que a mobilizou na caminhada por diferentes espaços visando ao encontro com um modo de clínica compatível com sua maneira de ser.

Não sei se era a psicanálise, ou a psicanálise que aqueles professores passaram, ou a psicanálise da época, ou ortodoxa, mas enfim...foi a psicanálise com a qual eu me deparei e que me causou certa estranheza. Em alguns aspectos, uma estranheza enorme...e aí...cheguei a...questionar se era psicologia minha praia. Eu cheguei a questionar isso...

A experiência de estranheza revelada por Rosa “cheguei a...questionar se era psicologia minha praia” aponta para o lugar que a psicanálise ocupava no curso de Psicologia, levando-a a considerar que, para ser psicóloga teria que seguir esta teoria. Nesse momento, sua narrativa foi emocionante, pois algo já a mobilizava intensamente, a busca de um modelo teórico-prático que combinasse com sua visão de homem.

Percebeu que o ser humano precisa estar integrado ao seu ofício para que se encontre fazendo parte daquela atividade de maneira completa, ou seja, utilizando o recurso teórico-prático agregado ao seu poder de criação e sensibilidade.

Assim sendo, na busca por outro referencial teórico e não o psicanalítico, depara-se com a Abordagem Centrada na Pessoa. Apesar de aproximar-se da visão de homem que está buscando, ainda não expressa sua compreensão, o que fica claro ao dizer: “não é isso exatamente, mas é parecida com a visão de homem, uma perspectiva mais humana que tinha a ver comigo... Então...eu fui capturada, mas ainda não era exatamente, aquilo”.

Rosa procura um modo de fazer clínica consonante com seu modo de ser, pensar e agir, quer dizer, sua historicidade.

Desse modo, trilhou seu próprio caminho, que se mostrou difícil e, ao mesmo tempo prazeroso, pois tinha a liberdade de buscar um embasamento teórico profissional compatível com sua compreensão de clínica. Todavia, a perspectiva que Rosa buscava não era reconhecida por seus professores.

Então...foi um percurso extremamente solitário... Eu saí catando. Na época eu me interessei pela Gestalt-terapia... Eu sofri um preconceito muito grande não aqui, mas em outras faculdades maiores. Que era assim...alguns colegas...até professores diziam para o aluno: “mas você é tão inteligente vai escolher gestalt”... Porque nessa época o aluno escolhia o estágio. Depois, passou um tempo que ele não escolhia, mas hoje já voltou a escolher. E as pessoas diziam: “você é tão inteligente...tem uma base tão legal...por que você não faz Psicanálise?” Ou por que você não faz sei lá o quê? Menos Gestalt.

Tal atitude, escolher uma perspectiva de clínica que não era reconhecida no campo acadêmico é desafiador, tanto no nível pessoal como no profissional. Entretanto, Rosa

demonstrou em sua fala paixão ao escolher seu caminho a partir de sua experiência, apesar de não coincidir com o que na época era considerado o mais verdadeiro.

Comecei a entrar em contato e, nesse meio tempo...fui entrando em contato com a Gestalt especificamente, só que na época...eu tinha 21 ou 22 anos, formada... Na época eu me interessei pela Gestalt-terapia e procurei fazer grupo de estudo... Na época, nós chamávamos de formação e era eminentemente vivenciais... Então...livro não tinha...tinha, mas as pessoas não estudavam... Assim...as pessoas diziam que: sobre Gestalt não se fala, se faz... E isso me inquietava profundamente.

Apesar do sentimento de pertença/identificação, a insatisfação decorrente da escassez teórica e do entendimento das pessoas acerca da Gestalt-terapia, foi marcante no momento, mantendo-a em seu processo de busca.

Via que na minha prática dava certo, mas eu precisava entender teoricamente...vamos dizer assim...o que eu estava fazendo? Eu sabia que estava certo, mas era pouco para mim. Eu sempre fui uma...muito...que transitei muito entre o fazer, o agir e o meter a mão na massa. Mas assim...o que é que eu estou fazendo? Especialmente porque eu estava tratando de pessoas... Então...o que dava certo, dava... Mas se você me perguntasse: qual a referência teórica? Não tinha.

A partir de suas próprias reflexões, continuou acreditando na importância da teorização da prática clínica como fundamental para a credibilidade no campo científico e para o conhecimento da Gestalt-terapia. A dissertação de mestrado em psicologia clínica se mostra coerente com seu trajeto questionador.

Compreender esses mal-ditos, ou seja, o que se diz mal da Gestalt por desconhecimento... As pessoas falam mal, mas na verdade elas não conheciam... Então, eu fui catar...e comecei a sacar que os próprios gestaltistas são...a maioria culpado...porque eles não teorizam, eles não escrevem, eles escrevem muito pouco, eles vivenciam muito, eles imitam muito o estilo Perls... Perls elegeu Freud, vamos dizer assim...como o pai profissional e Freud disse: “Se você não acredita mais nas minhas teorias...então...caia fora”... E diante disso...ele foi rejeitado por Freud...e as pessoas não sacaram e não contextualizaram...

Confirmando sua postura crítica a entrevistada comenta:

Tem uma frase que eu uso sempre, é de Caetano Veloso, diz assim... “a que tudo ainda é construção e já é ruína”... Então, o tempo que você está construindo já não presta mais... Tudo é construção...e é ruína, ainda é construção e já é ruína... Essa roda viva, vamos dizer...assim...eu compactuo dessa idéia e percebia que muitos colegas imitavam o estilo Perls quando não fazia mais sentido.

Como que respondendo para si mesma, Rosa retoma a indagação inicial:

Então...minha iniciação acadêmica foi que fez com que eu precisasse...não só mais que...me colocou no canto da parede... Agora você tem que sacar, estudar, aprofundar mais... A partir de...então...faz sei lá...17 ou 18 anos... que comecei a pegar os livros...criticar, atualizar mais assim...não tem nenhuma onipotência minha...mas é porque eu não acredito em algo que não se atualize... Então...muitas vezes, as pessoas dizem...saí da abordagem tal para abordagem tal...porque...não dava mais conta... Eu nunca senti isso...eu compreendo algumas pessoas...mas assim...eu nunca senti essa necessidade porque a minha abordagem é a Gestalt-terapia...mas é o tempo inteiro construção e é ruína... Construção e é ruína.

Dramaticamente, Rosa coloca o que lhe parece a grande questão, o dilaceramento teórico-prático a que sua escolha a submete. Tal fato obriga-a a uma experiência profissional de profunda singularidade. Todavia, mais importante que mudar de perspectiva teórica a cada dificuldade, é poder, mergulhando em si mesmo e no seu próprio referencial teórico, perceber as possibilidades de mudança.

A segunda questão fez referência aos pressupostos teóricos da perspectiva fenomenológica existencial, mais presentes em sua prática clínica.

Veja é...em Gestalt-terapia, a gente utiliza muito a noção de aqui-agora...que é uma noção mal-dita por as pessoas não compreenderem...não conhecerem... Então...o que é o aqui-agora ou presentificada na questão da terapia? Seria você trabalhar aquilo que emerge, que aparece, ou seja, o que o cliente traz... Que pode ser desde uma dor de cabeça...até contar uma história, até ir para a vida de criança. O aqui-agora engloba tudo isso, as fantasias do passado e o projeto do futuro. Exemplo, o cliente chega pra mim e diz: eu queria lhe contar uma coisa, mas estou com muita vergonha... Então, a coisa que ele quer me contar fica pano de fundo e a vergonha vira figura...porque se eu for facilitar o que ele quer me contar é mera curiosidade... Portanto, eu não vou facilitar...eu vou tornar fácil... Ela vai me contar...e vai ser beleza...mas só que...o que faz uma pessoa na minha frente...querendo me contar algo...me escolheu como terapeuta para...e está com vergonha...isso que é importante de ser trabalhado... Então, o aqui-agora é nesse sentido, aquilo que emerge.

Rosa destaca o “aqui-agora”, como “aquilo que emerge.” Ou seja, o fenômeno como o norteador do processo psicoterápico. Ele será o fio condutor para trilhar um sentido, esquecendo o sintoma e centralizando na história que será construída no espaço psicoterápico. Outro conceito que foi revelado nesta abordagem da Gestalt-terapia é a figura-fundo sendo a figura o que emerge naquele encontro, o que pode ser o oposto do que até então iria ser discutido, por exemplo, a queixa principal. Esta será colocada como fundo, e o que emergiu será o foco do processo clínico. É o que define ser uma clínica fenomenológica.

Uma outra questão muito importante na Gestalt...é o: como o cliente fala? Ou: como o cliente não fala? Ou: como ele se expressa? Às vezes, uma pessoa diz uma coisa e a expressão é outra... Podemos dizer que há um desencontro, uma coisa extremamente desencontrada. Nessa situação, você precisa apontar para o cliente.

Coerente com o comentado acima, a desarmonia de gestos, afetos e expressões será um importante indicador do caminho psicoterápico. Outra observação importante diz respeito ao papel ativo do terapeuta.

Uma outra questão fundamental...é o que em Gestalt-terapia se chama, *awareness*, uma conscientização que vai além de uma conscientização racional...porque...por exemplo...é...todos nós sabemos que fumar faz mal, e especialmente, nos dias de hoje... Há alguns anos, nós não sabíamos...todo mundo sabe que dá câncer, que dá impotência... Só que...todas as pessoas que sabem disso conscientemente...nem todas deixam de fumar porque elas não estão no processo de *awareness*...ou seja, o processo de uma consciência orgânica, de uma consciência integral... É como e...e na linguagem popular nós dizemos: “caiu a ficha”.

A ampliação da consciência para além da racionalidade permite a verdadeira experiência do conhecimento, o que corrobora a perspectiva fenomenológica.

Um outro conceito, constructo, que é o todo e a parte... Então, eu sou uma parte, o cliente é uma parte, mas nós somos um todo, de um todo maior, de um todo maior... Então, tudo é todo e tudo é parte, ou seja, eu preciso compreender que a fala do cliente é uma parte; mas, eu preciso entender também o todo. Claro que o todo...nós nunca vamos alcançar, mas o máximo de todo que eu puder compreender...para poder ajudar aquele cliente a dar-se conta...para ele ficar *aware*, para ele poder se transformar... Porque nada muda sem que antes seja aceito... Se eu não aceito que sou autoritário, eu não vou mudar... Eu não sou autoritário.

Portanto, importante papel na terapia desempenha a capacidade da consciência em ampliar-se e, com isso, aproximar-se do todo, o que permitirá inclusive conhecer-se.

A terceira questão diz respeito às possibilidades e limites encontrados em sua ação clínica.

Eu entro para atender, sem ter nada prévio...isso é uma dificuldade enorme...porque eu não tenho nada que me garanta...porque eu trabalho com o imponderável, o imprevisível, o que acontece... Ao mesmo tempo, isso é uma facilidade enorme, o que é extremamente paradoxal, mas a Gestalt-terapia é paradoxal por si...por si própria...

O “fenômeno”, ou seja, o que emerge naquele encontro, será o norteador do andamento das intervenções clínicas e do processo. Em outras palavras, deixar que as pessoas desvelem, revelem, ou seja, tragam para a luz do dia o seu ser, ou melhor, uma faceta dele, para que possamos testemunhar, acolhendo e, junto com o cliente, encontrar maneiras para superação de seu sofrimento.

A noção de saúde-doença...uma noção extremamente paradoxal... Porque o que é doente...vamos dizer...que uma pessoa desenvolveu um sintoma, uma síndrome do pânico ou uma depressão, foi o que de mais criativo, essa pessoa conseguiu fazer naquele momento, foi isso... O que de mais criativo...eu não digo nem o que de melhor...porque se fosse melhor, ela não vinha buscar terapia e nem estava sofrendo...mas foi o que de mais criativo, por isso chamamos de ajustamento criativo. Só que ela está funcionando dessa forma, deu certo como mecanismo de emergência, mas vai chegar o momento em que ela vai dizer que não está dando mais certo... Isso deu certo, porém ficou obsoleto... Ela continua respondendo com respostas antigas, perguntas novas...não está mais funcionando... Então, o que era saudável, o que foi saudável no determinado momento por ser criativo, não é mais... Assim, o *self* saudável, o indivíduo saudável é aquele que o tempo inteiro, ele está se ajustando criativamente ao meio.

Nesse momento, nossa entrevistada deixa clara a relação entre criatividade, flexibilidade e saúde, como já havia comentado na primeira parte da narrativa. Lembra a importância da adaptação, porém entende esta como um movimento dinâmico que obriga o indivíduo saudável a acompanhá-la, sempre confiando na criatividade do ser humano.

Sobre a transferência comenta:

Transferência não é um fenômeno de abordagem A ou B, transferência é um fenômeno humano... Então, a transferência vai ocorrer, queiram ou não os juizes, vai ocorrer... Então, o que acontece? Se a transferência acontece, aquela pessoa vai funcionar comigo na terapia como funciona na vida, que é como sabe... Eu nunca atendi um cliente tímido que veio muito falantemente me dizer que é tímido.

A transferência, nessa perspectiva, toma o mesmo caminho descrito pela psicanálise. Embora forneça informações ao terapeuta a respeito do comportamento do cliente, necessita ser frequentemente superada.

O sintoma dele vai aparecer, ele vai emergir na relação terapêutica...e eu vou ter que compreender até que ponto aquele sintoma é...é ...imperador...vamos dizer, na vida dele... Até que ponto aquilo o incomoda e até que ponto ele quer continuar daquele jeito dele...porque tem um monte de tronchura que nós não queremos mudar... Você diz: isso não é legal não, mas você é que não acha legal... É o caso dos pais que colocam os seus sonhos para seus filhos realizarem e esses não concordam... O sintoma vem alertar para o erro dos pais... O que é bom para mim, é apenas para mim.

O sintoma alerta para a importância de deixar as coisas se apresentarem, serem reveladas. É preciso que o sintoma seja contextualizado para entender o que motivou seu desvelamento. Portanto um dos grandes trabalhos do terapeuta será a capacidade de distinguir, dentre os sintomas que se apresentam, aqueles que devem ser de interesse do tratamento.

Eu nem sei...mas vamos dizer que exista uma abordagem que você saiba que para o sintoma A você utiliza estratégia 800 e o resultado é tal. Beleza...acho que seria extremamente aliviador, porém não existe pelo menos na Gestalt-Terapia, não.

Uma vez mais, Rosa vem destacar a importância da criatividade, da sensibilidade e da singularidade em seu trabalho clínico.

E uma terceira coisa que eu acho que é fundamental é estudar muito...porque tirando esse mal-dito de que a Gestalt-terapia trabalha com o que há de superficial... Então, o que ele quer dizer com superficial? Superficial, aquilo que emerge, que aparece, é superfície, é fenômeno... Diante deste fato, o que é superficial na nossa cultura? Banal, abestalhado, aquilo que não importa. Isso remete ao entendimento que se você quer trabalhar coisas profundas, mudanças de tal ordem, você tem que ir por abordagem A ou B. Agora se você quer trabalhar as besteiradas do dia a dia a Gestalt-terapia dá conta... Se

99% das pessoas lerem esse texto vão pensar isso...porque superficial, se você for para o dicionário, não vai falar de superficial que é aquilo que emerge, que é ponta do iceberg, não... Vai dizer, superficial é banal, simples, supérfluo ou bobo, enfim...

A entrevistada faz uma reflexão emocionada sobre os preconceitos que afetam intensamente sua perspectiva de ação clínica.

Nós trabalhamos no campo, e o campo somos nós, se você diz: algo me mobilizou, a minha fala vai ser criada a partir disso... Eu não venho com nada pronto, agora claro, que eu tenho meus conhecimentos, você tem o seu e nós juntos vamos fazer algo...Então, tudo é inédito...nós não podemos dizer que o cliente, quando conta uma história ele re-experencia, ou ele reconta, não... Não existe “re” em Gestalt, tudo é inédito... Porque se é o fenômeno, aquilo que acontece na hora...ou seja, tudo é inédito. Tem um autor chamado João Augusto Pompéia, não sei se é João. Eles chamam em São Paulo de Guto Pompéia, que ele diz assim: “no máximo você pode experienciar de novo porque é novo, entende?” Mas você não pode experienciar outra vez...Ele faz esse trocadilho que eu acho bem legal porque...se é de novo embora que na nossa cultura é outra vez, mas ele faz essa diferença... Então, não tem re-experenciar, não ter “re”. Tudo é inédito... porque tudo é no agora.

A afetabilidade, a temporalidade e a experiência vivida de maneira sempre inédita ocupam um lugar central nessa perspectiva clínica. Igualmente, o respeito pelos conhecimentos do cliente é destacado da construção do campo de ação da terapia.

Meu segundo encontro: Orquídea (psicóloga clínica, com 32 anos de formada e exerce também, a docência). Ao iniciar sua narrativa também se remete à predominância da Psicanálise no curso de Psicologia: “(...) Eu sou de uma época em que a Psicanálise era muito forte como hoje ainda é... Ainda é dentro das universidades...”.

Orquídea já apresentava, na faculdade, uma inclinação por um caminho oposto ao que se ensinava no curso.

Quando começou o movimento da Gestalt...nessa época eu estava na faculdade... O que de imediato me encantou...foi porque fugia a qualquer coisa daquilo que vinha sendo estudado na faculdade...

Outro movimento, dentro do campo acadêmico, que diverge da Psicanálise foi a ACP, que na época apresentava grande ebulição. O fato de Rogers ter vindo ao Brasil foi fundamental na alavancagem desse movimento.

Então...me formei e, nessa época, já havia um movimento muito grande em relação à ACP... Rogers era muito presente... Conhecemos Rogers de perto, participamos de seminários com ele... Enfim...houve esse movimento vindo do E.U.A para o Brasil, e esse intercâmbio teve o interesse muito grande devido à predominância da Psicanálise no espaço acadêmico.

Toda essa movimentação abriu um novo espaço para outras concepções de clínica que não as calcadas na psicanálise:

E por coincidência ou não...não sei se as coisas acontecem por coincidência... Eu fiquei responsável por um seminário sobre a “teoria de campo de Levin”... Era tudo muito novo... Naquela época estudar a “teoria de campo”... A teoria de campo para Gestalt é um dos seus pilares... Nessa época, era um movimento importante dentro da comunidade científica...e começamos a fazer estudo de grupo e a nos interessar por esse movimento.

Apesar do acima descrito, ainda era difícil fazer uma clara escolha pela clínica fenomenológica existencial.

Comecei a fazer minha clínica com a abordagem Gestalt...que é também...de qualquer forma...uma abordagem que tem uma visão fenomenológica existencial... Então...não teve uma decisão de: qual era? Na própria faculdade eu já me sentia inclinada e atraída por esse tipo de visão de homem e mundo.

Portanto, o elemento de escolha dessa perspectiva, dizia respeito a uma determinada visão de homem e de mundo.

A prática hospitalar é um divisor de águas...porque quando eu fazia clínica tradicional...que ainda faço até hoje...estamos muito presos a conteúdos teóricos, de como deve ser feito uma psicoterapia, que passos...que espaços...outras coisas mais...e contratos... Isso acontece porque precisa acontecer, a clínica tradicional, de alguma forma, necessita desse contexto e no Hospital, o contexto é outro. O contexto é excessivamente, primordialmente fenomenológico existencial.

Na experiência de Orquídea, realizar sua prática em um ambiente que fugia ao clássico foi fundamental para consolidar seu estilo de ação clínica. Outrossim, comenta que, em outras situações, pode caber uma clínica mais tradicional.

Nisso passamos ao exercício daquilo que acreditávamos e sentíamos-nos atraídos devido ao contexto hospitalar. Exercemos uma prática que não solicita um outro tipo de atenção ou escuta que não seja fenomenológica existencial.

Orquídea insiste na adequação entre a clínica fenomenológica existencial e o contexto em que é praticada.

Esses pacientes têm sua historicidade...é um sujeito...mas que está profundamente afetado por um acontecimento...que é aquilo que naquela hora demanda uma atenção... Essa prática me solicitava uma atenção psicológica para uma demanda que poderia ser aquela hoje, e amanhã não ser mais... Nesse sentido, começamos a transitar de uma forma fenomenológica, o que leva a você atender essa demanda da maneira como ela se mostra. (...) Você está ali e alguma coisa acontece...e ali as coisas acontecem sem que você tenha nenhum tipo de... “a priori”...não ha como.

Assim, Orquídea igualmente contribuiu para esse movimento na clínica hospitalar:

O trabalho com a família, a equipe, o paciente e a tudo que a demanda solicitava naquele momento... Era o médico que precisava falar comigo e a assistente social, dialogamos e ao mesmo tempo, estamos atendendo o paciente, fazendo intervenções naquele momento em que tudo acontece.

Dessa forma, Orquídea foi trilhando seu caminho na construção de uma clínica fenomenológica existencial.

As intervenções acontecem dessa forma... Assim...minha relação com o meu paciente passa a ser diante do que se mostra...do que acontece naquela hora... Eu posso atender meu paciente hoje, fazer uma intervenção, atendimento, um fechamento desse atendimento...e amanhã não precisar atendê-lo.

A referência à necessidade de um comportamento flexível por parte do terapeuta é tão frequente que podemos pensar na clínica fenomenológica existencial como de flexibilidade e adaptabilidade criativas.

Eu fiz a especialização nesta área hospitalar que me interessei...porque clientes, nesta época, já me procuravam com problemas de saúde, pois foi o aparecimento da Aids, onde mal se sabia sobre Aids e eles já começavam a adoecer e morrer. Decorrente desse contexto, o consultório começou a ter uma demanda em relação a esse tipo de adoecimento e à morte. Essa realidade favoreceu um encaixe com o tema da morte. Foi uma questão que me interessou muito...despertou muita atenção na clínica...no trabalho clínico... E a morte e a angústia já começaram a me encaminhar exatamente para os pressupostos existenciais e a fenomenologia acompanhava.

Uma vez mais nossa entrevistada relaciona novos contextos, novas necessidades e a clínica fenomenológica existencial. Ademais, adverte para a pertinência da reflexão fenomenológica e a temática da angústia e da morte.

(...) O paciente dá conta de si sem que precise do atendimento sistemático tradicional da Psicologia... Então...você pode abrir mão no Hospital... No Hospital você pode abrir mão...e isso repercutiu na minha clínica de consultório de maneira importante...porque o processo psicoterápico continua existindo...mas não precisa ser tão prolongado... Partindo dessa experiência, podemos acreditar nas infinitas possibilidades da pessoa enfrentar sua vida e dar continuidade, sem precisar ficar preso à psicoterapia durante anos... Às vezes fazemos atendimento de seis meses, oito meses é uma psicoterapia... Mas o paciente pode dar conta de sua vida a partir de determinadas reflexões e intervenções que dão para ele fazer... Assim...o reconhecimento, o ressignificar de coisas que, anteriormente, se acreditava na psicoterapia que era necessário e levava anos... Hoje não pensamos mais na questão do atendimento como um tratamento...mas no atendimento como uma escuta...uma escuta que possibilita e favorece que a pessoa possa ressignificar e dar continuidade a sua vida...sem precisar...estar na dependência do psicoterapeuta.

Orquídea, demonstrando muita animação, comenta sobre o que acredita ser fundamental nesse processo psicoterápico: a escuta que amplia o sentido, a implicação do cliente, as possibilidades que se abrem e a flexibilidade temporal.

(...) o paciente, o cliente se surpreende por se sentir compreendido na sua situação de angústia... E entendendo que essa angústia faz parte... e que naquele momento...ele não poderia estar de outra forma... Que esse modo de reagir e interagir com as pessoas naquele momento...é um modo que ele encontrou de repente para poder superar e dar outra direção... Então...sair do estado de apatia, paralisia ou qualquer denominação diante de uma situação de crise.

O fenômeno da angústia, compreendida pela fenomenologia existencial, revela ao cliente uma outra dimensão sobre si mesmo, mais próxima da sua própria vida, como uma circunstância constitutiva da mesma. Igualmente as possibilidades de mudança estão presentes naquele momento.

(...) A minha dissertação fala sobre a morte, sobre essa possibilidade de morte... O que me levou a trabalhar muito a angústia e a finitude... não dos pacientes... mas da condição humana... E isso realmente foi mais um passo importantíssimo na minha vida profissional... E tem sido hoje... o que percebo mesmo é que... podemos trabalhar no sentido de favorecer as pessoas que nos procuram... a ter essa percepção de que ela pode dar conta... e que o terapeuta nada mais é que um facilitador... O cliente em busca de uma solução... e que de repente... ele tem um companheiro de viagem... e não um terapeuta que vai apontar e indicar... enquadramentos, ou qualquer coisa dessa natureza... Tratamentos prolongados e outras coisas mais...

Orquídea comenta como a questão da morte e da finitude, a partir da condição humana, foram de grande valia ao seu trajeto profissional. A partir da compreensão da dimensão ontológica da existência humana, que o cliente possui para se apropriar de suas possibilidades de existir, é que o psicólogo fenomenológico existencial irá acompanhá-lo no seu trajeto pessoal em busca do sentido de ser.

Acredito que, quando você escolhe uma linha fenomenológica existencial... ela já está em você... Ela é parte do seu modo de ver o mundo... de sua visão de homem... isso já faz parte... Eu digo sempre que nós precisamos-nos identificar com alguma coisa para... abraçar... e nós primeiro nos identificamos... primeiro nós gostamos daquilo...

A entrevistada confirma a importância de suas primeiras observações, quando comentou sobre a reflexão que a perspectiva fenomenológica existencial faz sobre o homem para a escolha desta como ação clínica. Enfatiza a relação entre essa escolha e o situar-se no mundo do próprio terapeuta.

Quais os pressupostos teóricos da fenomenologia existencial que estão presentes na sua prática clínica?

Uma das coisas que acho mais importante é não ter nenhuma idéia preconcebida, nada “a priori”, eu não sei nada sobre você, a não ser que você me conte...

Logo, observa-se que um dos princípios básicos da fenomenologia é adotado na forma de postura terapêutica pela entrevistada.

E outra coisa que para mim é muito importante, é o terapeuta como presença... Essa presença favorece ao outro poder se mostrar...o campo de possibilidades que ele possa se mostrar naquela sua aflição...que para ele parece tão grande... E que o terapeuta como presença...torna esse outro mais humano... É compartilhando...é dizendo...podendo se mostrar que ele vai se sentir humano...

A condição de terapeuta o obriga a colocar-se humanamente na relação, sem subterfúgios de quaisquer ordens. Tal postura do terapeuta favorece a expressão das possibilidades existenciais do cliente.

(...) Essa coisa que parece tão grande...e me traz ao terapeuta porque eu não sei resolver... Na hora em que você está ali como escuta...sem aqueles “a priori”...sem estar conduzindo...e isso...e aquilo...fazendo aquele interrogatório, vamos dizer assim... Na hora em que vocês estão juntos e que ele se percebe acompanhado... Ele se sente mais humano...aquilo que parecia tão grande...tão insuportável...no momento em que posso compartilhar com o outro...e que me percebo compreendido...isso se torna mais humano... menos dramático, menos pesado ou menos feio, ou qualquer outro sentimento que o outro esteja denominando... Torna-se humano no sentido de aquilo não é algo estranho...algo que me toma.

Orquídea vem desvelar o diferencial de uma escuta nesta proposta de clínica acompanhada de um posicionamento em que o cliente se sinta acolhido na sua fala. Desse modo, irá se sentir mais humano, ou seja, perceberá que vivencia algo da ordem da condição humana. Essa vivência de acolhimento é também realizada em grupo. O grupo também amplia a percepção da pluralidade que nos constitui, conduzindo o nosso olhar diante dos problemas como pertencente ao modo de ser humano. É o que ela destaca:

Por isso, eu gosto muito do trabalho de grupo, apesar de não trabalhar em grupo no consultório, mas eu acho que o grupo também traz muito isso da presença do outro, tornando o seu problema mais humano... Na sua singularidade, você pensa, você acredita que aquilo que é a única coisa que acontece com você e que mais ninguém tem esse problema... Na hora em que você compartilha, existe a percepção que você não é só único, é também, plural. (...) Você passa a dar humanidade a si quando compartilha.

A singularidade que emerge nesse espaço é algo da ordem da comunhão, confiança e doação.

Eu preciso me aproximar para poder compreender...e só compreendendo é que vou poder favorecer que o outro reflita sobre determinada questão e encontre suas respostas... Se eu puder falar de *self*, é de *self* para *self*, de alma para alma, de gente para gente...alguma coisa que não está em nenhum livro...O que está no livro, está apenas no livro e não está no outro...ou seja, o que está no outro não está em nenhum livro... Porque um caso de livro é um caso... A minha relação com o meu paciente/cliente é única, não está em livro nenhum...

A partir da compreensão de Orquídea, no que diz respeito à relação psicoterápica, não podemos pensar uma clínica realizada por meio de uma técnica. Assim, precisamos deixar que o cliente se mostre para que possamos, junto com ele, tecer uma compreensão acerca de sua questão. Ela destaca o momento em que é solicitada uma técnica psicoterápica:

E quando os alunos perguntam na supervisão: o que faço na próxima sessão? Eu não sei o que você faz... Deixa ver o que vem...porque eu não sei o que o outro vai te dizer...Agora ouvidos e ouvidos e ouvidos. Escute, escute e escute...para que você possa ajudar o outro compreender...o que ele está passando. Você vai pensar que eu sou maluca, mas não há limites... Porque o humano não tem esse limite.... O céu é o limite... E a morte...talvez seja o limite, entende? E a gente aprende que o ser humano é capaz de qualquer coisa... O ser humano é algo encantador e, ao mesmo tempo, ameaçador... E de um leque de possibilidades que nem ele sabe... Pensamos que conhecemos...e nas situações... Se fosse comigo, eu faria assim, passe para ver...

A entrevistada enfatiza seus comentários anteriores, reforçando a importância do encontro verdadeiramente humano, a questão das possibilidades e dos limites, e a necessidade da experiência como fonte do verdadeiro conhecimento. Discretamente observa que dentre as possibilidades do ser humano há também as ameaçadoras.

De um extremo ao outro... Isso é ser humano... Agora entre esses extremos... se eu reflito e consigo olhar para mim...se tenho metas...se estou sempre em processo... se estou sempre me olhando...eu vou sair desses extremos para dar uma certa direção... Cada um vai dando uma direção para aquilo que faz sentido... E o sentido é sempre a direção e pode não ser mais o mesmo.

Orquídea vem ressaltar a importância da reflexão acerca do projeto de vida, o que levará o ser humano a seguir um rumo a partir de uma escolha comprometida com seu destino. Destino como destinação, quer dizer, uma direção orientada pelo sentido. O sentido como fio condutor para a direção, todavia o sentido é da ordem do instável, conseqüentemente, da condição humana, é o que podemos remeter ao processo de iniciar. Iniciar é uma possibilidade fundada na condição ontológica do nascer. O homem está sempre nascendo, em outras palavras, reiniciando-se em cada instante. É o que acrescenta Orquídea:

Porque é esse *vir-a-ser*...eu estou sempre sendo...não para ficar estagnado...
Porque eu estou o tempo todo...descobrimo novos sentidos...caminhando e
caminhando...

Orquídea finaliza sua narrativa se referindo à satisfação em seu modo de exercício clínico, que consiste em caminhar em direção à confiança, conseqüentemente, a realização do movimento de entrega à “doação de ser”.

(...) eu me sinto muito feliz no meu contato com os meus pacientes...com as
pessoas que me procuram... Porque tudo ficou muito mais a vontade...mais
humano... Uma relação que é muito de cumplicidade...de confiança... Não é
aquela coisa...eu vou ali buscar uma resposta...uma solução.

Orquídea autentica a especificidade desta perspectiva clínica com a palavra “encontro”.

Eu vou para um encontro...eu costumo dizer: não é o encontro com o seu
terapeuta...mas é o encontro com suas possibilidades de si mesmo... As
possibilidades do si mesmo...

Nota-se, a observação sobre o espaço clínico como o lugar que favorece a reflexão acerca das possibilidades inerente ao ser humano, em aceitar o que foi, o que está sendo, o que pode *vir-a-ser*, e de acolhimento do que é dado, até como condição para poder transformar alguma coisa.

E que essa outra presença que é o terapeuta...é apenas facilitador... Eu
costumo dizer na sala de aula: se o cliente não abrir a boca, você não

trabalha... Então...nós não trabalhamos com a fala...nós trabalhamos com a escuta.... A fala é do outro... E o que precisamos é estar muito atentos ao que o outro me diz...para que eu possa, junto com ele, encontrar o sentido... Esse sentido é encontrado a partir da reflexão... E a reflexão é elaboração... Refletir não é pensar...é elaborar...para que se faça sentido.

Orquídea desvela, revela e autentica uma experiência clínica a partir da reflexão que elabora, quer dizer, o psicoterapeuta atuaria visando criar um discurso pleno de sentido. Esse discurso consiste numa criação comum, o que favorece que aquele que deseje reencontrar-se, se dê a conhecer.

O meu terceiro encontro ocorreu com Lírio, que de todos os meus sujeitos colaboradores apresentou um percurso peculiar, uma vez que cursou filosofia antes de psicologia.

A escolha da...perspectiva fenomenológica existencial para mim foi uma...uma escolha tranquila...porque antes de entrar no curso de Psicologia...eu fiz uma graduação na Universidade Católica em filosofia... Então, essa graduação em filosofia me ajudou muito...a esclarecer, a compreender um pouco a visão de homem e de mundo e, a partir disso, eu fui me apaixonando pela perspectiva existencial fenomenológica...

Lírio comenta como o curso de filosofia possibilitou uma compreensão acerca do homem e da vida, de maneira que despertou um interesse pessoal pela proposta filosófica do existencialismo e da fenomenologia, o que abreviou o seu caminho em direção a essa clínica.

...eu percebi que a...fenomenologia e o existencialismo...eles têm...têm muito a ver com o meu modo de *ser-no-mundo*, com o meu modo de fazer as coisas, com o meu modo de lidar com as situações da vida.

O entrevistado comenta sobre a relação que essa perspectiva apresenta quanto a sua maneira de estar no mundo e a importância desse fato em sua escolha.

Então, quando eu entrei no curso de psicologia também na Universidade Católica, eu já sabia exatamente o que eu queria... Então, eu queria fazer clínica na Abordagem Centrada na Pessoa...é...eu percebi que a...fenomenologia e o existencialismo...eles têm...têm muito a ver com o meu modo de *ser-no-mundo*, com o meu modo de fazer as coisas, com o meu modo de lidar com as situações da vida. Então...para mim foi algo muito fácil...até porque o curso de filosofia me deu um embasamento teórico muito

bom para que eu pudesse fazer uma escolha...pelo menos até o momento...me sinto realizado e satisfeito com a escolha que fiz...

Lírio revela que sua escolha é permeada de emoção, ou seja, na dimensão da singularidade, pois remete ao seu modo de ser. O que autentica a escolha de sua abordagem clínica. Uma escolha contida de sentido e comprometimento.

Assim, como já foi comentado e revelado por Lírio, a sua escolha na abordagem clínica está em comunhão com o seu modo de ser, conseqüentemente, de estar com as pessoas.

...a minha forma de estar com essas pessoas...já era uma forma bastante...próxima do que considero...é...uma Abordagem Centrada na Pessoa ou uma perspectiva Existencial Fenomenológica... De poder sempre estar ali ajudando as pessoas, facilitando para que elas pudessem...é...ir em busca de seus objetivos...em busca de uma reflexão que propicie um desenvolvimento de suas potencialidades...

Lírio acredita em uma aproximação da Abordagem Centrada na Pessoa com a perspectiva fenomenológica existencial, a partir da promoção de uma reflexão que favoreça o desenvolvimento das potencialidades daqueles que se propõem a essa aproximação.

Partindo dessa proposta de ação clínica, perguntei: quais os pressupostos fenomenológicos existenciais que estão presentes e se ele considera o movimento humanista fazendo parte desta perspectiva?

Acho que o humanismo...ele foi importante enquanto movimento, mas assim...ele não...é...não vejo o humanismo como algo...é...basilar as abordagens existenciais fenomenológicas... Eu vejo o existencialismo e a fenomenologia...eu acho que o humanismo contribuiu enquanto movimento para que isso acontecesse, mas é...olhar para as abordagens psicológicas existenciais fenomenológicas...eu não vejo o humanismo basilar para elas... Eu vejo a fenomenologia e o existencialismo...porque essas duas...perspectivas...elas nos ajudam a...compreender...ou pelo menos se aproximar de uma possível compreensão...do que é condição humana... O que difere um pouco dessa...perspectiva do humanismo, que é...era...algo mais voltado para...é...essa...compreensão do homem ou...essa perspectiva do homem enquanto centro do mundo...

O entrevistado acredita que a contribuição da fenomenologia e do existencialismo é mais importante para a ACP, do que o humanismo. Certamente tal opinião provocaria polêmica em muitos círculos.

Porque enquanto...pessoas...somos pura possibilidade...nós não temos garantia de nada... A única certeza é da finitude...nós vamos morrer, mas fora isso... Essa compreensão dessa condição humana...de algum modo, ela também nos ajuda a compreender...alguns fenômenos que ocorrem no âmbito do humano, no âmbito da condição humana... E até fenômenos que para nós são muito estranhos...e...que nos causam um certo horror, por exemplo, a questão da violência hoje...a brutalidade com que as coisas acontecem...causam um horror em nós...mas que de algum modo isso está dentro de uma possibilidade humana... Claro que não seria uma...algo que...inviabilize a...vida humana, mas que precisamos olhar com muito cuidado para isso...porque enquanto condição humana, nós somos capazes de tudo...nós somos capazes de tudo e, ao mesmo tempo, de nada... Porque somos pura possibilidade... Olhar para o outro que comete um...ato...é...horrível, alguma coisa assim...que causa terror em nós... Mas o outro que comete isso...enquanto humano, eu também... posso cometer a mesma coisa...não que isso justifique, de forma nenhuma, mas eu estou colocando que precisamos olhar para...o que é que nós estamos construindo...que movimento é esse que...estamos construindo, estamos produzindo...modos de subjetivação...modos de ser que...são tão...violentos... Mas isso também é da condição humana, não é tão distante de nós.

Notamos então, que Lírio faz uma interessante aproximação de sua perspectiva clínica com reflexões mais identificadas com a fenomenologia existencial e demonstra um misto de perplexidade/reconhecimento da questão da violência, da necessidade de incorporá-la a uma reflexão mais consistente. Estaria nascendo uma nova ACP?

A visão de homem do existencialismo...para mim é algo que é decisivo na minha vida...tanto quanto profissional...tanto quanto como pessoa... Eu tenho uma forma de olhar para as pessoas, para o mundo e para mim mesmo, de um modo bastante...é...próximo da perspectiva existencialista... Assim, compreendendo o homem enquanto liberdade...um homem que é livre, mas é uma liberdade que já é circunscrita...pela situação de sermos no mundo, junto com os outros...então...não é uma liberdade...digamos inconseqüente... Porém é uma liberdade que...se expressa no exercício de escolha, mas escolhas que...são importantes para que possamos estar dimensionando a responsabilidade pelas escolhas... Então essa liberdade com...com essa questão da responsabilidade...

Na liberdade do homem estaria sua condição de ser de possibilidades, entretanto a ética da responsabilidade levaria a complexas e sofisticadas relações nessa questão.

O homem autônomo...acredito...piamente nessa condição que o homem tem...enquanto ser humano...de estar sempre superando a si mesmo...sempre buscando formas de organização cada vez mais complexas... Isso não é uma coisa que simplesmente que...que tenha a ver com...o pressuposto da Abordagem Centrada na Pessoa ou do Existencialismo, mas é algo que...está presente hoje...dentro das ciências como um todo...a Física, a Química, a Biologia... Elas hoje também trabalham com esse...parâmetro de que...todo organismo vivo...ele tem uma tendência para o desenvolvimento...para ordens cada vez mais complexas... Então, eu acredito piamente nisso...se eu não acreditasse não fazia sentido...o que eu faço tanto na clínica quanto na FUNDAC...

Lírio, emocionado, comenta sobre sua perspectiva de organização do mundo, superação contínua onde sente pulsar o sentido da existência.

...eu vejo também o existencialismo...assim...a questão da finitude...eu acho que isso é algo...que é marcante para a experiência humana...a partir do momento em que nós entramos em contato...com experiências de finitude...tendo a...a morte como sendo realmente...essa expressão...máxima... Mas que é algo...que é parte...é...da condição humana... Então, isso me ajuda a olhar...para vida de um modo muito mais...realista...nesse sentido...não pessimista, mas realista. Dizer que nós...temos um...um tempo aqui...é por sabermos que temos um tempo...é importante que possamos investir nesse tempo que temos, com qualidade... Então, o existencialismo na verdade funciona para mim como algo...de muito positivo, de muito otimismo porque...a partir dessa compreensão que somos finitos...isso me...dá uma responsabilidade para investir numa qualidade de vida...não só para mim, mas na minha atuação clínica, na minha atuação...na FUNDAC.

As reflexões do existencialismo no que se refere à finitude repercutiram intensamente em nosso entrevistado, alterando seu modo de se relacionar com a própria existência e, conseqüentemente, com a clínica.

Outra questão que Lírio destaca como fundamental na sua ação clínica é a fenomenologia. Sendo esta, um exercício constante para acessar o fenômeno tal como se apresenta.

...a fenomenologia...ela...nos dá essa...essa condição de que...é...estar em contato com os fenômenos ou olhar para uma determinada realidade buscando apreendê-la...e apreendê-la a partir do momento como ela acontece...é um esforço permanente...porque você...só olha para a realidade também atravessado...pelas questões subjetivas... Então, como lidar com isso? Ao mesmo tempo, saber que a minha subjetividade está envolvida em qualquer ação...e...ação, eu também compreendo...o ato de pensar, o ato de

refletir... Então, qualquer ação humana...a subjetividade...ela está presente... Mas como lidar com isso? Então, a fenomenologia é uma ferramenta que me ajuda demais...

Lírio ressalta a subjetividade como um fator de grande interferência na ação humana, que inclui o ato de pensar, refletir. E a fenomenologia vem lhe auxiliar também nessa questão.

Então...a visão de homem trazido pelo existencialismo e...a proposta da fenomenologia enquanto uma proposta de aproximação e compreensão dos fenômenos... Então, posso dizer, que isso se faz presente realmente na minha prática clínica e também...de certo modo, na minha vida...como um todo... Eu realmente procuro...é...buscar me relacionar com as coisas desse modo... E na clínica...sobretudo na minha...atuação clínica...isso está presente o tempo inteiro... Acho que para mim isso são os referenciais é...são...é...os parâmetros a partir dos quais eu...norsteio a minha prática... É o existencialismo...essa noção de homem trazida pelo existencialismo enquanto possibilidade...enquanto processo...enquanto permanente *vir-a-ser*...que é justamente essa questão das possibilidades...e...a proposta da fenomenologia...de você poder entrar em contato...se abrir para experiência... Acho, pronto, acho que a palavra é essa...acho que a fenomenologia...é...uma proposta...de você se abrir para a experiência...e isso não é muito fácil...

Lírio finaliza sua narrativa, no que diz respeito aos parâmetros que norteiam sua prática clínica, referindo-se à concepção de homem para o existencialismo. O homem como processo, ser de possibilidades, permanente *vir-a-ser*. E em relação à fenomenologia a compreende como uma proposta de abertura à experiência, reconhece entretanto as dificuldades desse processo.

Requer um esforço humano...permanente...acho que é isso... A fenomenologia... O se entregar... Não é só uma disposição cognitiva...mas é uma disposição...do sujeito como um todo... Você está aberto para experiência...isso não é fácil...Requer um...aprimoramento de...de si mesmo, do seu modo de ser...permanente... Por conta dos estados de humor porque somos afetados permanentemente...e essa afetação vai...vai produzindo estados de humor...e...você precisa estar o tempo inteiro nessa...tarefa...de estar...se abrindo para experiência.

O entrevistado continua chamando a atenção para as dificuldades que apresenta colocar-se dessa forma na vida e no trabalho. Além da exigência intelectual, não menos complexa é a exigência emocional, ou seja, a implicação é de todo o ser, em constante esforço.

Eu costumo muito dizer para os meus alunos, na prática docente...de que, de fato é...muito mais do que...uma...teoria...a perspectiva existencial fenomenológica é algo que tem...tem...tem que se...é...se entrosar com seu modo de ser. Eu não consigo me perceber profissional e...pessoal diferentemente...claro...que os espaços...de...de atuação são diferentes... Então é...não dá para separarmos de uma forma nítida...o que é pessoal e o que é profissional... É...por isso que, eu acho que na...na prática clínica...isso em qualquer abordagem...eu acho fundamental o trabalho pessoal...porque o trabalho pessoal é que vai...possibilitar...essa afinação do instrumento...terapêutico que é...o próprio terapeuta.

Lírio propõe que os terapeutas se submetam à terapia pessoal, não tanto para distinguir o pessoal e o profissional, e sim como meta de aperfeiçoamento afetivo do terapeuta-instrumento.

Eu acredito que quando você faz uma escolha...a escolha pela linha...algo ali daquela...de que você leu...vamos supor...você está conhecendo, você está querendo...é...fazer um mestrado em determinada linha...então, você vai começar a entrar em contato...com livros...e...por que você escolheu aquela linha e não outra? Porque algo daquela leitura...te tocou.

Uma vez mais o entrevistado insiste nas escolhas como afetação dos indivíduos.

...a questão da neutralidade...eu nunca engoli isso...eu realmente nunca engoli porque para mim é impossível você entrar numa relação humana de uma forma neutra... Toda relação, ela é provocativa e convocativa...então, você é afetado, queira ou não queira... Isso não depende de uma vontade... Eu vou estar neutro...não... Nós estamos sendo afetados permanentemente...e, sobretudo, numa relação que tem uma qualidade pelo menos, a proposta de ser uma relação profunda.

Apoiado em fundamentos fenomenológicos existenciais, Lírio critica a noção de neutralidade. Associa a possibilidade de “profundidade” na relação psicoterápica com a condição humana do afetar-se.

Então, é impossível você, diante do outro e do seu relato...você não se mover e não se tocar... Agora a questão...no contexto terapêutico... Como transformar essa afetação que...que ocorre em mim...em benefício do crescimento desta outra pessoa...que...denominamos de cliente?

Esta afetação vai dar ensejo a que o psicólogo se abra à experiência para que possa, junto com o cliente, ajudá-lo a encontrar um sentido para dar continuidade a sua vida.

A fenomenologia, ela vem justamente...falar disso...que não há possibilidade de neutralidade...não tem como... Essa coisa da fenomenologia também...é...muito parecido comigo...então, somos afetados...até porque...as intervenções terapêuticas...elas só emergem no contexto da afetação...quando eu me abro para a experiência do outro...e de certo modo eu sou tocado pela experiência do outro...e esse tocar...quando eu sou tocado pelo outro...eu transformo isso...em intervenção para que ele possa pensar sobre si...

Nesse momento, podemos afirmar, pela sua importância, que a afetação é um dos diferenciais desta proposta de clínica, pela reflexão aprofundada que provoca.

A Edite Stein que foi uma...que foi assistente de Husserl...ela já caminhou bem...além do Husserl porque ele ainda...é um pouco essencialista em determinado modo, mas ela traz uma coisa muito importante...é...na reflexão dela, quando ela fala do conceito de empatia...ela diz que, empatia não é algo que eu determine...eu vou ser empático...ou não vou ser empático...porque a empatia para...a Edite... A empatia é algo da condição humana...é...algo ontológico do ser...porque diante do discurso do outro...é...inevitavelmente...o discurso do outro me mobiliza...inevitavelmente...e ela diz uma coisa muito interessante, que eu acho que serve muito para clínica é que, toda escuta...ela é uma escuta empática...ela é uma escuta coletiva na medida em que...o discurso do outro me mobiliza...e a partir dessa mobilização é que vai...surgindo o processo mesmo...a dinâmica da relação...

Entretanto, todas essas possibilidades nos remetem ao que vem sendo destacado de maneira mais ou menos encoberta nesse texto: o aspecto extraordinário da condição humana, singular e plural ao mesmo tempo.

Então...eu me sinto em casa no existencialismo e na fenomenologia... Eu me sinto em casa mesmo.

Na fala acima, Lírio autentica mais uma vez a comunhão do seu modo de ser e de pensar com a fenomenologia e o existencialismo.

Veja é...eu...eu não tenho uma...uma...uma determinação por um teórico...eu assim...gosto muito da perspectiva heideggeriana...mas, o Sartre, o Kierkegaard, eles...eles trazem algumas contribuições...na medida em que... o Kierkegaard, ele vai pontuar...e temos que compreender um pouquinho...o surgimento...o...o contexto em que ele estava dizendo essas coisas, no contexto da história do pensamento humano, quando ele vai pontuar a questão da singularidade... Então...para ele, o que ele traz de importante dentro da...da perspectiva filosófica dele, é a questão da singularidade... então...isso para mim é importante... Claro que o Heidegger fala sobre isso, mas o Kierkegaard...é considerado o pai do existencialismo...ele traz essa bandeira em contraposição com...um projeto de concepção de homem...forjado na...na modernidade do homem enquanto um tipo...na área das ciências. O homem era um tipo...o homem era visto enquanto espécie, enquanto um ser abstrato. O Kierkegaard vai trazer essa noção da singularidade...de poder olhar para o homem...enquanto ser singular...e uma singularidade irrepitível...irrepitível...e o Sartre...eu acho que ele traz uma contribuição quando ele fala da questão da liberdade...de escolha, da responsabilidade...que toda escolha mesmo pessoal, ela tem uma repercussão na coletividade...então isso para mim é...é importante.

O entrevistado revela ter mais aproximação com Heidegger, mas considera as contribuições de Kierkegaard e Sartre um marco no movimento existencialista e no campo das ciências, trazendo outra concepção acerca do homem. Kierkegaard convocou-nos a olhar o homem como um ser singular. E Sartre enfatizou questões como liberdade, escolha e responsabilidade, fazendo parte da condição humana. O resgate dessas questões trouxe uma valorização acerca do homem como um ser comprometido no que diz respeito à repercussão de suas ações.

Heidegger é essa...essa perspectiva do homem enquanto *ser-no-mundo*...então...compreender isso parece uma coisa simples...mas não é simples... Entender o homem enquanto *ser-no-mundo*...essa estrutura, ela é básica para compreendermos qualquer...manifestação humana...porque a existência humana...ela só se realiza nessa condição...é impossível nós...é...compreendermos o outro fora dessa estrutura de *ser-no-mundo*...é a partir daí, que nos realizamos... Então, isso significa na clínica...é poder compreender o outro enraizado, enredado...no...numa rede de relações... Uma rede de relações que vai...é...configurando...o modo de ser dessa pessoa...então... isso é fundamental... Então, quando falamos, ah! É...compreender o outro...no seu contexto... Isso é...é muito simples dizer isso...mas...no contexto clínico, e se formos pegar na perspectiva heideggeriana é muito complexo...é muito complexo... Requer um trabalho...é...permanente... Até por que...no processo psicoterapêutico, todo processo é sempre...esse desvelar de modos de ser... A cada...a cada é...o sujeito vai...se desvelando...vai mostrando seu modo de ser.

Daí inferirmos que a contribuição de Heidegger mais relevante para a clínica é olhar o homem como *ser-no-mundo*, na radicalidade de sua existência.

Esse...esse modo de *ser-no-mundo*...cada um tem um modo de ser particular e, é quando a questão da singularidade... Então...toda manifestação...revela um modo de ser, o modo de se vestir, o modo de andar, o modo de falar...até as coisas, por exemplo, mais...mais é...digamos... “a priori” inacessíveis, que são os valores...que essa pessoa é...os valores que essa pessoa tem...os valores que ela tem, mas que são valores que pertencem...também à comunidade em que ela está inserida...então...até a questão de compreender que valores...nor-teiam o modo de ser dessa pessoa... Isso é algo muito profundo...do Heidegger... Acho que a questão da “Análise Existencial” que ele traz...naquela...na proposta de “Ser e tempo”...eu acho que é isso que fazemos na clínica...é “Análise Existencial”... É porque se considerarmos os modos de ser enquanto singularidade...não existe um teoria...é...que vai dar conta disso... E nenhuma teoria vai dar...mas a perspectiva fenomenológica...ela vai nos ajudar a fazer...essa compreensão...uma compreensão bem artística mesmo...porque...cada modo de ser é único, é irrepetível...

O entrevistado acredita que nenhuma outra teoria consiga aprender de maneira tão intensa a singularidade humana e suas relações com a comunidade. Ressalta igualmente a forma que a compreensão ocupa nesse espaço, onde a poética marca a experiência singular do ser.

Então, a clínica é, na verdade, essa “Análise Existencial”...dos modos de ser...e a fenomenologia, ela vai dar esse respaldo para que aconteça...porque ela vai nos propor uma abertura à experiência... Nós não temos um modelo...que...vamos enquadrar uma teoria digamos assim...é...pronta... mas é algo que vai sendo desvelado... a partir dos momentos das aproximações, dos encontros, dos contatos... Eu sou muito assim...acho que as teorias de personalidade...elas são muito importantes para compreendermos ...porque ela nos dão...é...uma...uma cartografia...dos funcionamentos ou da dinâmica psíquica do sujeito, mas ela pode se tornar uma armadilha para nós...quando consideramos essas teorias de personalidade como é...modelos...de funcionamento psíquico...porque vamos começar a olhar o outro a partir desse modelo...fazer a leitura a partir desse modelo... Acho que elas servem como referências, mas não como algo que irá nortear de um modo...determinante...a prática clínica.

Lírio exemplifica o comentado acima, observando que a teoria da personalidade serve apenas para cartografar a dinâmica psíquica, mas que o sujeito vai sendo desvelado a cada encontro. Desse modo, a clínica fenomenológica existencial dá subsídios para exercer a

prática a partir de outro arcabouço teórico sem pretender enquadrar o sujeito em nenhuma estrutura. A clínica fenomenológica existencial visa acolher o sujeito em sua singularidade.

Ao concluir, Lírio retratou seu posicionamento no que diz respeito aos limites e dificuldades encontrados na sua prática clínica.

Eu sou muito...apaixonado pelo que faço...e pela teoria que...orienta minha prática...assim...eu tenho muitos êxitos na prática clínica. Os limites...eu vejo que diz muito mais a...porque muitas vezes, nós...encontramos alguns discursos assim...Ah! Tal teoria não dá conta de tal fenômeno...tal teoria é mais superficial...não dá conta de algo mais profundo... Eu não acredito nisso...acho que nenhuma teoria vai dar conta...de nenhum fenômeno...elas servem como referência... Mas...além da teoria tem também a formação humana daquele que vai...praticar essa teoria. Então...a formação humana tem a ver com essa...questão da abertura para a experiência... Então, pode acontecer...experiências por exemplo, que eu não...tenho...não me vejo muito...nesse campo...é...trabalhar com adolescentes que estão envolvidos com atos infracionais. Eu trabalho na FUNDAC, há vinte e um anos, mas eu não me vejo...trabalhando com esses adolescentes...é um limite que bate...com esta minha formação humana... Na verdade, não é um limite teórico...é um limite meu...porque tem pessoas que trabalham nesse mesmo referencial existencial fenomenológico e que amam trabalhar com adolescentes em conflito com a lei... Que trabalham e desenvolvem um trabalho excelente. Eu tenho colegas que...trabalham...que são...que se formaram na Abordagem Centrada e...trabalham de uma forma maravilhosa. Então...eu não vejo que é um limite da teoria...eu vejo que é...um limite pessoal... Acho que tem a ver com...as buscas, os caminhos que vamos traçando para nós...nesse perfil profissional que queremos para si... Então...essa questão da teoria...ao mesmo tempo, em que ela não...dá conta de tudo...mas ela não traça um limite...olha eu só posso até aqui, só posso até ali, mas tem a ver com um percurso pessoal...de cada um...é o que eu penso.

Lírio encerra sua narrativa com uma bela reflexão sobre as relações que a teoria estabelece com seus próprios limites. Coerentemente observa que os fenômenos não se deixam aprisionar pelo arcabouço teórico, e sim os profissionais, suas histórias e certamente suas limitações.

A quarta entrevistada, Hortênsia, narrou seu percurso acadêmico-profissional até a escolha da perspectiva fenomenológica existencial.

Eu fiz o curso de Psicologia com supervisão em ACP (Abordagem Centrada na Pessoa) na Federal... Da ACP eu comecei a fazer grupo de estudo...é...com Carmem Barreto... Era um grupo de estudo...como se fosse uma especialização...dentro da Abordagem Centrada na Pessoa... Nós vimos alguma coisa de fenomenologia...do existencialismo e...depois eu fiz uma...especialização na Católica mesmo...onde podemos...ver mais essa

questão da fenomenologia, do existencialismo... Era a clínica...se eu não me engano era a clínica fenomenológica existencial.

Hortênsia, na sua formação teórica na ACP, entrou em contato com um pouco da fenomenologia e do existencialismo. No decorrer de seu percurso, revelou uma inclinação por essa perspectiva, tanto que buscou uma especialização nesta área. Apesar de fazer o mestrado em outra linha, não deixou de estudar essa perspectiva.

...continuei estudando e...eu resolvi fazer mestrado, só que eu não optei pela linha de...optei pela clínica, mas dentro da linha de família...é o que estava me interessando no momento...mas paguei algumas cadeiras de fenomenologia e do existencialismo...certo... Hoje eu me percebo nesse momento de transição...onde eu já questiono alguns pontos da Abordagem Centrada na Pessoa...alguns outros eu ainda concordo... Mas estou nessa fase em que preciso estudar mais... para poder me apropriar...mais dessa clínica que também está em formação... Não é?

Hortênsia vem acrescentar nesta pesquisa um momento em que alguns profissionais passam. Ela questiona alguns pontos da base epistemológica de sua abordagem escolhida (ACP), o que determina a busca por outros referenciais teóricos, mesmo que a clínica a partir deles esteja em processo de construção.

No que diz respeito aos pressupostos teóricos da perspectiva fenomenológica existencial, que estão mais presentes na prática clínica de Hortênsia, ela revelou:

Como eu estou nesse momento de transição, eu lhe digo...eu concordo que a fenomenologia, não é...que...a...fenomenologia husserliana...ela já...não dá mais conta...se fosse falar naquela questão de dar conta...como estávamos falando há pouco tempo...então não dá conta. Por isso, que eu estou...migrando...estou estudando...para poder compreender esta fenomenologia heideggeriana...entendeu? Então...nesse momento, eu estou nessa passagem...

A transição epistemológica a que a entrevistada se refere diz respeito ao sentimento de um não acolhimento da demanda atual pelos recursos teórico-práticos que utilizava.

A *epoché* fenomenológica de Husserl...por isso que eu digo que é dentro de uma fenomenologia husserliana, que se pudermos colocar Rogers, nós colocaríamos dentro de uma fenomenologia husserliana...certo... Mas que eu acredito que...esse conceito não está totalmente derrubado, apesar de estar

sendo questionado...a *epoché*...que não é o máximo que se consegue... Mas devemos fazer por onde... E...é o fenômeno...entrar em contato com o fenômeno do cliente. Por que a fenomenologia é o método, não é isso? É uma metodologia, uma maneira de você se inclinar sobre o outro, não é? De ouvir a dor do outro, o sofrimento do outro.

A entrevistada confirma, com os comentários acima, que seu momento de transição não pretende ser de ruptura.

Emergindo naquele momento. Tanto o conteúdo explícito...como Luís Cláudio Figueiredo fala...como também o implícito... Porque você também percebe algumas coisas que pode não estar claro para o outro... E isso é importante também, trabalhar com o cliente. Agora você não vai colocar como algo que...é determinante, ou seja, você vai procurar saber se faz sentido por outro... É uma percepção sua, você está enxergando algo a mais, se você coloca para o cliente, você coloca procurando saber se faz sentido para esse cliente...Você não vai colocar como uma verdade absoluta...porque a verdade não está na sua mão.

Trabalhar questões em que o cliente está com uma percepção limitada, como também ajudá-lo a compreender que ele escolheu determinada maneira para lidar com a situação, porém existem outras. Entretanto, devemos respeitar a escolha do cliente, pois parte do seu modo de ver as coisas, de sua singularidade.

Também perguntei sobre o humanismo e a condição humana no seu posicionamento clínico.

...existia antigamente, era a perspectiva behaviorista e psicanalista. Na responsabilidade do cliente...o poder dele de criatividade, o poder de decisão, tudo estava...não existia... Ou era fora, determinado ou então, dentro do inconsciente. Então...chega o humanismo para resgatar isso... Agora essa condição humana que é, acho que já...é...se fomos diferenciar... Eu não sei, não estou entendendo tão bem a pergunta, mas eu não sei se você fala da condição humana no sentido do homem...está ...se construindo nessa vida, ou seja, ele é processual.

Hortênsia destaca a contribuição do humanismo no resgate dos valores humanos como o poder de criatividade e de decisão, e no que diz respeito à condição humana, olhar o homem como processo.

Ele se constrói...a partir das suas relações no mundo todo...com as pessoas e... com tudo e...com todas as limitações... Ele se vai construindo. Então...eu concordo com isso...eu vejo esse homem desse jeito, e não um homem que tem uma essência, por isso que eu...já...critico com algumas coisas... Não um homem como tivesse uma essência pronta e só precisa das condições facilitadoras de Rogers...para poder...essa essência aparecer... Eu não concordo com isso.

Hortênsia comenta sobre um dos conceitos fundamentais em debate no campo filosófico e psicológico: a essência, tomando posição crítica quanto ao que acreditava anteriormente, e se aproximando de novas perspectivas nesse campo.

O que já estava pronto, não precisava florir, que é uma das questões que se critica... Mas que...como se você, esse homem está no devir dele, quer dizer, no processo... Ele vai se construindo, não tem nada pronto... Ele passa para o cliente...a construção do cliente... Ele não está pronto...e...ele...não vem para você...já pronto...e nem as coisas assim...é...aquela questão como eu falei dos pressupostos, dos...preconceitos, dos conceitos... Ele é uma outra pessoa...então, a história dele é uma, a tua é outra. O que ele está passando não tem que ser igual ao que você está passando...

A entrevistada enfatiza a importância do terapeuta perceber a singularidade de cada um no processo psicoterápico.

Mas, ele pode junto com o trabalho psicoterapêutico, ele vai...entrando em contato com a experiência dele, com o fenômeno dele...ele vai junto com o psicoterapeuta descobrir...descobrir: qual o caminho para ele seguir...descobrir qual o caminho para ele seguir. O que é que ele quer fazer? Ou...mesmo que, quem dê a direção seja o cliente, só que o psicoterapeuta facilita...esse processo...entendeu? Para que o cliente chegue nesse caminho...se for o caminho que ele precisar chegar.

Portanto, o psicoterapeuta é um facilitador. Sendo assim, irá favorecer ao cliente encontrar meios de superação para as suas dificuldades.

Caminhar, seguir, resolver e aprender a lidar com aquela situação... Ver qual é o melhor caminho para ele. Que não vai ser o psicoterapeuta que vai dizer, ele vai construir junto com o cliente, mas ele não vai dizer: faça isso! Faça aquilo! Só esse é o melhor caminho. De jeito nenhum.

E segue refletindo sobre sua concepção de ação clínica, em que o respeito e a singularidade ocupam um lugar fundamental.

Em relação às possibilidades e limites de sua ação clínica, Hortênsia desvela:

A possibilidade maior que eu vejo, é o encontro com a experiência do outro, com o fenômeno...eu acho que isso...é uma porta enorme para grandes possibilidades... Eu acho que isso é...uma grande abertura...o encontro com...a experiência do outro, com o fenômeno do outro... Isso dá...como eu falei uma abertura para grandes possibilidades... O que vai acontecer não sabemos.

Hortênsia autentica a abertura ao encontro com o outro como as possibilidades que esta ação clínica oferece. Todavia, o que acontecerá neste encontro é da ordem do imprevisível, mas tudo pode acontecer. Acontecimento na perspectiva fenomenológica existencial é o inesperado que favorece sair do habitual e agir a partir de outros valores.

Em relação aos limites encontrados nesta proposta de clínica, Hortênsia revela:

A limitação que eu vejo é...o entendimento de Heidegger, que não é fácil, tem também, o fato da clínica fenomenológica existencial estar se construindo...Então, está no processo de construção...e isso contribui para que eu me sinta um pouco insegura, inquieta, entendeu? Porque estamos questionando isso aqui que...não...está dando... Não tudo... Como eu falei...mas algumas coisas estão sendo questionadas, não estão dando mais conta, algumas coisas...como eu falei a questão da essência... Mas também, o que é que colocaram no lugar? Porque precisamos continuar a prática.

Nossa entrevistada coloca algumas das questões que, certamente, estão presentes nas dificuldades atuais dessa perspectiva. A complexidade da teoria de Heidegger, cuja interpretação é frequentemente polêmica, mesmo entre filósofos. A necessidade de ter uma clínica com parâmetros claramente definidos são preocupações frequentes na construção desse espaço, ainda sentido como muito novo, que se inspira na analítica da existência.

Porque eu concordo quando diz que: o homem não tem essa essência pronta...ela está sendo construída...então se algo está me inquietando é porque eu tenho que buscar outras coisas...para poder compreender melhor... E se essa clínica nova...faz essa crítica a isso...vai se aprofundando...e sempre construída de maneiras diferentes...diferente da ACP e da Gestalt-terapia... Diante disso, eu preciso compreender melhor...essa nova clínica...

E segue em suas preocupações, uma vez que compreende que há uma clínica em nascimento que a afeta.

E também a questão...que estávamos falando...dessa suspensão total, que eu acho que...também é uma coisa que...que dá um certo limite... Assim na...na prática...clínica, suspender...seria um limite...porque nós não temos como fazer essa suspensão total... Procuramos fazer o máximo...como você disse...mas como fazer essa suspensão no todo...Tem uma formação antes da psicologia... a nossa formação.

Hortênsia comenta sobre as dificuldades da relação entre a clínica e o método fenomenológico.

Agora assim...eu não sei como está Henriete agora, mas eu lembro que quando eu assisti à aula...estava justamente falando desse questionamento... *epoché* fenomenológica...questionando isso... Dizemos que...nós é...suspendemos temporariamente, os nossos valores, conceitos...mas não é bem assim... Eu não sei como está agora...que ela depois disso...porque faz muito tempo...que eu tive essa aula...mas pelo que eu compreendo...não conseguimos suspender tudo...por sermos seres humanos, entendeu? Mas procurar o máximo...não está levando valores e pré-conceitos para se relacionar com o outro... Porque aquela história que eu disse...o que é bom para mim, pode não ser para o outro... Então, eu não posso colocar no outro a minha história...a história é dele.

A entrevistada conclui sua narrativa trazendo questões que lhe estão afetando nesse momento particular de sua trajetória pessoal e profissional. Apesar das referências de professores que respeita e admira, sente que terá que trilhar seus próprios caminhos.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicologia, como área do saber humano, talvez seja a que comporta o maior número de concepções teóricas que impactam diretamente na sua condição de ciência clínica.

Como ciência clínica, em nossa região, a psicanálise exerceu um papel histórico notável, como deixa perceber as narrativas de nossos sujeitos colaboradores. Tal situação gerou uma série de pressupostos, dentre eles, a associação da psicanálise com a idéia de profundidade psicoterápica, como uma vez mais deixaram patente nossos entrevistados.

Considerando que são pessoas inteligentes, competentes e dedicadas, hoje profissionais reconhecidos, todos exercendo a profissão de magistério em sua área, inclusive com pós-graduação, fica a pergunta: o que os levou a seguir outra perspectiva de ação clínica, no caso a fenomenologia existencial, e não o caminho mais previsível para a época?

Os quatro sujeitos colaboradores, psicólogos clínicos, identificam-se como, dois pertencentes à Gestalt-terapia e dois à Abordagem Centrada na Pessoa.

Todos os entrevistados partiram de uma insatisfação do que lhes era oferecido para, de maneira tranquila ou mais intensa, lenta ou subitamente, sentirem-se profundamente tomados pela perspectiva que escolheram. A sensação de um encontro vivido com profunda emoção, marcou a cada um dos narradores, que, apesar da passagem do tempo, traziam com muita jovialidade e frescor esse momento de suas vidas. Vidas, existências que se sentiram em harmonia, integridade, coerência, comumente comentando a união de seus pontos de vista, visão de homem, como frisaram com insistência, com a perspectiva de ação clínica da fenomenologia existencial. A todos movia a exigência de uma escolha profissional profundamente entrelaçada com a historicidade de cada um.

Em nossa região, a concepção fenomenológica existencial foi introduzida pelas psicologias contemporâneas que incorporam o ideário humanista existencial. Entre nossos entrevistados, todos se identificam com essa perspectiva. Temáticas muito caras a esse movimento foram frequentemente citadas como fundamentais à ação clínica de nossos sujeitos colaboradores: liberdade-responsabilidade, singularidade-multiplicidade, escuta clínica-empática, sentido, significado, abertura ao novo, angústia e morte.

Entretanto, exceto em um de nossos entrevistados, que se sente em transição, e, em função desse momento particular, coloca criticamente as concepções dos diversos autores e movimentos que transitam no campo. Os demais associam livremente conceitos do humanismo existencial com a analítica da existência.

Acreditamos que, pela diferença, inclusive de fundamentação filosófica, a clínica que cada um inspira deverá ter, necessariamente, concepções próprias. Essa questão que nos parece fundamental, deverá ser um dos grandes e estimulantes debates que animará o campo clínico da fenomenologia existencial, uma vez que as concepções da analítica da existência, pela força que apresenta e pelo momento histórico que estamos vivendo, vieram para ficar.

A certeza da escolha correta, a satisfação no trabalho clínico matizou o grupo de entrevistados. Certamente é com esse estado de humor que avaliaram os limites de sua própria ação clínica. De maneira unânime acreditam que as dificuldades estão relacionadas a insuficiências dos próprios profissionais, sejam ligadas a sua própria história, ao exame de si mesmo ou de apreenderem com mais profundidade as concepções que a fenomenologia existencial propõe.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, n.77, 1991, p.53-61.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

BOSS, M. **Angústia, Culpa e libertação**: ensaios de psicanálise existencial; tradução de Bárbara Spanoudis. 2.ed. São Paulo, Duas Cidades, 1977.

BOSS, M. Introdução à Daseinsanalyse. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. n.8, 1997, São Paulo.

BOSS, M; CONDRAU, G. Análise Existencial – Daseinsanalyse. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, n.2, São Paulo, 1997.

BARRETO, C. **Ação clínica e os pressupostos fenomenológicos existenciais**. Tese de Doutorado em psicologia fenomenológica existencial. Universidade de São Paulo. p.143-144, 215 f. 2006.

CAEIRO, A [Fernando Pessoa]. **Obras Completas de Fernando Pessoa III: Poemas**. 2.ed. Lisboa: Ática, 1952.

CABRAL, A; NICK, E. **Dicionário técnico de Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 12. ed, 1997.

CARDINALLI, I. **Daseinsanalyse e Esquizofrenia**. São Paulo: EDUC: Fapesp, 2004.

COSTA, M. **Manual para normatização de trabalhos acadêmicos**: Monografias, dissertações e teses. 7.ed. Ver e atual. Recife: INSAF, 2007.

CRITELLI, D. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. 2. ed. São Paulo: EDUC, Brasiliense, 2006.

CYTRYNOMICZ, M. O tempo da infância. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, São Paulo, n. 9, 2000.

D'ACRI, G; LIMA, P; ORGLER, S. **Dicionário de Gestalt-terapia**: “Gestaltês”. São Paulo: Summus, 2007.

DUTRA, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**. Natal, v.7, n.2, p.371-378, jul./dez. 2002. Semestral. ISSN1413-294X.

FEIJOO, A. **A escuta e a fala em psicoterapia**: uma proposta fenomenológico– existencial. São Paulo: Vetor, 2000.

FIGUEIREDO, L. **Matrizes do pensamento psicológico**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

FIGUEIREDO, L. **Revisitando as psicologias**: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. 3.ed. rev.e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FIGUEIREDO, L; SANTI, P. **Psicologia uma (nova) introdução**: uma visão histórica da Psicologia como ciência. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2008.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREUD, S. **A Interpretação de Sonhos**. Edição Standard brasileira, Vols. IV e V, Ed. Imago, [1900], 1972.

GADAMER, H. **Hermenêutica em retrospectiva**. 2.ed. Tradução Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Vol. I.

GONDRA, M. **Historia de la Psicologia**: Introducción al pensamiento psicológico moderno. Madrid: Síntesis, 1997. 2v.

HUSSERL, E. **A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia**. Introd. e trad. Urbano Zilles. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

HUSSERL, E. **Meditações Cartesianas**: Introdução a fenomenologia. 1.ed. São Paulo: Madras, 2001.

INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

INWOOD, M. **Heidegger**. São Paulo: Loyola, 2000.

JAPIASSÚ, H. **Introdução à Epistemologia da Psicologia**. 6.ed. São Paulo: Ed. Letras e Letras, 2000.

LÉVY, A. **Ciências Clínicas e Organizações Sociais: sentido e crise do sentido**. Tradução de Eunice Dutra Galery, Maria Emília A. Torres Lima, Nina de Melo Franco. Belo Horizonte: Autêntica / FUMEC, 2001.

LUCKESI, C. Humanismo no Brasil. *In*: NOGARE, P, D. **Humanismo e Anti-Humanismo**. Introdução à Antropologia Filosófica. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MASLOW, A. **La Personalidad creadora**. 4.ed. Barcelona: Kairós, 1982.

MASLOW, A. Psicologia Existencial - O que há nela para nós? *In*: MAY, R. **Psicologia Existencial**. 2.ed. Tradução de Ernani Pereira Xavier. Porto Alegre, Globo, [1960] 1976.

MAY, R. **Psicologia Existencial**. 2.ed. Tradução de Ernani Pereira Xavier. Porto Alegre, Globo, [1960] 1976.

MICHELAZZO, J. **Do um como princípio ao dois como unidade: Heidegger e a reconstrução ontológica do real**. São Paulo: Fapesp / Anna Blume, 1999.

NUNES, B. **Heidegger e Ser e tempo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

PENHA, J. **O que é existencialismo**. 3.ed. Col. 61 – Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PENNA, A. **Introdução à Psicologia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

PENNA, A. **Repensando a Psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, Ed. Imago, 1997.

PEREIRA, L. **A experiência da fala de sujeitos usuários na clínica psicológica às suas possíveis repercussões**. 163 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Recife, 2006.

PERLS, F. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. 2.ed. Tradução de José Sanz. Ed. LTC, 1988.

PERLS, F; HEFFERLINE, R; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. Tradução Fernando Rosa Ribeiro. São Paulo: Summus, 1997.

POMPÉIA, J; SAPIENZA, B. **Na presença do sentido**: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: EDUC; Paulus, 2004.

POMPÉIA, J. Aspectos emocionais na terapia daseinsanalítica. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, São Paulo, n.13, 2004.

RIBEIRO, J. **Vade-mécum de Gestalt-terapia**: conceitos básicos. São Paulo: Summus, 2006.

RIBEIRO JÚNIOR, J. **Introdução ao existencialismo**. Campinas, São Paulo: Edicamp, 2003.

ROGERS, C. Duas Tendências Divergentes. *In*: MAY, R. **Psicologia Existencial**. 2.ed. Tradução de Ernani Pereira Xavier. Porto Alegre, Globo, [1960] 1976.

ROGERS, C; KINGET, G. **Psicoterapia e Relações humanas**. Belo Horizonte: Interlivros, 1977, V.1.

SÁ, R. Psicoterapia e a questão da técnica. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Natal, V.54, n.4, p.348-362, 2002.

SÁ, R. As influências do Existencialismo e da Fenomenologia em Psicologia. *In*: JACÓ-VILELA, A. M; FERREIRA, A. A; PORTUGAL, F.T. **História da Psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: NAU Ed, 2006.

SAFRANSKI, R. **Heidegger** - um mestre da Alemanha entre o bem e o mal (biografia). Tradução de Lya Luft. Apresentação de Ernildo Stein. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

SAPIENZA, B. **Do desabrigo à confiança**: Daseinsanalyse e terapia. São Paulo: Escuta, 2007.

SCHMIDT, M. **A Experiência de psicólogas na comunicação de massa**. 212p. Tese de (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1990.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo. Ed. Loyola, 2000.

VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

ZITKOSKI, J. **O método fenomenológico de Husserl**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.